



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO – ÁREA DE CONCENTRAÇÃO MÍDIA E
CULTURA
ANDRÉA PEREIRA DOS SANTOS

**COMUNIDADES GAYS DO ORKUT:
ENCONTROS, CONFRONTOS E (RE)CONSTRUÇÃO DE
IDENTIDADES**

Orientadora: Profa. Dra. Suely Henrique de Aquino Gomes

**GOIÂNIA
2009**



ANDRÉA PEREIRA DOS SANTOS

**COMUNIDADES GAYS DO ORKUT:
ENCONTROS, CONFRONTOS E (RE)CONSTRUÇÃO DE
IDENTIDADES**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Mídia e Cultura

Orientadora: Profa. Dra. Suely Henrique de Aquino Gomes

**GOIÂNIA
2009**

S237c Santos, Andréa Pereira dos
Comunidades gays do ORKUT : encontros, confrontos e
(re)construção de identidades. – Goiânia, 2009.
156 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Suely Henrique de Aquino Gomes

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás.

1. Gays – comunidades *online* 2. Cibercultura 3. Homoafetividade I. Suely Henrique de Aquino Gomes (Orientadora) II. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia.

CDD 306.766 2

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Andréa Pereira dos Santos CRB-1/1873

Biblioteca Professor Jorge Félix de Souza,

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

ANDRÉA PEREIRA DOS SANTOS

**COMUNIDADES GAYS DO ORKUT:
ENCONTROS, CONFRONTOS E (RE)CONSTRUÇÃO DE
IDENTIDADES**

Dissertação apresentada no Curso de Mestrado em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Mestre, aprovada em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profª. Dra. Suely Henrique de Aquino Gomes (Orientadora)
Presidente da Banca

Prof. Dr. Alecsandro José Prudêncio Ratts - IESA/UFG

Prof. Dr. Goiamérico Felício Carneiro - FACOMB/UFG

DEDICATÓRIA

À comunidade gay, aos gays e a todos aqueles que acreditam no fim de qualquer tipo de preconceito;

Às minhas avós: Maria Baíca (por rezar por mim, mesmo eu não indo vê-la na sua casa devido a falta de tempo) e Maria de Jesus (que também é minha madrinha de crisma);

Aos meus pais: Claudionor e Eronice que sempre acreditaram na minha capacidade intelectual e nunca disseram uma só palavra que me desanimasse;

Ao meu esposo Benjamim por ter compartilhado comigo essa temível e adorável aventura de se fazer mestrado, ajudando-me; mesmo tendo seu tempo tomado, também, por um mestrado;

A todos os meus tios e tias, em especial a Tia Meire e o Eduardo que torceram por mim e, em muitas vezes, me citam aos seus filhos como exemplo de vida;

Aos meus irmãos: Tuca, Pedim e Júnio que demonstraram (apesar de tentarem esconder) um grande orgulho com relação a mim;

Aos meus sobrinhos: Alecsander, João Pedro; Stéfhani; Amanda; Diogo e Maria Eduarda por alegrarem minha vida fazendo-me rir muito;

À minha sogra “Dona” Cristina que me acolheu como filha e sempre apoiou meus estudos

Aos professores do Curso de Biblioteconomia da UFG por incentivarem-me a fazer o mestrado em especial a Profa. Suely de Aquino Henrique Gomes, Profa. Maria de Fátima Garbelini e Profa. Leda Moreira Nunes Mendonça;

Aos meus ex-alunos do Curso de Biblioteconomia;

Aos meus colegas do mestrado em especial: Deyvisson (que me apresentou Foucault), Janaina, Ludmila e Serenini;

Aos meus Colegas da “Biblioteca Professor Jorge Félix de Souza”, em especial: Nelice, Arnaldo, Adenildo, Alisson, Marcelo, Rosi e “Dona” Margarida;

A todos meus primos e primas, cunhadas e muitos outros amigos, ex-colegas do Curso de Biblioteconomia

In Memoriam Gilberto Sousa do Santos, uma pessoa que não participou das minhas conquistas, mas foi responsável pela minha existência

AGRADECIMENTOS

À natureza: Leonardo Boff ao ser questionado sobre Deus, respondeu que Deus existe; mas não é um ser como pensam muitos. Deus, disse ele, está presente na natureza, nas pessoas e no amor.

A minha querida Orientadora, Profa. Dra. Suely Gomes, pela paciência, dedicação, seriedade, credibilidade, exigência e “puxões de orelha”

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, em Especial, à Reitoria, na pessoa do Prof. Paulo César Pereira e a Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação, na pessoa do Eng. Paulo Francinete da Silva Júnior, pelo apoio e concessão de licença e bolsa de estudos.

Aos professores do Curso de Mestrado em Comunicação por oferecerem disciplinas que foram essenciais para a construção dessa pesquisa, **em especial ao prof. Goiamérico Felício Carneiro** – também coordenador do programa de mestrado – por ter participado da minha banca de qualificação e ter contribuído de maneira significativa na finalização desse estudo

Ao prof. Alex Ratts, pelas contribuições a partir da banca de qualificação

Aos colegas de curso do mestrado, pela troca de informações e contribuições nos debates em sala de aula

Ao meu esposo Benjamim Pereira Vilela, por indicar obras, ser leitor e ouvidor do meu trabalho e

Ao amigo Prof. Eguimar Felício Chaveiro, por incentivar e apoiar esse casal de mestrandos nos momentos difíceis

À secretaria do mestrado na pessoa do Bibliotecário Thomaz por sempre nos manter informado e fornecer as documentações necessárias

Ao professor José Carlos Seraphin, por ter contribuído na construção dos modelos estatísticos utilizados no estudo.

Por fim, a todos aqueles que de maneira direta ou indireta contribuiriam para a realização desse estudo

“SÓ POR AMAR DIFERENTE

Puxa! você tem nojo de ver dois homens se beijando?
Eu tenho nojo de ver gente batendo em gente
de ver gente enganando gente
de ver gente matando gente
de ver gente passando fome
de ver gente negando direito de gente só por ser diferente
Disso eu tenho muito nojo
mas você pode dizer o que pensa da homossexualidade das pessoas...
é saudável falar o que pensa
desde que não desrespeite ninguém !!
e já que você está tão aberto a discutir esse assunto (o que é louvável da sua parte)
eu te proponho que você tire um pouco o "casaco de moralidade"
e sem idéias prontas imagine como seria se você fosse gay
não tenha medo
imagine você se descobrindo ser uma coisa que não queria
e lembre-se que o mundo não está preparado pra gente diferente
tente se imaginar sentido amor por outro ser humano
que infelizmente não é o ser humano do tipo que sua mãe sonhou
imagine a dor de ver que você vai ter que escolher entre sua felicidade ou a dos seus pais
ou, então, viver escondido e com medo
levando uma vida frustrada
aí você, um dia, é descoberto e é humilhado
negado e escurraçado
você esta sozinho no mundo!
e não entende porque tem que ser assim
será que amar é algo assim tão errado?
será que você é tão ruim assim?
quando você abraça seu amigo todo mundo acha fofo,
mas se você beija seu amigo você é uma aberração?
aí começa o preconceito
você é demitido
é xingado na rua por pessoas que você nem conhece
é alvo de piadas e fofocas
de repente você pensa ser um humano inferior...
só por amar diferente!
pense nisso e tente se imaginar nessa situação!
você vai ver que ninguém merece o seu "nojo"
vai sentir falta de dignidade e boa vontade
pense nisso!
vai ser no mínimo interessante
fale o que pensa,
mas pense
antes de disseminar apenas o que você ouviu a vida toda da boca de outros
pense!"

Texto extraído de um vídeo do *YOUTUBE*

RESUMO

A atualidade é caracterizada por um mundo simbólico e efêmero, denominado, pela maioria dos teóricos estudados nessa pesquisa, de Pós-Moderno. Considerando os conceitos evidentes no pós-modernismo tais como: identidades fragmentadas, socialidade, presenteísmo, vitalismo, comunidades *online* e globalização, busca-se, na presente dissertação de mestrado, refletir sobre como esses conceitos estão presentes na vida cotidiana dos indivíduos frequentadores de comunidades *online*, especialmente dos sujeitos gays. Faz-se uma leitura sobre Pós-Modernidade e identidade com os autores: Hall (2001), Giddens (2002), Bauman (2005; 2003) e Ortiz (2006), identificando os pressupostos do que venha significar viver em um mundo globalizado e culturalmente mundializado. Analisa-se as questões de gênero e tenta-se relacioná-la a homossexualidade/homoafetividade, considerando os estudos de autores como Scott (1991) e Butler (2001; 2003). Procura-se, também, teorizar, a partir de Trevisan (2002), Louro (2001; 2004), Foucault (1988; 1979), Fry e MacRae (1984) e novamente Butler (2001; 2000), sobre a história da homossexualidade/homoafetividade, demonstrando as relações sociais e de regulação que marginalizaram o sujeito gay e situar em que saberes os estudos homoeróticos estão inseridos. Em seguida, a partir dos teóricos como Levy (1999), Bauman (2003; 2001), Maffesoli (2006) e Lemos (2004; 2008; 2002), discute-se a cibercultura e o ciberespaço, extraindo-se, dali, os conceitos de comunidades estéticas, tribalismos, presenteísmo, vitalismo, hedonismo e formismo nas comunidades *online* pesquisadas. A partir dos aportes teóricos, objetiva-se compreender, a partir da análise do discurso, como são (e se são) construídas as identidades gays nas comunidades *online* hospedadas no ORKUT; compreender se as comunidades gays se tornaram guetos e/ou espaços de emancipação; conhecer os conceitos do que é ser gay nos discursos dos participantes; indicar os assuntos que mais prevalecem nos discursos promovidos pelas enquetes; conhecer o que os gays dizem de si nessas comunidades; entender se os discursos gays presentes nas comunidades contribuem para a construção de um contra discurso; identificar, na construção dos discursos, se existe, no espaço *online*, relações de poder que posicionem os discursos de cada sujeito e, conseqüentemente, suas identidades. Para que esses objetivos fossem alcançados, selecionou-se duas comunidades do ORKUT com as seguintes características: público gay masculino, brasileiras, ativas, com maior tempo de existência, contendo material (discursos) suficientes para análise e grande em número de participantes. Por fim, conclui-se que as identidades gays se revelaram diferenciadas, mesmo estando em uma comunidade *online* teoricamente “homogênea”; além disso, são identidades em constante transformação. No entanto, os discursos dos gays, em muitos casos negativos, são reflexos do sofrimento causado por conta do preconceito ainda muito presente na sociedade atual. Essas identidades, carregadas de sentidos negativos, só se emanciparão quando a sociedade, por meio da educação, desconstruir esse preconceito histórico e arraigado desde a era vitoriana.

PALAVRAS-CHAVE: Homoafetividade. Gênero. Teoria Queer. Cibercultura. Ciberespaço. Comunidades *online*. ORKUT.

ABSTRACT

The present world is symbolic and ephemeral. It is called Post-Modern by the majority of theoretical studies in this search. Considering the concepts evident in post-modernism such as fragmented identities, sociality, presentism, vitalism, on line communities and globalization, try in this study reflect how these concepts are present in the life of the individual users from on line communities, especially the gay person. So, theoretical studies by Post-Modernity and identity is possible by the authors: Hall (2001), Giddens (2002), Bauman (2005, 2003) and Ortiz (2006) for identify the assumptions that mean living in a cultural and globalized world. It examines the issues of gender and attempts to relate it with homosexuality / homoaffectivity. For this it considering the studies of authors such as Scott (1991) and Butler (2001, 2003). It is also theorized about the history of homosexuality / homoaffectivity identifying social relations that marginalized gay and locate where the knowledge studies of homoerotic are included. It done by Trevisan (2002), Louro (2001, 2004), Foucault (1988, 1979), Fry and MacRae (1984) and Butler again (2001, 2000). Then, the authors like Levy (1999), Bauman (2003, 2001), Maffesoli (2006) and Lemos (2004, 2008, 2002), discusses the cyberculture and cyberspace and identify the concepts of aesthetic communities , tribalism, presentism, vitalism, hedonism and formism in on line communities surveyed. For the theoretical contributions aims to: identify the constructed identities gays in on line communities hosted on ORKUT by speech analysis; understand if the gay communities have become ghettos and / or spaces of emancipation; know the concepts of what is to be gay from the participants speeches analysis, identify the issues that prevail in most discourses promoted by forum; know what the gays say to you in these communities; understand if the speeches were found in gay communities contribute to the construction of speech against; identifying the construction of the speeches and if there is space in on line power relationships that make the people positions. For these goals were possible, two ORKUT communities were select with the following characteristics: public gay male, Brazil, active communities in present day, with more existence years, that containing material (speeches) large enough for analysis and the sufficient participants number. Finally it is concluded that gays were different identities, So, identities are also in constant transformation. However, the gays speeches in many cases negative, are reflections of the suffering caused by the society prejudice present today. The gay prejudice is over only when the society deconstruction this prejudice through education.

KEYWORDS: Homoaffectivity. Gender. Queer theory. Cyberculture. Cyberspace. On line communities. ORKUT.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO / JUSTIFICATIVA	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1	PÓS-MODERNIDADE, ALTA MODERNIDADE OU MUNDO LÍQUIDO	20
2.1.1	Formação das identidades no mundo pós-moderno	23
2.1.2	Identidade: alcançar o impossível	30
2.1.3	Formação discursiva na construção das identidades	34
2.2	DA CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO À CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES GAYS	39
2.2.1	Gênero: a construção de um conceito	40
2.2.2	Teoria <i>Queer</i> e homossexualidade	46
2.2.3	Homossexualidade: a (des)construção histórica de um conceito sem definição	48
2.2.4	Relação entre identidade de gênero, identidade sexual e orientação sexual	57
2.3	CIBERCULTURA E COMUNIDADES <i>ONLINE</i> : NOVAS FORMAS DE SOCIALIDADE	59
2.3.1	Comunidades <i>online</i>: presenteísmo, hedonismo, formismo, vitalismo e estética	63
3	IDENTIDADE, HOMOSSEXUALIDADE E COMUNIDADES <i>ONLINE</i>	69
3.1	AS COMUNIDADES <i>ONLINE</i> – ORKUT	70
4	CAMINHO METODOLÓGICO	73
4.1	ALGUMAS DIFICULDADES ENCONTRADAS	79
5	RESULTADOS: CONSTRUÇÃO DO GAY POR ELE MESMO	81
5.1	A ESCRITA DE “SI” POR MEIO DA CONFISSÃO	87
5.2	COMUNIDADE “HOMENS QUE AMAM HOMENS”: O DESEJO DE AMAR	91
5.2.1	O amor em questão	95
5.2.2	Talkshow: conhecer o outro	100
5.2.3	Você namoraria um “cara” muito pobre?	104
5.2.4	O que você prefere na cama?	106
5.2.5	Pegar homem feio é legal?	110
5.2.6	Homens casados podem amar outro “cara”?	113
5.2.7	Namoros sérios	115
5.2.8	Estudo comprova que gays têm cérebro feminino	116
5.2.9	“Confuso” Bíblia: viver em pecado	118

5.3	“EU APOIO O CASAMENTO GAY”: A SOLIDIFICAÇÃO DO AMOR	122
5.3.1	O casamento em questão	124
5.3.2	Filhos: frutos do amor	130
5.3.3	Parada gay: festa mobilização	131
5.3.4	Família: aceitação	132
5.3.5	O que mais me irrita: homossexualidade comparada a pedofilia	134
5.4	“HOMENS QUE AMAM HOMENS” E “EU APOIO O CASAMENTO GAY”: APONTAMENTOS GERAIS	135
5.4.1	Tempo das tribos: tribalismo nas comunidades do ORKUT	135
5.4.2	As comunidades do ORKUT e a Teoria <i>Queer</i>	137
5.4.3	O banquete e o discurso sobre amor	138
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
	REFERÊNCIAS	148
	ANEXO A – COMUNIDADES GAYS DO ORKUT	154
	ANEXO B – LISTA DE TÓPICOS ANALISADOS	155

1 INTRODUÇÃO / JUSTIFICATIVA

As comunidades do ORKUT são espaços de encontro, confronto e (re)construção de identidades. Surgem a partir da necessidade dos indivíduos em criar espaços de convivência *online* que possibilitam a identificação de pontos de vista que podem ser coerentes com os outros ou, ao mesmo tempo, provocar confrontos ideológicos na eterna busca do “eu”. Tudo isso é possível porque tais comunidades propõem um modelo de comunicação mais amplo, por ser uma rede que potencializa a união e manifestação de uma infinidade de sujeitos.

A comunicação é uma necessidade constante desde os tempos mais remotos da civilização humana. A humanidade vem atualizando e aprimorando cada vez mais os meios de comunicação. Estas variadas formas comunicativas (por meio de desenho, escrita, gestos entre outros) criam práticas culturais, saberes e ideologias. Por isso, a comunicação, em suas novas formas, constitui-se em estratégia mais intensa de interação entre os indivíduos, permitindo a construção de identidades por meio de enunciados e discursos.

A comunicação midiática evolui a cada dia. E com ela, as práticas e técnicas de interação entre seres humanos, a partir dessas mídias, tem sofrido significativas transformações. Tanto no rádio como na televisão sempre houve essa tentativa em envolver o telespectador em seus programas de entretenimento e informação (PRIMO, 2008, p. 9). Entretanto, o indivíduo nesses programas de televisão e rádio, interage(gia) com mais frequência com o apresentador do que com outros telespectadores.

Existe(ia) aí, nessa interação entre televisão/rádio e telespectador um emissor que controla(va) o que poderia e não poderia ir ao ar, assim como limita(ava) o tempo de participação dessas pessoas. Mesmo com a TV digital, essa interação entre telespectadores talvez não seja total. Mas, o surgimento da Internet propiciou a “liberação do pólo emissor” (LEMOS, 2002). Assim, a interação entre os sujeitos torna-se mais próxima e sem o atravessamento ou controle da indústria da mídia.

A cibercultura e com ela o ciberespaço tornam possíveis outros modelos de interação social ou redes sociais. Estas são construídas a partir da manifestação de afeto e/ou amizade entre sujeitos que, em alguns casos, podem se conhecer fisicamente e utilizam o ciberespaço para aumentar suas redes de relacionamento, criando, muitas vezes, amizades ou namoros somente no plano *online*.

A Internet, como um instrumento tecnológico, permite ao sujeito maior interativi-

dade com o outro por meio de comunidades, tribos e fóruns que possibilitam a troca de conhecimentos entre diferentes pessoas de qualquer lugar do mundo. A partir de tal inovação, a Internet vem revolucionar a forma de relacionamento entre as pessoas.

A Internet é um sistema de comunicação rápido e que, atinente à produção de novos sentidos simbólicos, coloca-se como um meio que ultrapassa algumas barreiras de tempo e espaço. Com o surgimento dos sítios de relacionamentos: *fotologs*, *youtube* e *ORKUT* as pessoas passaram a se expor mais, seja com fotos ou mesmo com textos, nos quais, elas descrevem suas personalidades, gostos, aparências e opiniões.

A partir dessa nova forma de interação propiciada pela Internet, pode-se refletir sobre como essas práticas interferem na construção das identidades pessoais. E o mais importante é o fato de que são os próprios sujeitos que falam e dialogam sobre suas visões culturais e suas percepções sobre o meio que vivem. Tal fato é possível porque a Internet é um dos elementos de uma nova ordem mundial que contribui muito para o acelerado processo de transferência, divulgação e mundialização de diversas culturas, jeitos, identidades dos sujeitos: a globalização. Esta “acaba tendo, para a maior parte da humanidade, direta ou indiretamente, influência sobre todos os aspectos da existência: a vida econômica, a vida cultural, as relações interpessoais e a própria subjetividade” (SANTOS, 2003, p. 142).

Os sítios de relacionamento são territórios que possibilitam a integração entre várias pessoas, de várias tribos, de vários lugares numa grande rede social. Neste ambiente *online*, muitas pessoas se sentem mais protegidas para expor reflexões, dúvidas que não teriam possibilidade ou oportunidade em um ambiente *off line*. Dessa forma, é preciso investigar esse processo de relacionamento propiciado pela interação, livre do pólo emissor, e saber até que ponto isso pode interferir na construção das identidades.

Há diversas comunidades hospedadas pelo ORKUT que tratam de diferenciados assuntos propondo além da interação entre as pessoas a construção de debates. Entretanto, existem comunidades que são espaços de fluidez, efêmeras e de tribos que prezam pelo aqui e agora; ignoram a ética comunitária de bem estar e ligações duradouras, em prol de uma ética da estética¹ (MAFFESOLI, 2006).

Os ambientes *online* têm atraído a atenção de diversos pesquisadores pelo seu imenso potencial de promover novas formas de convivência e de sociabilidade, acenando para possibilidades, entre outras, de mobilização e libertação de grupos minoritários (ou maioria si-

¹ Para Maffesoli (2006) na ética da estética a duração dos relacionamentos, sejam eles como for, não têm importância. O que vale é o estar junto no presente.

lenciosas²), uma vez que, indiscriminadamente, oferece oportunidades para que se possa superar paradoxos e discursos preconceituosos. Diante de tal pressuposto, temos como exemplo estudos relacionados a homoafetividade que resultam da necessidade de se conhecer melhor a construção de identidades sexuais, na tentativa de superação de um discurso relacionado a sexualidade heteronormativa (masculinizada, genitalizada, reprodutiva).

Hall (2001, p. 12) afirma que o sujeito pós-moderno “está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. Os gays, nesse caso, são sujeitos que, vítimas de um modelo imposto por uma sociedade heteronormativa, têm tentado, de uma certa forma, reunir esses fragmentos a procura de um “eu”.

Nesse sentido acredita-se que as comunidades *online*, hospedadas no ORKUT, contribuem para a construção das identidades gays, pois permitem que esses sujeitos, reafirmem sua sexualidade por meio da interação com os outros; ao mesmo tempo em que buscam respostas sobre suas identidades, distorcidas pelos estereótipos criados pela sociedade.

Refletindo sobre o discurso em Foucault (2007), o ORKUT seria um espaço onde certos enunciados podem ser ditos, tentando, de certa forma, “resolver” ou buscar uma autoconstrução do que é ser gay. A análise dessas formações discursivas revelará que a construção de “si” emana de um conjunto de elementos coexistentes (culturais e/ou sociais) que estão impregnados nos sujeitos desde o nascimento e, a partir da criação de dispositivos, controlam a vida e criam verdades. No entanto, comunidades gays podem ser espaços de resistência, de questionamento e reconstrução conhecimentos.

Constroem-se nas comunidades do ORKUT diversas manifestações de agrado, desagradado e desejos sobre alguma coisa (Eu amo isso ou eu odeio aquilo; eu apoio isso ou sou contra isso). Logo, são criadas comunidades específicas que "arrebamham" os sujeitos a partir de gostos específicos. Assim, estas comunidades colocam em evidência aquilo que se odeia ou aquilo que se ama, por meio, principalmente, de títulos objetivos e chamativos. Formam-se, nesse sentido, discursos, saberes; importa-se preconceitos e luta-se contra eles.

No caso das comunidades gays, hospedadas pelo ORKUT, são produzidos diversos tópicos que geram discussões/enunciados sobre o que as comunidades e esses sujeitos pensam de 'si' enquanto gays e leva a reflexão sobre as seguintes questões: as comunidades

² Para Baudrillard (1993) essa sombra constitui-se da massa que se silencia diante dos acontecimentos e/ou problemas sociais. É difícil até saber suas opiniões. Talvez o ambiente *online* possa chamar atenção e libertar essa massa desse silêncio neutro, que não é nem alienador e nem libertador.

gays seriam espaços de emancipação das identidades ou seriam guetos (espaços de segregação)? Quais as problemáticas mais discutidas e abordadas nessas comunidades? Há um discurso comum? Há um conceito do que é ser gay presente nesses discursos?

Faz-se necessário questionar, também: a interação existente nas comunidades hospedadas no ORKUT possibilitam, a partir dessa nova socialidade, a construção e reafirmação das identidades por meio dos discursos e a compreensão do que é ser gay na atualidade? Os discursos, elaborados pelos gays nas comunidades do ORKUT, são ou não tentativas de superação de uma falsa "anormalidade", conferida àqueles que se declaram gays?

Não se procura encontrar identidades gays fixas, pois segundo Hall (2001, p. 13) “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente”. O mesmo autor sugere que, em vez de falar da identidade como algo acabado, deveríamos falar de identificação, porque o processo de identificação pressupõe que as identidades não estão acabadas, completas, e que, ao longo do tempo elas podem sofrer mudanças. É esta definição de identidade adotada por esse estudo.

O que pode ocorrer nas comunidades gays do ORKUT é a identificação com o outro, pois os participantes desses espaços buscam *se encontrar, se ver, se identificar* com aqueles que comungam a mesma condição gay. Então, “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir do nosso exterior” (HALL, 2001, p. 39). Esse exterior pode ser definido como um conjunto de enunciados ditos e não ditos por outros que juntos formam discursos que contribuem para a formação das identidades dos sujeitos em questão.

Existe um histórico de lutas, travadas socialmente, em prol da defesa dos direitos humanos e pelo fim do preconceito. O preconceito, seja ele racial, étnico ou sexual, pode segregar a sociedade e conseqüentemente criar guetos e promover a violência contra as minorias.

Compreender tais fenômenos torna-se uma necessidade, uma vez que por mais que haja leis contra diversas manifestações de preconceito, este ainda existe.

Pretende-se com essa dissertação, além de demonstrar as manifestações dos próprios gays com relação a construção de suas identidades, ampliar as discussões relacionadas a homoafetividade e/ou homossexualidade com a esperança de tentar contribuir para diminuição do preconceito que ainda prevalece na sociedade.

Por outro lado, procura-se também tornar visível as reflexões dos gays em busca

de uma compreensão sobre suas identidades, muitas vezes distorcidas por conta dos estereótipos³ presentes na atualidade. Por fim, a partir da análise do discurso dos participantes das comunidades gays do ORKUT, procura-se examinar as amarras que permitem que certos discursos sejam proferidos e outros não, conforme idéias postuladas pela análise arqueológica de Michel Foucault⁴.

Assim, optar pelo estudo da construção de identidades gays em comunidades do ORKUT, leva à reflexão sobre o porquê os homossexuais são, há tempos, parte de uma minoria excluída e estigmatizada pela sociedade (ANJOS, 2000, p. 276). Dessa forma, o presente texto evidencia alguns conceitos teóricos que, em conjunto com as análises dos resultados, demonstra que há uma necessidade de que os estudos sobre homossexualidade, homoerotismo e/ou homoafetividade sejam discutidos com mais abrangência; principalmente nas instâncias educacionais e familiares.

Deve-se esclarecer que existem muitas divergências na utilização de termos para se denominar pessoas atraídas por parceiros do mesmo sexo. Costa (1992, p. 25) discorda do uso da palavra homossexualidade, por entender que este termo tem seu “sentido subordinado ao contexto discriminatório em que apareceu”. Nesse contexto, o autor prefere utilizar em seu estudo a palavra homoerotismo.

Como se verá mais adiante, autores como Trevisan (2002) utiliza tanto o termo homossexual como, também, a palavra gay. Da mesma forma Gois (2003); Pino (2007); Fry e MacRae (1984); Louro (2001) e diversos outros autores, também utilizam o termo “homossexual e homossexualidade” em suas abordagens.

Todavia, Vidal et al (1998, p. 7) revela que “nos movimentos de reivindicação homossexual, utiliza-se o termo gay⁵ que, intencionalmente, procura expressar o orgulho de ser homossexual”. Já outros autores como Castells (2002) utilizam o termo homoafetividade. Além desses termos, aparece a utilização do termo 'homocultura’ por Fernandes (2007) e Alonge (2006).

³ Identificou-se nessa pesquisa, tanto na fundamentação teórica quanto nas falas dos gays diversos exemplos de estereótipos relacionados aos gays a saber: pedofilia relacionada ao gay, gay quer ser mulher, gay só pensa em sexo e promiscuidade, gays são escandalosos etc.

⁴ Para Foucault em "Arqueologia do saber" não existe a entrelinha. O que foi dito está dito. O que existe então para Foucault é um discurso que foi dito e outro que não foi dito. E esse não dito não é a entrelinha escondida no discurso do tipo "disse sem querer" ou "quis dizer". Na análise do discurso das comunidades ORKUT, poderia se realizar a mesma pergunta feita por Foucault em seu livro já citado "Como apareceu um enunciado e não outro em seu lugar?" (FOUCAULT, 1997, p. 31).

⁵ Na tradução do inglês para o português, a palavra gay quer dizer: alegre, divertido.

Diante dessas divergências, optou-se por respeitar nos estudos de cada autor o termo por eles utilizado; porém, ao longo desse trabalho, adota-se com mais frequência o termo gay e homossexualidade. O primeiro por se referir especificamente ao sujeito cujo sexo biológico é masculino (público escolhido para pesquisa) e o último por ainda ser um termo em constante uso pelos pesquisadores de uma maneira geral. Mas, também, utiliza-se o termo homoafetividade para demonstrar que as relações amorosas entre os gays vão além da prática sexual.

Para esse estudo, escolheu-se as comunidades gays hospedadas pelo ORKUT, pois este é a comunidade *online* mais popular do Brasil, segundo o Ibope NetRatings (2007)⁶, e, também, por ser rica em material, por conter textos, enquetes e fóruns.

O material de análise se baseia nos discursos, em forma de fóruns, postados pelos gays que serão analisados à luz da formação discursiva de Michel Foucault (1988, 2007, 2007b); considerando que os discursos proferidos naquele ambiente são resultados de um conjunto de enunciados coexistentes. Em conjunto com Foucault, autores como Fairclough (2001); Bakhtin (1979 e 2003) e Pêcheux (1993 e 2002), também, trazem grandes contribuições no entendimento da Análise do Discurso e da construção social do discurso essenciais a este estudo.

No presente trabalho, se propõe, também, refletir sobre a sexualidade como saber disciplinador de poder que institui um campo de luta entre a sexualidade hegemônica e aquelas dissidentes que rompem e desafiam, conceitualmente, as normas identitárias baseadas na dualidade de gênero. “Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos, facilmente, sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 1987, p. 125).

E nessa microfísica do poder dominante sobre o corpo foi construído um poder-saber que tinha (tem) como intuito controlar as práticas ditas irregulares dos indivíduos. Assim, mesmo que em *Vigiar e punir*, Foucault (1987) não se refira, com relação ao controle disciplinar do corpo, a questão da sexualidade, percebe-se que esta obra é ponto de partida para que esses dispositivos sejam melhor abordados em “História da sexualidade: a vontade de saber” (FOUCAULT, 1988).

⁶ Fonte: Marketing e comunidades digitais: do discurso ao diálogo. <http://www.ibope.com.br/>. Acesso em junho de 2007.

Um estudo desta natureza poderá trazer à tona os códigos que estes sujeitos utilizam em seus relacionamentos no ciberespaço, revelar como esta vivência é representada e em que medida ela constrói identidades, caracterizadas por uma contra-sexualidade, conforme apontada por Manso e Félez⁷.

Desta forma, define-se como objetivos específicos: Identificar, a partir da análise do discurso, como são (e se são) construídas as identidades gays nas comunidades hospedadas no ORKUT; Compreender se as comunidades gays se tornaram guetos e/ou espaços de emancipação; Conhecer os conceitos do que é ser gay nos discursos dos participantes; Identificar os assuntos que mais prevalecem nos discursos, promovidos pelas enquetes; Conhecer o que os gays dizem de si nessas comunidades; entender se os discursos gays, presentes nas comunidades, contribuem para a construção de um contra discurso aos discursos presentes na sociedade; Identificar, na construção dos discursos, se existe no espaço *online* relações de poder que posicionem os discursos de cada sujeito e conseqüentemente suas identidades.

Esta dissertação está dividida da seguinte forma: No primeiro capítulo apresenta-se a introdução com a apresentação geral do trabalho, proposto e integrando, por sua vez, outras três partes, sendo a delimitação do problema, a hipótese e o objetivo geral e os objetivos específicos. No segundo capítulo foi feita a fundamentação teórica do tema proposto, a fim de compreender as questões relacionadas à pós-modernidade, identidade, gênero, homoafetividade, homossexualidade e cibercultura. No terceiro capítulo fez-se a revisão de literatura demonstrando outros estudos sobre homossexualidade e ambientes *online*. Em seguida, o quarto capítulo apresenta a metodologia aplicada e por fim, o quinto e último capítulo, com os resultados da pesquisa. Resultados esses que representam um diálogo entre a teoria e as questões sociais propriamente ditas.

⁷ Ver: <<http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?id=804&llengua=es>>. Acesso em 31 de janeiro de 2008.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A construção das identidades na Pós-modernidade tem provocado vários debates entre os pesquisadores devido, principalmente, ao estabelecimento de uma luta entre uma diversidade de identidades, que são disponibilizadas aos sujeitos e, ao mesmo tempo, a procura por um "eu", que se identifique nas singularidades e individualidades de cada um.

Vive-se o paradoxo da unificação versus a fragmentação. A partir de algumas reflexões em Giddens (2002), Bauman (2005, 2003) e Stuart Hall (2001) busca-se entender como a construção de identidades ocorre na sociedade atual. O que se apreende é que essa construção, conforme Giddens (2002) e Bauman (2005), não é igual para todos os sujeitos. Observa-se, também, que assim como uma diversidade de identidades, a livre escolha do sujeito pode torná-lo descentrado, conforme pontuado por Hall (2001); por outro lado, a falta de escolha pode torná-lo fracassado pensa Giddens (2002). Esse debate consigo mesmo, pode provocar no sujeito um descentramento e uma constante busca por "si" mesmo nesse universo de oportunidades do "eu".

Com relação à construção das identidades de gênero e/ou identidade sexual, busca-se, primeiramente, delinear como essa identidade é constituída. Para isso, utilizou-se das categorias abordadas por Scott (1991) e Butler (2001; 2003) para o entendimento da construção das identidades de gênero e sexual. Procura-se, também, falar de gênero, não a partir do determinismo biológico e, sim, a partir dos conceitos culturais e sociais da formação das identidades sexuais e entender como funciona essa construção na sociedade atual.

Falar de gênero não significa tentar encontrar nos estudos sobre homoafetividade uma definição de papéis claros de masculino ou de feminino. Mas, sim, contribuir para o entendimento do que se entende, hoje, por heteronormatividade e conseqüentemente a proposta de "anormalidade" da homossexualidade tão presente. Nesse sentido, necessita-se, para entender a construção das identidades gays, saber como se permeia a discussão sobre a construção dos gêneros e se a homoafetividade pode ser inserida nesses estudos.

A discussão sobre a homossexualidade baseia-se principalmente nos trabalhos de: Trevisan (2002), Foucault (1988; 1984), Gois (2003), Louro (2001; 2004) e Fry (1984; 1982). Esses autores são importantes na construção histórica e teórica dos estudos da sexualidade e homossexualidade no Brasil e no mundo. Nessa questão, o que interessa é compreender, embasar e problematizar a questão da homossexualidade no Brasil.

Não em busca de uma gênese da marginalidade imposta aos homossexuais e muito menos justificar biológica, sociológica ou psicologicamente a razão de um sujeito ser ou se declarar gay. Sendo assim, a discussão histórica e teórica sobre a homossexualidade tenta identificar as relações ou irrupções de acontecimentos que permitem o aparecimento de determinados discursos⁴ e não outros em seu lugar e, também, contribuir para a problematização da questão gay nos dias atuais.

A seção sobre cibercultura tem como finalidade discutir a gênese desse novo tipo de sociabilidade (ou socialidade) no mundo atual (MAFFESOLI, 2006). Para tal, o primeiro passo é saber o que é a cibercultura e o que significa se relacionar no ambiente *online*. Autores como Maffesoli (2006), Pierre Levy (1999), André Lemos (2004; 2008; 2002) e Castells (1999) são os principais aportes para a discussão dessa temática.

Igualmente, é necessário ter claro o conceito de comunidade e tribo e sua aplicabilidade nas comunidades gays do ORKUT. Os principais autores que contribuem para esse entendimento são Bauman (2003) e Maffesoli (2006).

Esse conjunto textual permitirá compreender, teoricamente, como ocorre (ou não), a construção de identidades gays nas comunidades virtuais do ORKUT. Busca-se uma interface entre teoria e análise do objeto, a partir dos discursos dos frequentadores das comunidades gays do referido ambiente *online*.

2.1 PÓS-MODERNIDADE, ALTA MODERNIDADE OU MUNDO LÍQUIDO

A história da humanidade, de maneira superficial, é marcada pelos períodos Pré-Histórico, Antiguidade, Idade Média, Modernidade e para alguns autores Pós-Modernidade. Cada um desses períodos ainda são subdivididos em outras categorias. A passagem de um período histórico para outro sempre causou dúvidas entre os estudiosos. O que se pode afirmar, no entanto, é o fato de não haver uma ruptura entre um período e outro, ou seja, as rupturas não ocorrem de um dia para outro.

Na verdade, o que ocorre e sempre ocorreu, foram processos; os quais, de maneira lenta ou mais rápida, marcaram os períodos de transição entre uma era e outra. Esses processos, segundo Foucault (2007), não acontecem, necessariamente, de maneira linear e sim deve-

⁴ Para Foucault (2007), o sujeito não é dono do discurso. O discurso, então, é resultado de uma rede de relações de enunciados e são esses enunciados que permitem o dito e o não dito. São essas relações que se busca nos aportes teóricos mencionados.

se considerar as descontinuidades dos acontecimentos.

Existem indícios que fortalecem e contribuem para didaticamente ser possível marcar de maneira mais clara e simples essas transições. Por exemplo: o declínio do feudalismo e início da sociedade escravista marcam o fim da Alta Idade Média e começo da Idade Moderna. Da mesma forma, o fim do escravismo e a industrialização marcam o início do sistema capitalista. Sendo assim, o que marca essa era Pós-Moderna, como quer alguns autores, é, além de diversas outras coisas (industrialização, novas descobertas científicas, produção de bombas atômicas), a globalização e a mundialização da cultura (ORTIZ, 2006).

Essa globalização de idéias, culturas e jeitos tem o poder de interferir na formação das identidades pessoais. As culturas locais, agora, são vistas, apreciadas, e até mesmo apropriadas por qualquer um com acesso aos instrumentos fabricados pela indústria do capital global. Enquanto que esse processo que Ortiz (2006, p. 30) chama de mundialização “é um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais. Para existir, ele deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens, sem o que seria uma expressão abstrata das relações sociais”.

Tais inferências levam a crer que mundo de hoje não é sem fronteiras, segundo Ortiz (2006, p. 220) e, sim, um mundo em que, para o autor, ao romper com essa geografia tradicional, cria novos limites. Assim, acredita-se que são esses novos limites que influirão no aprendizado e na construção de novas identidades.

Escolhe-se chamar o período atual em que se vive de Pós-Modernidade, termo adotado por Hall (2001) e outros diversos pesquisadores não citados nessa pesquisa. Outrossim, ressalta-se que existem outras denominações para expressar o atual contexto que se vive. Giddens (2002) chamará o processo atual de Alta Modernidade.

A preferência do autor por esse termo leva em consideração o fato da Idade Média ter sido dividida também em Alta e Baixa idade Média. Diferente de "Pós-Modernidade", o termo "Alta Modernidade" não propõe uma visão de algo acabado, "pós alguma coisa, depois de algo" e, sim, mostra que vivencia-se um tempo de "pleno acontecimento".

Fala-se, vive-se o ápice do que é ser moderno e modernidade significa atualidade. No entanto, preferiu-se manter o termo "pós-modernidade", pois parece ser o mais adotado entre os pesquisadores na atualidade e não é finalidade desse trabalho defender uma terminologia em prol de outra. No entanto, ressalta-se que em alguns momentos desse texto, utiliza-se o termo Alta Modernidade em respeito as formulações propostas por Giddens (2002) que

nomeia o estado atual dessa maneira.

Essa Pós-Modernidade propicia vários debates e, também, grandes questionamentos. O mundo atual instiga a dúvida e a contestação. Até mesmo o pensamento científico e as descobertas estão constantemente sendo colocadas em xeque; por causa da intensa circulação de estudos e descobertas científicas entre os pesquisadores. Criam-se pólos de idéias pela visibilidade amplificada e eles tendem a criar campos de tensão. Não existe verdade absoluta. "A reflexividade da modernidade opera não numa situação de certeza cada vez maior, mas numa situação de dúvida metódica" (GIDDENS, 2002, p. 82).

A cultura global criada, recriada e difundida tem um propósito: alimentar o capital. Com as facilidades da era da globalização, surge uma cultura fácil e rápida de ser consumida que é a de de massa. A cultura de massas, na visão de Guattari e Rolnik (1996, p. 16), produz indivíduos normalizados, segundo sistemas que hierarquizam os consumidores a partir do seu poder de compra.

No entanto, essa hierarquização não é totalmente explícita como na etologia animal⁸ ou como em sociedades arcaicas e/ou tradicionais. São, ao contrário, invisíveis para que os sujeitos não percebam de imediato.

A cultura de massa disfarça uma falsa "democracia" fantasiada. Não distingue claramente ou diretamente quem pode ou não consumir. No entanto, "invisivelmente", ela polariza quem consome mais e quem consome menos. Ela produz o tipo de consumo ideal para cada grupo social.

De maior ou menor escala "todos" consomem de maneira individualizada. Guattari e Rolnik (1996) chamarão essa cultura de um conceito reacionário, pois é uma cultura contrária à liberdade ou pelo menos disfarça uma falsa liberdade de consumo. A cultura, que agora tende a ser globalizada, vai influenciar na formação das identidades dos sujeitos.

Segundo Castells (2002, p. 22) a "identidade é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou, ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(em) sobre outras fontes de significados". Antes, essas identidades eram formadas no seio familiar e religioso, hoje, numa era de cultura global, as identidades sofrerão interferências de outros meios como pode ser visto no próximo tópico.

⁸ Quando Guattari e Rolnik falam em "etologia animal" pretendem explicitar que, no caso do ser humano, a etologia (ou comportamento) vai além das escalas biologicamente motivadas. Nos seres humanos essa etologia é motivada biologicamente, socialmente e culturalmente.

2.1.1 Formação das identidades no mundo pós-moderno

Falar de construção de identidades no mundo atual, seja ele chamado de Pós-Modernidade conforme Hall (2001), ou Alta Modernidade, conforme Giddens (2002) ou até mesmo Modernidade Líquida, segundo Bauman (2001), não é de forma alguma um exercício fácil, principalmente pelas seguintes razões: as pessoas estão inseridas em um contexto de construção de identidades globalizadas; as identidades estão em constante mutação; vive-se, hoje, uma profusão de símbolos imagéticos, performáticos, religiosos, midiáticos que têm como implicações costurar uma consciência baseada no poder do *status*, no narcisismo, no senso de sucesso, na competição e na posse de bens e coisas. E por fim, vive-se um embaralhamento simbólico instituído pela ciência, indústria e o mercado por meio de novos meios tecnológicos.

Esse embaralhamento aturde o sistema perceptivo do sujeito contemporâneo; leva-o a se perguntar sobre o que está ocorrendo com ele e com o mundo e o coloca para esculpir a sociabilidade, mediante outros artefatos que redirecionam as identidades. Levando-se em consideração todas essas transformações sociais é importante que se faça algumas reflexões acerca da construção das identidades. Hall (2001, p.10-13) resume as três concepções de identidade na história: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Segundo ele, o sujeito do Iluminismo era centrado, dotado das capacidades de razão e permanecia o mesmo desde o momento do nascimento até seu desenvolvimento.

Com relação ao sujeito sociológico este "refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto suficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele". A pluralidade de mídias e a ligação das partes com o todo (globalização) fazem emergir o sujeito pós-moderno "composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas" (HALL, 2001, p. 13). Maffesoli (2006) refere-se a esse sujeito pós-moderno como *persona*.

Entretanto, apesar das características sustentadas no sujeito pós-moderno, crê-se que na atualidade o sujeito sociológico não foi superado ou extinto pois, ainda é necessário a interação com o outro (ou outros) para criar essas identidades, mesmo que fragmentadas. Tal fato porque vive-se no mundo da interatividade, propiciado pela cibercultura e pelo ciberespaço. Porém, essas relações são características do mundo pós-moderno, ou seja, cada vez mais

efêmeras e mais diversificadas, marcadas por transformações cada vez mais aceleradas.

As mídias, com sua profusão de símbolos imagéticos que bombardeiam uma grande parte da população consumidora do planeta, transformam as identidades em produtos de consumo a venda em novelas, cinema e até na Internet. São as chamadas identidades *prêt-à-porter* (ROLNIK, 1997, p. 03). E até mesmo segmentos estigmatizados pela sociedade transformam-se em consumidores reais do mercado capitalista. Daí, vemos surgir, boates gays, viagens para idosos e assim por diante.

Giddens (2002, p. 13) afirma que "quanto mais a tradição perde seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstruída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de uma diversidade de opções". Vive-se, pois, em um mundo onde o excesso de identidades força o indivíduo a construir e reconstruir seus "eus", para que ele possa fazer parte deste grande universo de personalidades e diferentes estilos de vida que mudam a todo instante e altera constantemente suas identidades. "As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno" (HALL, 2001, p. 07).

A visibilidade a essa diversidade cultural é levada a efeito por meio da mídia, seja ela televisiva, impressa ou Internet. A cultura da mídia, segundo Kellner (2001, p. 29) permite que se esteja rodeado "por novas tecnologias, novos modos de produção cultural e novas formas de vida social". No entanto, afirma Giddens (2002, p. 13), "por causa da 'abertura' da vida social de hoje, com a pluralização dos contextos de ação e a diversidade de 'autoridades', a escolha de estilo de vida é cada vez mais importante na constituição da auto-identidade e da atividade diária". Refletindo sobre a construção das identidades gays, nas comunidades virtuais do ORKUT, pode-se imaginar que os sujeitos freqüentadores daquele ambiente (in)conscientemente estão em busca dessa auto-identidade "reflexivamente organizada" (GIDDENS, 2002, p. 13).

A teia de ligação promovida pela globalização é tão ampla que, conforme afirma Giddens (2002, p. 36) "pela primeira vez na história humana, "eu" e "sociedade" estão interrelacionados num meio global", ou seja, uma diversidade de "eus" são vistos, muitas identidades estão postas em discussão. Cada identidade interfere no global e este interfere, cria e recria as identidades individuais, levando a sociedade a imaginar diferentes possibilidades de vida e convivência comunitária.

Giddens (2002, p. 37) assinala que a ansiedade vivida nos dias de hoje não é marcada exclusivamente pela alta modernidade. "Ansiedades e insegurança afetaram outras épocas além da nossa e é provavelmente pouco justificável supor que a vida em culturas menores e mais tradicionais tenha um teor mais equilibrado que o de hoje. Mas o conteúdo e a forma das ansiedades predominantes certamente mudaram". Nesse sentido, seja qual for a época, a humanidade sempre buscou respostas para suas inquietações e suas dúvidas e estas nunca foram completamente resolvidas.

Outrossim, Giddens (2002, p. 37) diz que "a reflexividade da modernidade se estende ao núcleo do 'eu'. Posto de outra maneira, no contexto de uma ordem pós-tradicional, o eu se torna um *projeto reflexivo* [grifo do autor]". Esse projeto reflexivo do 'eu', pelo que se apreende, vai ao encontro dos processos de identificação pronunciados por Hall (2001, p. 39), pois, entende-se que a busca por identidade é um "processo em constante andamento".

A idéia de um projeto reflexivo do 'eu' e dos processos de identificação e/ou formação de identidades em constante andamento é uma máxima do que se conhece por alta modernidade. Principalmente, porque é na alta modernidade que a cultura da mídia ganha força. E a Internet é a mídia que mais aproxima tanto tribos diferentes quanto tribos iguais, ou seja, em fóruns de discussões e enquetes é que se materializa as reflexões do "eu".

Essas reflexões do 'eu' leva a construção das auto-identidades. Giddens (2002, p. 54), define auto-identidade como pressupondo uma consciência relativa, aquilo de que o indivíduo está consciente. Assim, auto-identidade está presente rotineiramente nas reflexões de cada um.

Essa autoconsciência é buscada tanto em terapias psicológicas quanto nos movimentos dos indivíduos em suas tribos, seja em comunidades *online* ou em outros espaços tais como Raves, clubes LGBTTS – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Simpatizantes, dentre outros. Tal realidade instiga ao que Giddens chama de segurança ontológica.

Ser uma "pessoa" não é apenas ser um ator reflexivo, mas ter o conceito de uma pessoa (enquanto aplicável ao eu e aos outros). O que se entende por "pessoa" certamente varia nas diferentes culturas, embora haja elementos dessa noção que são comuns a todas elas. A capacidade de usar "eu" em diferentes contextos, característica de toda cultura conhecida, é o traço mais fundamental das concepções reflexivas da pessoa (GIDDENS, 2002, p. 54).

Entende-se, a partir dessa afirmação de Giddens (2002), que o sujeito não deve ser

uma parte isolada da sociedade e, sim, fazer parte dessa, formando um todo. Pertencer reflexivamente à modernidade tardia não quer dizer, como visto anteriormente, que temos uma identidade pronta e acabada. "Psicologicamente, nós continuamos buscando a identidade e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos "eus" divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude" (HALL, 2001, p. 39).

A velocidade das idéias que circulam na modernidade tardia, obriga os indivíduos a estarem em constante reflexão. "O que fazer? Quem ser? São perguntas centrais para quem vive nas circunstâncias da modernidade tardia - e perguntas que, num ou noutro nível, todos respondemos, seja discursivamente, seja no comportamento do dia-a-dia" (GIDDENS, 2002, p. 71). A dúvida metódica, dessa forma, assola tanto a reflexividade da ciência e das descobertas científicas como a própria caracterização do "eu" na formação das identidades.

Para que o sujeito forme sua identidade ou trabalhe com a auto-identidade, reflexivamente, ele passa pelo processo de subjetivação. A subjetividade é característica a cada indivíduo, porém para que os processos de subjetivação ocorram, os indivíduos a constroem a partir da convivência e interação com os outros.

Dessa forma, sem dúvida as novas tecnologias da comunicação facilitam o encontro entre sujeitos ampliando e diversificando os contatos e convivência de uns com os outros. As infovias, segundo Rolnik (1997, p. 19), formam comunidades gigantescas que compartilham e produzem idéias, gostos sempre cambiantes num grande coletivo anônimo.

Esse processo de subjetivação está diretamente ligado a formação das auto-identidades, ou seja, o projeto reflexivo do ser passa pelo processo de subjetivação. E esse processo é que contribuirá para formação do "eu" ou "eus" que se deseja ser, pois, a subjetivação é que leva cada sujeito a auto-reflexão ou projeto reflexivo do ser e reafirma suas condições de existências.

Assim como as identidades, os processos de subjetivação estão em constante mutação. Os sistemas capitalísticos⁵, em conjunto com outros elementos, têm papel fundamental na formação dessas subjetividades. Para Guattari e Rolnik (1996, p. 25) antes, nas comunidades tradicionais, as máquinas de produção de subjetividades eram diferentes, mais territorializadas. Enquanto que, nos sistemas capitalísticos atuais, a produção é em larga escala a nível

⁵ "Guattari acrescenta o sufixo "ístico" a capitalista por lhe parecer necessário criar um termo que possa designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também setores do "Terceiro Mundo" ou do capitalismo "periférico", assim como as economias ditas socialistas dos países do leste, que vivem numa espécie de dependência e contradependência do capitalismo". (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 15).

industrial e a produção e a cultura passam a ser mais desterritorializadas, ou seja, os bens antes locais são consumidos e assumidos por diferentes locais, ganhando novas características.

Como se observa o projeto reflexivo do "eu" em conjunto com os processos de subjetivação e ambos sendo modelados pelos rápidos processos globalizantes e capitalísticos é que leva esses sujeitos a construção e reconstrução de suas identidades. Dessa forma, ao se apropriarem de elementos de culturas locais diferentes, eles alteram e adequam esses produtos a realidade e gosto local (ORTIZ, 2006).

A globalização, apesar de abrir um leque muito diversificado de idéias, pessoas, interesses, imagens e símbolos contribui para aproximação de idéias e estilos de vidas convergentes. Para Rolnik (1997, p. 19), a globalização intensifica e mistura as identidades. De um lado, cria kits de perfis-padrão de acordo com cada sujeito consumidor. Os estilos antes únicos e exclusivos cedem lugar ao consumo global independente de fronteiras geográficas, criando-se, assim, uma cultura de consumo mundial.

O que ocorre, conseqüentemente, é uma construção, reconstrução, afirmação, reafirmação de identidades, não mais estanques e, sim, velozes e diversificadas como o mercado. E o próprio sistema de consumo "vende", ele mesmo, estilos de vida e modos de ser. Além disso, Giddens (2002, p. 81) discute que "a seleção ou criação de estilos de vida é influenciada por pressões de grupo e pela visibilidade de modelos, assim como pelas circunstâncias socioeconômicas". Isso significa que a escolha por estilos de vida não é para todos, mas depende dos variados contextos que vivem cada sujeito.

Então, pode ser mais difícil para um gay pobre que não tem acesso às tecnologias que permitiriam a ele ter contato com outros na mesma condição, (re)construir seu 'eu' reflexivo e conviver com sua sexualidade. Principalmente, porque se ele vive em um meio em que as pessoas têm menos acesso a informação, provavelmente o preconceito será maior.

E esse sujeito não gozaria do que Giddens (2002) chama de segurança ontológica. Isso porque é preciso de educação e informação para se entender a sua própria condição. Mesmo porque, uma sociedade preconceituosa não discute e não informa sobre essas sexualidades. E sem informação/educação fica mais difícil refletir sobre si.

A Alta Modernidade expõe os sujeitos a inseguranças. O contato com uma diversificada confusão de identidades, jeitos e modelos de vida causa angústia. Esta, conseqüentemente, leva os sujeitos a procurarem por terapias. Antes, segundo Giddens (2002, p. 166), quando as pessoas se sentiam miseráveis, sem chão ou angustiadas procuravam

consolo na igreja. Hoje, procuram, também, por psicanalistas e psicólogos na tentativa de encontrar o seu 'eu'. Essas terapias tendem a criar indivíduos confiantes e prósperos e com uma constante sensação de bem estar independente de credo ou religião.

A variedade de identidades disponíveis transforma os indivíduos em sujeitos des- centrados, conforme já analisado por Hall (2001). Se antes havia um porto seguro, um centro, dado pela igreja, família, na Alta Modernidade, a esses elementos são acrescentados outros disponíveis por meio das mídias. Nesse contexto, podem surgir doenças psíquicas comuns a essa confusão de símbolos: pânico, depressão, dentre outras.

É interessante notar, na discussão de Giddens (2002, p. 175), o paradoxo na mo- dernidade entre unificação e fragmentação das identidades. "A modernidade fragmenta; e também une. Desde o nível do indivíduo até o dos sistemas planetários completos, tendências à dispersão competem com as que promovem a integração". Para Bauman (2005, p. 84), "A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação". Da mesma forma que sempre existiram na tradição guetos sociais, marcados por um local fixo, que unia sujeitos com os mesmos ideais; o que diferencia na modernidade é ampliação de um espaço que vai além do físico, fazendo surgir um espaço *online*, com fronteiras mais abertas.

Esse, em escala planetária, une os sujeitos limitados a um espaço físico, inclusive os que estão fisicamente separados por um oceano. Refletindo sobre as idéias de Giddens (2002, p. 175), observa-se que a diminuição das barreiras físico geográficas abre não somente novas opções de comportamento, mas, principalmente, coloca o mundo viável para o indiví- duo:

Mas seria um equívoco ver o mundo lá fora como intrinsecamente alienante e opres- sivo só porque os sistemas sociais são de larga escala ou espacialmente distantes do indivíduo. Tais fenômenos podem ser mencionados para fornecer influências unifi- cadoras; eles não são apenas fragmentadores em seu impacto sobre o "eu". Eventos diferentes podem tornar-se tão familiares ou até mais familiares que influências pró- ximas, e podem ser integrados nos quadros de referências da experiência pessoal. Si- tuações próximas podem na verdade ser mais opacas que acontecimentos de larga escala que afetam muitos milhões de pessoas.

Essa busca por unificação caminha para o que se entende por processo de identifi- cação (HALL, 2001, p. 39). Observa-se tal situação nas comunidades virtuais hospedadas pe- lo ORKUT, ou seja, imagina-se que lá se encontram diferentes pessoas, de diferentes lugares mas com compreensões parecidas ou não. Esses sujeitos vão em busca da (re)afirmação de

suas identidades e, também, em busca de pontos de vistas que podem (ou não) ser diferentes do seu, ampliando sobremaneira o seu universo.

A fragmentação ocorre ao se deparar com uma comunidade em que o assunto ou tema é comum (como, por exemplo, as comunidades gays) e que, entretanto, há diferentes sujeitos, diferentes modos de ser e pensar a homossexualidade. Um outro exemplo é quando tem-se que assumir diferentes papéis identitários na vida cotidiana, ou seja, ter uma identidade enquanto profissional, enquanto mãe, esposa e assim por diante.

A esse respeito Giddens (2002, p.176) acredita que as diversas situações e papéis sociais vivenciados pelos indivíduos demandam ajustes constantes do 'eu' às circunstâncias em que o indivíduo se encontra.

A alta modernidade, nesse sentido, propicia, ao indivíduo, diversas vidas em um só corpo a um só momento, obrigando-o a adotar diversos papéis em sua vivência pessoal. Muitos sentimentos se misturam: na sociedade moderna, tem-se uma variedade de opções e estilos de vida, essas mesmas opções causam o desconforto da dúvida de imaginar qual é a identidade que se deve assumir em determinada situação.

Viver nessa diversificação causa impotência, conforme Giddens (2002, p. 177), principalmente, devido à impossibilidade do indivíduo de controlar as inúmeras variáveis que constituirão seu 'eu'. Conforme o autor, esse controle passou para agências externas. São essas agências que sempre criam e recriam os modelos de vida ditos corretos: seja enquanto trabalhador ou enquanto pai.

Voltar a viver em ordem pré-moderna, obrigaria os indivíduos a estarem presos a um determinado grupo por falta de opção, pois existe a interferência do bloqueio físico que, nesse caso, é maior. Delimitados aos grupos locais, os sujeitos tornam-se impotentes para fazerem mudanças ou lutar contra circunstâncias sociais que não satisfaçam suas necessidades (GIDDENS 2002, p. 178).

Vive-se, também, conforme assinala Giddens (2002, p. 180), entre a autoridade e a incerteza. A autoridade, segundo o autor, perpassa um sentimento de segurança. Mas, não ao ponto de remover a incerteza da vida cotidiana, mesmo nas comunidades tradicionais. Algumas formas de autoridade tradicional, inclusive a religião, ainda persistem nos dias atuais. Mas, estas são apenas algumas entre tantas outras que fazem parte de um pluralismo indeterminado de especializações. Essa situação pode desencadear, conforme assinala Giddens (2002, p. 182), estados psicológicos de imobilismo dos indivíduos frente à angústia e dúvidas

universais.

Um outro dilema enumerado por Giddens (2002, p. 182) é a experiência personalizada versus experiência mercantilizada. Ele diz que "A modernidade inaugura o projeto do "eu", mas sob condições fortemente influenciadas pelos efeitos padronizadores do capitalismo mercantil". Isso leva, segundo o autor, ao estabelecimento de estilos de vida.

Pelo que se pode perceber, apesar do autor colocar a experiência personalizada versus a experiência mercantilizada, uma parece completar a outra, pois conforme afirma o próprio autor "a padronização pode, muitas vezes, ser transformada num modo de criar qualidades individuais". Ou seja, apesar do mercado indicar modelos produzidos em massa, tem-se, de certa forma a "liberdade" de se criar, por exemplo, estilos de se vestir. Entretanto, logo o mercado também se apodera desse novo estilo transformando-o em universal.

2.1.2 Identidade: Alcançar o impossível

Para Bauman (2005, p. 16), a busca de identidades é uma tarefa intimidadora de alcançar o impossível. Essa grande teia de relações, de pessoas, de modo de ser e viver expõem infindáveis identidades a escolha do sujeito. É, também, função do mercado disponibilizar variados estilos de vida de forma circular, para que o capital seja sempre alimentado infinitamente, seguindo um modelo rizomático*.

Bauman (2005, p. 18) discute que "em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados". O que causa, com isso, mudanças instantâneas de jeitos e gostos.

"As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas" (BAUMAN, 2005, p. 19). Essa defesa alertada por Bauman (2005) expõe claramente o perigo de que nessa busca desenfreada o sujeito se perca completamente. E, ao se perder, em meio a esse mar de opções de vida, é que surgem as patologias ocasionadas pela crise de identidade, justamente pela permanente flutuação ocasionada por esse sistema.

* Segundo Guattari e Deleuze, uma estrutura rizomática é um sistema de multiplicidade, um sistema de bifurcações como um verdadeiro rizoma, uma extensão ramificada em todos os sentidos, sem centro (LEMOS, 2004, p. 136).

Bauman (2005, p. 35) sugere que a busca por identidade vem do desejo de segurança. Essa busca deve ser constante, uma vez que, conforme o autor, a identidade fixa causaria insegurança e impotência. Assim, a própria construção e reconstrução das identidades é uma forma do sujeito se mostrar vivo e participante do mundo. “Uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade. Seria um presságio da incapacidade de destravar a porta quando a nova oportunidade estiver batendo” (BAUMAN, 2005 p. 60). A flutuação identitária seria uma estratégia do indivíduo para estar sempre livre no intuito de vivenciar novas experiências e aproveitar as oportunidades que surgirem, embora com o perigo da pulverização do “eu”.

Até mesmo o mercado de trabalho busca por sujeitos que se adéquem às necessidades impostas pelo mundo moderno e, conseqüentemente, pelo capital. Profissionais que não se atualizam correm o risco de ter menos sucesso do que aqueles que estão em constante atualização.

Para Bauman (2005), existem sujeitos que vivenciam uma realidade baseada em uma identidade mais fixa. Essa identidade fixa estaria ligada àquelas pessoas que não estão inseridas no processo de mundialização da cultura, ou seja, são diferentes daqueles que têm acesso às mídias, ao estudo, e que estão inseridos na globalização das idéias, jeitos e conhecimentos. "Na percepção popular, elas tendem a estar associadas à vida numa prisão ou num gueto urbano, a ser classificadas como pertencentes à detestada e abominada "subclasse", ou a ser confinados nos campos de refugiados sem pátria" (BAUMAN, 2005, p. 60). Esses sujeitos, excluídos do capital, não podem consumir a parafernália de opções de estilo de vida como aqueles que têm dinheiro suficiente para adquirir as identidades alternativas.

Já outros indivíduos mais afortunados, segundo Bauman (2005), sempre terão a disposição em lojas um traje que vai transformá-lo imediatamente no personagem que se quer ser.

No entanto, os consumidores compulsivos de identidade são levados aos consultórios médicos, diante da enorme diversidade de escolhas, que os tornam confusos e abalados por essas incertezas e que problematizam justamente a vida que se tem.

Bauman (2005, p. 100) também discute que essa busca por identidade ou processos de identificação, conforme Hall (2001, p. 39), principalmente nas redes de um modo geral

⁶ Para Bauman (2005, p. 46) pertencem a subclasse: quem abandonou a escola, viciado, mãe solteira, sem teto, mendigo ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis. O significado da 'identidade da subclasse' é a ausência de identidade, a abolição ou negação da individualidade, do 'rosto'.

é para substituir algo que não se tem no mundo físico. Nas palavras do autor:

Explicar que, se falamos compulsivamente sobre redes e tentamos obsessivamente evocá-las (ou pelo menos evocar seus fantasmas), a partir dos 'namoros rápidos' e dos encantamentos mágicos dos 'sistemas de mensagens' dos telefones celulares, é porque sentimos dolorosamente a falta das redes seguras que as verdadeiras redes de parentesco, amizade e irmandade de destino costumavam oferecer de maneira trivial, com ou sem os nossos esforços. As agendas dos celulares ocupam o lugar da comunidade que nos falta, e a esperança é que substituam a intimidade perdida.

Imagina-se, dessa forma, que nas comunidades *online* deseja-se: segurança; poder se expressar; ser acolhido; ser ele mesmo, mesmo sendo diferente; ser igual entre os diferentes, ou seja, ser um pouco do que não é possível ser no contato físico, ou então como o próprio Bauman (2005) e Giddens (2002) concordam, encontrar alguém que compartilhe as mesmas idéias (claro que em muitos casos com pontos de vista diferentes), mas, que podem se encontrar na "segurança" do ciberespaço.

Apesar dessa busca e sensação de segurança partilhada na rede, a diversidade de identidades disponibilizadas, provoca o descentramento do sujeito.

Esse descentramento, abordado por Hall (2001, p. 32-46), foi ocasionado por cinco fatores: primeiro descentramento refere-se às tradições do pensamento marxista, em que se afirmava que os "homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas", ou seja, utilizando-se dos recursos que foram deixados por gerações anteriores.

O segundo descentramento é a descoberta do inconsciente por Freud. Segundo Freud, citado por Hall (2001, p. 37), "a subjetividade é o produto de processos psíquicos inconscientes, ou seja, formado por processos psíquicos e simbólicos do inconsciente", que são transmitidos culturalmente.

O terceiro é associado com os trabalhos sobre lingüística de Saussure. Saussure, citado por Hall (2001, p. 40), argumenta que "nós não somos, em nenhum sentido, os autores das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua. A linguagem pré-existe a nós". Em outras palavras, o sujeito não é dono do discurso. Este é construído nas relações sociais.

Outro descentramento são as relações de poder pronunciadas a partir dos estudos em Foucault. "O poder disciplinar está preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância é o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo" (FOUCAULT *apud* HALL, 2001, p. 42). Em outras palavras, ao assumir uma identidade, esta deve estar de acordo com as normas e relações de poder estabelecidas

pela sociedade.

E por último, o feminismo, que começou a contestar os modelos impostos principalmente com relação as diferenças sexuais. "Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade - uma identidade para cada movimento" (HALL, 2001, p. 45). Foi um movimento que contribuiu para o descentramento do sujeito cartesiano ao questionar certos valores culturais impostos às mulheres e outras minorias.

O que é identidade afinal de contas? Para Hall (2001, p. 38) "a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento". Seja identidade ou identidades, estas são formadas, mesmo hoje, a partir da relação interativa com os outros e, agora, também, a partir do acesso as mídias eletrônicas disponíveis. O acesso a estas, potencializa e tem um papel importante na formação das identidades.

Há, como foi visto, reflexões interessantes sobre a construção das identidades na alta modernidade. No entanto, percebe-se dois extremos: tem-se, de um lado, sujeitos limitados nesse processo de negociação de identidades e, de outro, aqueles que, capitalisticamente, estão incluídos no processo de construção, reconstrução e criação de identidades.

Para os que não estão incluídos na indústria cultural oferecida pelo capitalismo, há um sentimento de fracasso e de submissão. Já para os incluídos, há as patologias ocasionadas pelo excesso de escolha. Esse excesso confunde e torna os sujeitos descentrados, sem um ponto de apoio. Vive-se, então, o tudo e o nada, que na verdade, foi uma situação criada pelo capital.

Viu-se, também por intermédio de Giddens (2002) que a angústia vivida hoje não é exclusividade do mundo contemporâneo e que em outras épocas os sujeitos tinham suas angústias, embora de maneira diferenciada.

Nos dias atuais, o sujeito está concentrado no projeto reflexivo do 'eu', ou seja, pensar e repensar as identidades e centrar no próprio 'ser'. Por isso há essa busca por terapias na tentativa de encontrar respostas sobre o significado do 'eu' com o mundo e de se ter, conforme afirmou Giddens, uma consciência relativa.

Com relação às identidades, viu-se que é realidade na sociedade atual, que se assumam diferentes identidades em diferentes momentos. E que esse consumo de identidades só é possível para aqueles que não fazem parte do que Bauman (2005) chama de subclasse ou os sem identidade.

2.1.3 Formação discursiva na construção das identidades

Para a existência do discurso deve-se haver interação entre os sujeitos, ou seja, para Orlandi (1996, p. 157) o “discurso é a linguagem em interação”. E se o discurso depende da interação, pode-se dizer que a linguagem, nesse sentido é social. Discursos sociais constroem ideologias e, também, constroem identidades.

Mas, para existir determinado discurso, é preciso um ambiente ou meio social historicamente ou contextualmente propício a essa construção discursiva. “A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN, 1979, p. 99).

A interpretação de determinado discurso ocorre, por sua vez, pela delimitação do contexto que implica na existência do implícito e do explícito. Nesse sentido, Orlandi (1996, p. 170) diz que: “Dadas certas condições, em que um sentido se coloca como dominante (“literal”) delimita-se (na e pela interlocução) aquilo que é implícito e o que é explícito. E como é a relação entre os dois que os delimita, podemos dizer que todo explícito determina implícitos e vice-versa”.

Assim, compreende-se que a questão da interpretação e da formação discursiva está estreitamente ligada a que Bakhtin (1979) chama de meio social e o que Orlandi (1996) define de contexto. E, para Foucault (2007), está relacionada ao arquivo intelectual do sujeito que fará com que um discurso tenha esse ou aquele sentido.

Pêcheux (1993, p. 311), partindo de uma perspectiva foucaultiana da Análise do Discurso, afirma que os sujeitos do discursos não são seus criadores. Na verdade, são assujeitados e são suporte deles, ou seja, o que se diz não faz parte da individualidade de determinado sujeito e, sim, de construções anteriores, de outros enunciados já prontos que utiliza o sujeito (carregado de arquivos e/ou contextos) para pronunciar aquele discurso.

Consoante com Foucault (2007) Pêcheux (2002, p. 23) ressalta que os enunciados “emergem em uma rede de relações associativas implícitas, isto é, em uma série heterogênea de enunciados, funcionando sob diferentes registros discursivos, e com uma estabilidade lógica variável”.

A construção das identidades, como se viu em Hall (2001), ocorre por meio da interação entre os indivíduos. Essa interação na sociedade pós-moderna é em maior escala do que nas sociedades antigas e tradicionais, porque tem-se um maior acesso às informações e

discursos, produzidos devido o alcance das diversas mídias. Assim, os discursos emergem a todo momento fabricando e desfazendo identidades.

Pode-se, segundo Fairclough (2001, p. 91), distinguir três aspectos dos efeitos constitutivos do discurso. O discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como “identidades sociais” e posições de sujeito para os sujeitos sociais e os tipos de ‘eu’; segundo, o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas. E, terceiro, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença. Esses três aspectos são essenciais para que se possa, a partir da análise das formações discursivas, entender a construção das identidades nas comunidades gays do ORKUT, já que estes aspectos podem ser visualizados na referida comunidade.

Segundo Fairclough (2001, p. 62) “Foucault preocupou-se com as práticas discursivas como constitutivas do conhecimento e com as condições de transformação do conhecimento em uma ciência, associadas a uma formação discursiva”. O discurso, pelo que se nota nesta citação de Foucault, é carregado de sentidos para constituição do conhecimento ou constituição do sujeito falante.

Também o discurso promove a interação entre diversas ideologias que se opõem ou sobrepõem-se e se transformam em outra ideologia. Essa interação analisada nas falas dos participantes das comunidades *online*, tem como finalidade produzir debates que promovem a construção e desconstrução de ideologias, por ser um ambiente que possui todos os elementos para que isso seja possível.

A análise da formação discursiva de Foucault (2007) , presente na sua “Arqueologia do saber”, não pode ser equiparada à análise lingüística propriedade da gramática, e sim diz respeito “à especificações sócio historicamente variáveis de formações discursivas, sistemas de regras que tornam possível a ocorrência de certos enunciados e não outros em determinados tempos, lugares e localizações institucionais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 64).

Da mesma forma Bakhtin (2003) estabelece uma diferença entre o enunciado como unidade da comunicação discursiva e as unidades da lingüística – língua (palavras e orações). Sua percepção leva a crer que existem sistemas que levam a construção de determinados discursos.

Bakhtin (2003) trabalha em sua obra “Estética da criação verbal” com a idéia de “gêneros discursivos”. São estes que definirão os diferentes tipos de enunciados presentes no sistema de comunicação: seja ele científico, artístico ou do diálogo do cotidiano.

Sobretudo, entende-se que são as enunciações que propiciam formação do discurso. Para Bakhtin (2003, p. 274) “o discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir”. Nesse sentido, interessam os sistemas de regulação das enunciações para o pronunciamento do dito, ou seja, do discurso que naquele momento, ocasião histórica, cultural ou política pôde existir, valendo-se de posições e de relações de poder ocupadas pelo sujeito do discurso.

A construção ou formação discursiva ocorre pela troca de enunciados ou enunciações dos diferentes sujeitos praticantes do ato de fala. Bakhtin (2003, p. 279) chamará essa troca de “alternância dos sujeitos do discurso”. Essa alternância é o ponto chave para se chegar a uma idéia comum, ou a um discurso comum.

Outrossim, a análise da formação discursiva visa a identificação de um conjunto de enunciados que possibilitam a posição do sujeito perante aos enunciados. Esse posicionamento do sujeito falante também é dado a partir de uma infinidade de enunciados, a que ele é sujeito, por carregar um conjunto de saberes que lhe dão o direito de discursar sobre determinada questão. Por exemplo: quem pode falar de loucura é o psiquiatra, quem pode falar de regras gramaticais é o gramático. Fairclough (2001, p. 68) diz que, a partir das idéias de Foucault, que os enunciados além de posicionar os sujeitos, posicionam, também, a quem este é dirigido. Trata-se, portanto, de determinar a posição que o sujeito pode e deve ocupar a partir dos enunciados.

O sujeito é constituído a partir da compreensão que ele tem dos discursos, seja dele ou do outro, ou melhor, “a identidade (origem social, gênero, classe, atitudes, crenças e assim por diante) de um(a) falante é expressa nas formas lingüísticas e nas significações que ele(a) escolhe” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 70). Foucault (2007) ressalta que essa "escolha" não é propriamente do sujeito. Ela é dada a ele por meio de outros enunciados, históricos e sociais, já existentes.

Esta escolha pronunciada por meio da fala oral ou escrita pode ter sido transferida pelo outro (ou conjuntos de enunciados), que aqui e agora não é o dono da fala. Nas comunidades virtuais do ORKUT, quando o gay fala de si, de uma maneira ou de outra, ele tenta se construir por meio do seu discurso. Este, dito por ele, pelo que se apreende na análise de Foucault (2007), já existe e faz parte de um sistema de regulação.

Acrescenta-se que na construção das identidades busca-se, também, no discurso do outro aquilo que Hall (2001) chamará de processos de identificação. Desse modo, procura-

se essa identificação nas comunidades virtuais, nos guetos e nas tribos conforme idéias de Bauman (2003) e Maffesoli (2006). Conseqüentemente, poderá haver um discurso que seja dominante, ou seja, o discurso que é, ou pode ser, do outro ou que todos ou parte se identifiquem com ele.

Para melhor entendimento do que representa a análise da formação discursiva na constituição das identidades; cabe, aqui, ressaltar alguns conceitos a partir da leitura de Foucault em sua obra "Arqueologia do Saber". Foucault (2007, p. 97) dirá que enunciado se difere das idéias que se tem de frase, ou seja, para que um enunciado tenha sentido, não precisa seguir canonicamente as regras gramaticais de sujeito, predicado. O enunciado é, antes de tudo, algo que faça sentido para alguém. Dessa forma, analisar as formações discursivas não é fazer uma análise sintática das frases e sim descobrir as relações existentes entre elas.

O enunciado não é pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (FOUCAULT, 2007, p. 97).

Foucault (2007), em sua análise, problematizará, com relação ao enunciado, as seguintes questões: o que aconteceu para que houvesse enunciado? Por que esse enunciado e não outro em seu lugar? Analisar a formação discursiva dos enunciados não é descobrir o que está escondido ou nas entrelinhas e sim analisar o que está na superfície, o que está dito. Dessa forma, a arqueologia foucaultiana fará emergir as significações sem se propor a descobrir algo que esteja escondido.

Foucault (2007) atesta ainda que há, no campo dos enunciados, uma coexistência, um conjunto de relações que o antecedem e o sucedem. Outrossim, alerta Foucault (2007), essa antecedência e sucessão não devem ser vistas de forma linear mais sim descontínua. Melhor dizendo, um enunciado não é exatamente a evolução de um anterior. São essas práticas discursivas, segundo Foucault (2007) que formarão as coisas ou os objetos ou a idéia do que eles representam. Cabe interrogar, nesse sentido, segundo o autor, as regras dessa formação.

Na análise das formações discursivas cabe questionar não as práticas dos sujeitos em si e sim "qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito" (FOUCAULT, 2007, p. 108). O discurso é "constituído por um conjunto seqüências de signos,

enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência" (FOUCAULT, 2007, p. 122).

Conseqüentemente o discurso só existirá se ele fizer sentido para o sujeito e se determinado sujeito falante estiver na posição que pode ser ocupada por ele sob certas condições, construindo assim "conjuntos de '*performances*' verbais" (FOUCAULT, 2007, p. 130). A exemplo, como dissemos ante, quem pode falar de loucura é o psiquiatra.

Chega-se, a partir desses pensamentos, à definição de discurso. Para Foucault (2007, p. 132): "chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva". Entretanto não significa, simplesmente, que discurso seja a soma dos enunciados. Tem-se que considerar a dispersão e a descontinuidade desses, assim como tentar estabelecer sua coexistência, embasadas em outros aspectos históricos que a propiciaram.

A prática discursiva, dessa forma, é definida como um "conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definem, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições do exercício da função enunciativa" (FOUCAULT, 2007, p. 133).

A análise das formações discursivas busca analisar os discursos e seus enunciados considerando todos esses elementos que permitem que algo seja dito em lugar de outro. Na análise arqueológica, deve-se buscar os elementos de coexistência. Não na busca de uma gênese do discurso e muito menos de uma verdade e, sim, para entender as relações existentes entre um e outro discurso.

Conhecer as regras de aparição de determinado discurso em determinada época ou ocasião, torna-se essencial uma vez que são elas que definirão a emergência do que pode e é dito. O trabalho da arqueologia é descrever a formação discursiva e identificar as mais variadas redes discursivas em que o objeto está ligado, e, no caso do ORKUT, compreender porque certos discursos são proferidos.

Finalmente, partindo da análise anterior, levando em consideração a construção das identidades no mundo atual, percebe-se que os enunciados emergem com maior velocidade e com maior quantidade devido às facilidades das tecnologias da comunicação e informação em especial a Internet. Toda essa facilidade faz com que discursos sejam construídos e desconstruídos em intervalos pequenos de tempo, pois a oferta estimula sua reatualização.

Dessa forma, esse conjunto de regras que analisa Foucault (2007), no mundo

atual, torna-se efêmera e, conseqüentemente, faz com que identidades sejam revistas. Nessa revisão subjetiva do sujeito, os movimentos sociais ganham cada vez mais força. Porque para Foucault (2007b, p. 10) “o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. Não uma forma de superação das dificuldades ou de cura, mas segundo idéias de Foucault (2007), de eterna resistência.

2.2 DA CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO À CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES GAYS

Para transformar qualquer realidade social – um dos eixos filosóficos da atuação dos profissionais da comunicação – necessário se faz entender os processos que deram origem e consolidaram tal realidade, naturalizando-a e legitimando-a, através de um discurso hegemônico. É por meio do conhecimento das dinâmicas constitutivas de “realidades sociais” que “os modos de ver, dizer e julgar que aprendemos como verdadeiros ganham novas composições, novas perspectivas, conforme favoreçam a vida e afirmem sua potência criadora” (CECCIM, 2005).

Trata-se “de encontrar os processos de subjetivação que devem ser desfeitos, a fim de seguirmos a formação do novo, o que está emergindo de forma inédita ou a atualidade”, conforme esclarece Deleuze (1992, p.9). Assim, o conhecimento se transforma a partir da abertura dos horizontes e do repensar as práticas arraigadas que, nesse momento, estejam impedindo o nascimento de uma sociedade mais humanitária.

É, a partir destas ponderações, que o presente tópico busca compreender as dinâmicas de constituição de gênero na cultura ocidental. O interesse pelo tema foi despertado pela constatação de que, a sociedade em rede, oferece-nos diversas formas de agenciamentos para a formação de identidades e a questão de gênero destaca-se nesse processo por abrir espaço para o estudo de diversas minorias.

Para falar da homossexualidade, é necessário que se analise a questão do feminismo, pois é este que abre as discussões de outras temáticas relacionadas a outras minorias. Nesse sentido, é necessário reportar-se ao movimento feminista uma vez que esse instalou a crise de auto-legitimação do masculino (BRAIDOTTI, 2000) – e, daí, resgatar algumas concepções que ajudam a entender melhor as transformações que vêm ocorrendo sobre o as-

sunto.

2.2.1 Gênero: a construção de um conceito

A partir da construção dos conceitos relacionados a formação das identidades de gênero, tenta-se verificar se os estudos sobre homossexualidade podem ser problematizados dentro dos estudos de gênero. Dessa forma, tenta-se entender os conceitos de identidade gênero para que se possa encontrar nesse conceito, não só uma visão de dualidade dos sexos e, sim, a possibilidade de refletir sobre diferentes sexualidades que possam estar presentes nessas identidades.

Os estudos sobre gênero consolidam-se no Brasil, segundo Farah (2004, p. 47) “no final dos anos 1970, concomitantemente ao fortalecimento do movimento feminista no país”. Desde então, as concepções de gênero vêm se diferenciando constantemente, como se verá no decorrer deste tópico.

Fica explícito, ao discutir gênero, que os autores, na sua grande maioria, têm por base os estudos relacionados à questão da mulher. O que nos faz entender que o estudo desta é que oferece o tom das discussões sobre gênero, pois é a primeira iniciativa a refletir sobre as minorias, questionando antigas concepções que marginalizam(vam) alguns grupos sociais.

Pretende-se, ao estudar a questão do gênero, construir um conceito que não esteja ligado ao sexo biológico ou determinismo biológico do indivíduo, e, sim, às representações de gênero socialmente construídas. Tal fato porque para Butler (2003, p. 24) “por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto ao sexo”.

Segundo Scott (1991), o termo gênero parece ter sido cunhado pelas feministas americanas como forma de se oporem ao determinismo biológico implícito no uso da expressão ‘diferença sexual’. Buscavam, desta forma, evidenciar a dinâmica essencialmente social para o estabelecimento das diferenças entre os sexos.

O próprio movimento feminista passou por transformações conceituais significativas que refletem as principais questões enfocadas. De acordo com Machado (*apud* Santos, 2004, p. 86),

o feminismo clássico denunciava a desigualdade e a discriminação, a partir de uma

proposta de igualdade que se pretendia universal, o ‘pós-feminismo’ preocupa-se com as diferenças e as relações não só entre homens e mulheres, mas também ‘entre homens e entre mulheres’ baseando-se especialmente nas diferenças culturais relativamente aos modelos de gênero e, portanto, na inexistência de um modelo universal.

Nesse sentido, vê-se que não se trata mais de discutir a igualdade entre os dois sexos biológicos antagônicos e, sim, a construção social das diferenças entre os seres humanos, conforme postula a corrente pós-estruturalista. Outrossim, ao reconhecer a diversidade das relações humanas, há necessidade de que se incorpore ao estudo de gênero outras matizes das identidades sociais tais como: raça, classe e geração (FARAH, 2004, p. 48).

Santos (2004, p. 88) reforça que o “conceito de gênero envolve pelo menos duas dimensões: o comportamento diferenciado masculino e feminino observado nas sociedades e a distribuição desigual de poder entre os sexos”. Observa-se, entretanto, que o autor reforça ainda a idéia dual da diferença sexual, considerando papéis femininos e masculinos e não abrindo espaço para outra sexualidade.

Para Butler (2001, p. 153) “a diferença sexual é frequentemente evocada como uma questão referente a diferenças materiais”. Ou seja, a anatomia do corpo é considerada para definir a sexualidade e a identidade de gênero dos sujeitos. No entanto, Butler (2001, p. 153) esclarece que tais diferenças são formadas e marcadas por práticas discursivas corroborando com os estudos de Foucault (2007) sobre o papel das formações discursivas na construção histórica de determinado conceito relacionado ao ideal regulatório e normativo do sexo.

As relações de poder resvalam, na perspectiva foucaultiana, não só para a exclusão, mas, principalmente, para a desqualificação das mulheres, homossexuais ou de outras minorias, enquanto sujeitos. As questões de gênero passam a ter como ponto de partida o direito dos grupos marginalizados de falar e representar-se nos domínios políticos que os inferiorizam e os excluem.

As questões sobre gênero ainda estão bastante ligadas a idéia de papéis sexuais nas relações familiares e de trabalho. Nessa relação de papéis, vê-se que ainda é muito forte a separação, dentro do estudo de gênero, de somente dois papéis: o masculino e o feminino. Certamente, as diversas instituições, mas principalmente a família, a igreja, e, acima de tudo, os meios de comunicação como: televisão, Internet, jornais e revistas mantêm e reforçam esses modelos.

Louis (2006, p. 18) indica que a “construção do gênero permitiu a invenção da heterossexualidade”, que é uma identidade dentro do gênero e relacionada a ele. Dizer, no entan-

to, que o gênero se constitui unicamente na heterossexualidade subtrai a possibilidade de localizar no homossexual, uma outra forma de sexualidade diferente da hegemônica heterossexualidade.

Os homossexuais, sejam eles mulheres ou homens, são, segundo Anjos, (2000, p. 276) “estigmatizados socialmente”. Nesse sentido, há discussões que levam a crer que a dominação do masculino é para com uma identidade que independe do sexo, mas que foge às representações sociais dominantes que atrela o corpo masculino ao corpo político para instalar “a virilidade simbólica”, conforme denunciado por Foucault (1984, p. 13).

Se gênero é, conforme sugerido até aqui, ação, relação e representação; então, devemos considerar, a partir das idéias de Santos (2004, p. 98), os múltiplos aspectos da constituição do gênero, tais como as regras e relações simbólicas de poder inscritas nas práticas e discursos sociais, inclusive aqueles discursos que dão origem a subalternidade.

Evidencia-se, a partir da citação acima, a relação muito próxima entre gênero, identidade e subjetividade. Entretanto, as identidades e subjetividades, para serem formadas, dependem das influências geradas pelos discursos sociais sobre os papéis diferenciados de cada sujeito sexuado. Assim, a influência histórica permite somente duas opções o masculino e o feminino, com todas as suas características já marcadas socialmente: virilidade ao primeiro e fragilidade ao segundo.

Pode-se definir que o gênero é uma construção social, cultural; mas, que cada indivíduo, considerando suas personalidades e individualidades se constituirá como feminino ou como masculino hétero ou feminino e/ou masculino homossexual constituindo-se assim suas diferentes manifestações sexuais. Essas construções são, então mediadas pela família, sociedade e meios de comunicação. E são constitutivas a partir dos inúmeros enunciados presentes no discurso dessa teia de relações em que o sujeito está envolto. Nesse sentido, pode-se acrescentar a essas definições outra relacionada à identidade de gênero. Segundo Stoller citado por Silva (1999, p. 75)

define-se primeiramente identidade de gênero como “uma mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade como a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes. Isso não é igual à qualidade de ser homem ou mulher, que tem conotação com a biologia: a identidade de gênero encerra um comportamento psicologicamente motivado.

A partir dessa definição, pode-se considerar a identidade de gênero relacionada ao

pensamento complexo de Edgar Morin (1990), que assegura que o ser humano deve ser antagônico e se vê de forma dual. Sobretudo, vê-se que o problema é o masculino se colocar de forma unilateral, se mostrando dominante ao gênero oposto. A consequência disso é que tanto a homossexualidade quanto o feminino são colocados na subalternidade das relações de gênero.

Percebe-se, também, que a hegemonia não é do sexo masculino e, sim, de um modelo gerado pela heterossexualidade e que tem como potencial de poder a virilidade masculina, sujeito ativo da relação. Diferente disso, vive-se o estigma de subordinação e inferioridade pertencente aos núcleos divergentes da norma.

Estudar relações de gênero considerando os papéis definidos como “normais” pela sociedade entre homens e mulheres, nesse caso considerando o sexo biológico, já é uma discussão que traz muitos questionamentos e alguns debates; principalmente, quando se envolve as idéias da luta das feministas. No entanto, há a hipótese de que parece existir uma outra minoria, o homossexual cuja identidade de gênero precisa ser melhor entendida.

Há, como será visto a seguir, uma certa resistência nos estudos sobre gênero, abordar as questões sobre a homossexualidade. Apesar das perspectivas desses estudos tentarem abordar as diferentes sexualidades, o que se percebe é um certo distanciamento entre os estudos voltados para essa questão específica. Por conseguinte, o debate sobre os movimentos sociais e as expressões de identidade leva ao questionamento se é possível dentro dos estudos sobre gênero estudar a homossexualidade.

Entretanto, o que se verifica nos estudos sobre gênero é que esses levam mais em consideração as temáticas femininas; principalmente com relação aos problemas de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. As questões sobre homossexualidade, são nesse sentido, tratadas de forma separada e, até pouco tempo, subversiva.

Gois (2003) afirmará que uma das causas que leva a esta situação é dificuldade de difusão da temática dentro das universidades. Segundo ele:

Diferentes análises têm mostrado que, apesar do desenvolvimento de Núcleos de Estudos e do crescente número de trabalhos publicados ligados a essa temática, são ainda grandes as dificuldades de fazer com que esse conceito/perspectiva analítica se expanda para além de grupos relativamente restritos de estudiosos. Conseqüentemente a isso, a presença do debate sobre gênero nos diversos cursos acadêmicos é, quando muito, episódica e resultante mais do esforço individual de pesquisadores e menos de uma incorporação orgânica da questão ao processo formativo de diferentes profissionais.

Gois (2003), considera que os levantamentos bibliográficos são indicativos do distanciamento entre esses estudos. Quase não são publicados livros sobre a questão do gênero que incluam, também, aspectos relacionados à homossexualidade. Há diversas iniciativas individuais, conforme afirma o autor, de publicações tanto relacionada a mulher quanto a homossexualidade disponíveis em formato eletrônico na Internet.

Recentemente, tem-se constatado que, para os estudos gays e lésbicos, há uma outra corrente teórica que pode ser melhor aplicada para compreensão dessas temáticas e que atende, de forma mais completa, as questões relacionadas a homossexualidade. Trata-se da denominada Teoria *Queer*. Lugarinho apud Gois (2003) informa que “o campo do gênero se desenvolve sem problematizar os cânones científicos tradicionais e o próprio processo de constituição da cultura e sem ter ao longo dos anos incorporado sexualidade, raça, classe, religião, etc. em suas reflexões”.

Nesse contexto, a abordagem da homossexualidade, a partir da Teoria *Queer* parece ser mais um entre os elementos que contribuíram para o distanciamento entre os estudos de gênero e homossexualidade. No entanto Gois (2003) aponta outros pressupostos com relação a esta questão:

Parece também contribuir para o distanciamento aludido a percepção, em alguma medida correta, da existência de um heterossexismo fortemente presente nos estudos feministas e de gênero e nas ciências sociais e humanas como um todo, o qual, ao conceder reduzido espaço à experiência gay e lésbica, a transformaria apenas em uma nota de rodapé exemplificativa de alguns fenômenos e nunca como processos relevantes em si mesmos (...)

Esse heterossexismo, presente nos estudos sobre gênero, justifica-se pelo fato histórico do surgimento do feminismo que era, em grande medida, uma forma de tentar desconstruir a hegemônica dominação do masculino e dar, à mulher, a oportunidade de trabalho fora de casa, direito ao voto e outras conquistas. Já os estudos sobre homossexualidade/homoafetividade, partem principalmente de uma perspectiva mais ligada ao direito de se relacionar sexualmente e sentimentalmente por parceiros do mesmo sexo.

Há ainda outros elementos apresentados por Gois (2003) para o distanciamento entre os dois estudos. Para, ele as relações entre os grupos dos quais saíram os diferentes e importantes pesquisadores do movimento gay e feminista, apesar dos elementos comuns, têm uma história marcada por confrontos ideológicos não muito amigáveis.

Na visão de Butler (2003, p. 57) “a unidade de gênero é o efeito de uma prática

reguladora que busca uniformizar a identidade de gênero por via da heterossexualidade compulsória”. Percebe-se, assim, que um outro distanciamento possível dos estudos de gênero integrados aos estudos da homossexualidade é justamente dado por essa afirmativa de Butler, e que leva a crer que o gênero é ainda heterossexista.

Até mesmo dentro dos movimentos sociais, como demonstrado, há impasses e diferentes visões de mundo. Apesar de alguns movimentos darem ou contribuírem para o fortalecimento ou surgimento de outros, eles próprios acabam se opondo ideologicamente em algum momento. Há, então, uma guerra de identidades e de posicionamentos. Um exemplo desse tipo de impasse dentro do cinema é o filme "Desejo proibido"⁹ das diretoras Jane Anderson, Martha Coolidge e Anne Heche.

O filme dividido em três histórias de casais de lésbicas e em um dado momento, mostra um grupo de amigas lésbicas e feministas que, ao perceberem que uma das amigas se apaixona por uma mulher, a qual se veste como homem e tem trejeitos masculinos, se afasta e critica essa paixão. Avalia-se, nesse contexto, que havia, ali, dois movimentos contrastantes: lésbicas, porém feministas e uma lésbica que busca na outra mulher, um referencial masculino não aceitável pelas outras companheiras. Esta situação mostrada no filme é emblemática para ilustrar a complexidade dos embates sobre a sexualidade humana e as relações sociais.

Há discordâncias tanto dentro dos movimentos sociais de uma forma geral, quando dentro dos movimentos mais específicos como das lésbicas, por exemplo. Dentro da homossexualidade masculina, em muitos casos, já se observou tais divergências como a separação do 'bofe' (masculinizado) e da 'bicha' (afeminado).

As identidades sexuais e de gênero são categorias normatizadas. Isso porque, dentro dessas categorias, existe um elemento que tem como função instituir essa normatização que é o sexo. Butler (2001, p. 153) dirá, citando Foucault que a “categoria 'sexo' é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de ideal regulatório”. Esse ideal regulatório é que faz com que certas normas de práticas sexuais (heterossexuais) sejam impostas aos sujeitos abominando outras práticas (homossexuais). “... as normas regulatórias do 'sexo' trabalham de uma forma performativa para construir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (BUTLER, 2001, p. 154).

Tal fato leva a ocorrer um processo de *desidentificação*, que, conforme Butler

⁹DESEJO proibido. Produção de Jane Anderson, Martha Coolidge e Anne Heche. EUA: HBO, 2000. 1 DVD (96 Min). Son., color.

(2001, p. 156), é crucial para a rearticulação da contestação democrática “sendo mobilizadas precisamente através de práticas que enfatizem a desidentificação com aquelas normas regulatórias pelas quais a diferença sexual é materializada”.

2.2.2 Teoria *Queer* e homossexualidade

As questões sobre homossexualidade, já que há um distanciamento entre esta e os estudos sobre gênero, tentam ser mais profundamente abordadas nas Teorias Queer. A teórica que mais contribuiu para o desenvolvimento dessa teoria foi Judith Butler; inclusive citada por vários autores.

Em um texto denominado “El Marxismo y lo meramente cultural”, Butler (2000) aborda a questão da política *queer* como um movimento de luta em prol de um reconhecimento cultural. E, com isso, questiona o vínculo que se estabelecia entre parentesco e a reprodução sexual; assim como o vínculo existente entre a reprodução sexual e a sexualidade.

Dessa forma, para Butler (2000) via-se nos estudos *queer* um importante retorno a crítica marxista da família, baseado em uma perspectiva dinâmica que desenvolvia uma análise socialmente contingente e socialmente transformada do parentesco.

Conseqüentemente, a Teoria *Queer* emerge, segundo Pino (2007, p. 160), na década de 1980 como uma corrente teórica, em um momento de reavaliação crítica das políticas identitárias. Com relação ao termo *queer*, deve-se analisar o porque do uso dessa expressão para os estudos homossexuais. O termo "*Queer* pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário.

Mas, a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais" (LOURO, 2001, p. 546). Apesar de sua conotação depreciativa, Louro (2001, p. 546) completa que:

Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante.

A palavra ou termo é usada no sentido de oposição a uma ordem dominante. "A política *queer* está estreitamente articulada à produção de um grupo de intelectuais que, ao redor dos anos 1990, passa a utilizar este termo para descrever seu trabalho e sua perspectiva teórica" (LOURO, 2001, p. 546).

Essa oposição a um grupo dominante ou sexualidade dominante (hétero) é que contribuirá para a constituição da identidade homossexual, que pode ser pronunciada, principalmente porque há pensadores que defendem sua existência, tendo por base as questões culturais e sociais a ela relacionadas.

A Teoria *Queer* entra em oposição a uma política binária da existência da heterossexualidade como única forma socialmente autorizada de se relacionar sexualmente. Sendo assim, os estudiosos dessa teoria procuram desmistificar e propõem a idéia de que a homossexualidade é uma forma diferente de relacionamento e que deve ser aceita e respeitada como uma outra possibilidade de se viver a sexualidade.

Para se oporem a uma política regulatória, imposta pela heteronormatividade, os teóricos queer baseiam-se em alguns estudos de Foucault, como a história da sexualidade, que dirá que essa concepção normalista de heterossexualidade foi instituída na época vitoriana, século XVIII, como forma de regulação social. Não se podia, como visto em Foucault (1988), se deixar levar pelos prazeres da carne e prejudicar o nascimento do atual sistema vigente (capitalismo).

A Teoria *Queer* problematiza, a partir de diversos questionamentos, a homossexualidade e discute a identidade sexual, considerando uma diversidade de formas de relacionamentos homoafetivos. Essas características são fundamentais para discussão e para o entendimento dos estudos gays no contexto atual.

A teoria *queer* pensa os sujeitos e as práticas sexuais que ultrapassam a oposição homossexual/heterossexual, mulher/ homem, apontando para a variedade e diversidade das subjetivações e das práticas que não se enquadram no que Judith Butler chama de gêneros inteligíveis, "aqueles que mantêm e instituem relações de coerência e continuidade entre o sexo, gênero, desejo e prática sexual". O *queer* descreve os gestos ou modelos analíticos que mostram as incoerências da suposta relação estável, revelando que a heterossexualidade não é natural, antes efeito do poder, do controle e da regulação social (PINO, 2007, p. 161).

Nesse sentido, identifica-se na Teoria *Queer*, um desejo de poder se expressar e se relacionar a partir de uma outra sexualidade, a homossexual, hoje marginalizada e questionar sexualidades normativas (heterossexualidade). Não que essa teoria se atenha somente à dis-

cussão das sexualidades "transgressoras" (PINO, 2007, p. 161), ela procura, também, relacionar sexualidades com outros fatores que influenciam o questionamento das identidades pessoais (raça, religião, classe social dentro outros).

Pino, citando Butler (2007, p. 163) argumenta que o "objetivo em torno dos movimentos em torno do gênero e da sexualidade, como de seus pesquisadores, é questionar o que é humano, quais são os parâmetros usados para compreendê-lo assim o que torna as vidas habitáveis e verdadeiras".

Esses parâmetros pelo que se observa, tanto nos estudos psicanalíticos quanto nas observações antropológicas, são influenciados pelo social. E este, regulado por modelos estratégicos e coercivos por uma classe ou instituição dominante. Dessa forma, é necessário elucidar tais discursos que visam normalizar as práticas sociais na tentativa de (re)construir e instituir um discurso contrário àquele hegemônico. "A tarefa desses movimentos é lutar para refazer a realidade, mudar as normas que regem o humano, negociar o que é habitável ou não" (BUTLER apud PINO, p. 166).

Por fim, vê-se como características principais dessa teoria: subversão contra a heteronormatividade; o questionamento do que é ser humano; questionamento à normatividade; oposição a uma concepção binária de sexualidade; desejo a incoerência; assumir a diferença porém não anormalidade; problematização de outros fatores como a raça, classe em relação a sexualidade e a desconstrução e re(construção) de discursos hegemônicos relacionados à normatividade sexual e dual dos gêneros.

O próximo passo será avaliar os discursos dos participantes das comunidades *online* do ORKUT escolhidas para este estudo, afim de se testar aplicação (ou não) dessa teoria no contexto social que vivem os gays.

2.2.3 Homossexualidade: a (des)construção histórica de um conceito

*Você é homem ou mulher?
Eu sou gente!"⁷*

Segundo Fry e MacRae (1984, p. 7) a "homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo". Segundo os autores, "não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade"

⁷Pergunta feita por duas crianças gêmeas, personagens mirins no último capítulo da Minissérie "Queridos Amigos" a um dos travestis que estava participando de uma festa". 28/03/2008.

(FRY; MACRAE, 1984, p. 10). Assim, de uma forma geral, esta pesquisa trata da homossexualidade masculina, ou seja, o sujeito cujo sexo biológico é masculino e mantém relacionamentos amorosos e/ou sexuais com parceiros do mesmo sexo, que podem ser gays assumidos ou não; passivos, ativos ou ambos.

A história da homossexualidade remonta os séculos e é presente na sociedade desde épocas bem antigas. Apesar de outros nomes sabe-se que essa prática sempre existiu na nossa sociedade.

A homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Se antes as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia (uma atividade indesejável ou pecaminosa à qual qualquer um poderia sucumbir), tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido (LOURO, 2001, p. 542).

A prática homossexual, além de atividade pecaminosa, era também considerada crime e punida com os mais severos rigores das leis vigentes nos séculos anteriores ao XIX. Apesar de ter deixado de ser crime, esta atividade, para a sociedade patriarcal e paternalista, não era vista com bons olhos; assim como ainda hoje não é aceita por uma grande parcela das famílias.

A vida em uma sociedade patriarcal e paternalista considerava que as relações sexuais deveriam ser manifestadas unicamente (principalmente com relação a mulher) para a procriação. A sexualidade, somente para o prazer da carne, era então condenada, principalmente pela igreja católica, ou seja "o patriarcalismo exige a heterossexualidade compulsória" (CASTELLS, 2002, p. 238).

A homossexualidade por muito tempo foi considerada doença. Após debates e estudos essa perspectiva foi mudada, na década de 1980, o que levou a mudança do termo. O sufixo "ismo" que caracterizava doença, foi retirado e substituído pelo sufixo "idade", que caracteriza uma forma de relacionamento sexual; sem que essa forma seja considerada pecado ou doença, ficando o termo mais conhecido como "homossexualidade".

Daí, deixou-se de se discutir a questão da homossexualidade unicamente numa perspectiva médica para levar em discussão as questões sociais e culturais da constituição da identidade homossexual. O movimento feminista contribuiu para o pontapé inicial das discussões nesse campo.

Pensou-se em discutir as questões homossexuais a partir das relações de gênero. No entanto, há desencontros entre as relações de estudo de gênero e homossexualidade, pois

quando se fala em gênero, os estudos tendem a relacionar essas questões a mulher. Mas pode-se afirmar que os estudos feministas, em particular; assim como os movimentos sociais de um modo geral, contribuíram e foram ponto de partida para a discussão de outros temas relacionados as demais minorias: homossexuais e negros por exemplo.

Na visão de Castells (2002, p. 172), esses movimentos passaram a questionar a heterossexualidade como norma. Os gays questionaram a família tradicional e passaram a explorar novas formas de vida familiar. Passou-se, também, segundo o autor, a questionar a imagem homofóbica da busca incessante por parceiros sexuais e a propor a homoafetividade como forma de validar relações de amor entre as pessoas do mesmo sexo.

A visibilidade das relações homoafetivas, propiciadas pelos movimentos sociais de um modo geral, contribuem para questionar os imperativos do patriarcalismo e da heteronormatividade. Quando se fala de “homoafetividade”, quer-se deixar claro que trata-se do relacionamento que vai além do prazer sexual, ou seja, considera as relações de amor e paixão entres os casais homossexuais.

De uma forma bem geral, entende-se que os estudos sobre homossexualidade iniciaram-se a partir do século XIX com os médicos higienistas que a classificavam como doença. Para Gois (2007), outro fator que acelerou a expansão dos estudos sobre a homossexualidade foi a epidemia da AIDS durante os anos de 1990; ampliando, assim, os debates sobre sexualidade humana.

Os tipos de teses, defendidas pelos médicos higienistas desde o século XIX, são relatados por Gois (2007). Segundo o autor, eles buscavam identificar traços e características comuns dos chamados pederastas e viragos de forma a identificar as degenerações presentes nesses sujeitos. Assim propunham desde medidas sanitárias até medidas repressivas na tentativa de se “curar” a homossexualidade. Ao longo do tempo, segundo o autor, esse tipo de estudo foi, aos poucos, desaparecendo e sendo visto, mesmo que lentamente, por olhares menos preconceituosos.

Essa nova ótica sobre a homossexualidade trabalha na tentativa de diminuição do preconceito e da homofobia e, também, na tentativa de desconsiderar que os principais grupos de risco com relação a AIDS eram homossexuais. Mas, ainda hoje, se vê manifestações contra sujeitos que mantêm relações amorosas com parceiros do mesmo sexo.

Apesar da afirmação de Louro (2001, p. 543) de que já se trabalham para que as "Imagens homofóbicas e personagens estereotipados exibidos na mídia e nos filmes sejam

contrapostos por representações 'positivas' de homossexuais", tanto no cinema quanto na televisão, ainda são mostrados personagens estereotipados¹⁰ os quais não retratam a realidade da personalidade desses sujeitos. A partir desses problemas, os grupos começam a discutir sociológica e culturalmente as questões da sexualidade.

As discussões sociológicas e culturais sobre a questão homossexual só começaram em meados dos anos 1970 e 1980, como vê-se a seguir em Gois (2007), principalmente com pesquisadores que se consideravam homossexuais. A partir daí, segundo o autor, passou-se a discutir a homossexualidade, não na tentativa de se descobrir a origem ou causa desta e, sim, refletir sobre os significados e dificuldades associados à homossexualidade e a analisar estratégias a fim de superar a opressão sofrida.

A partir desse pressuposto, os homossexuais começaram a desconstruir os discursos sobre a suposta "anormalidade" da questão que observava a prática homossexual ora como doença ora como pecado ou falta de pudor. Afirmar sua preferência sexual queria dizer que (há)via um orgulho e uma consciência da sua condição. A partir do momento que se afirmava e se tinha consciência dessa condição, estaria, aí, travada uma briga com instituições tradicionais como a família e a religião. Para superar e conscientizar os opositores da prática homossexual, criam-se redes sociais em defesa de suas identidades. Emerge uma identidade de resistência.

Criada por atores que se encontram em posições (condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação), construindo assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedades, ou mesmo opostos a estes últimos (...) (CASTELLS, 2002, p. 24).

Essa nova forma "normalizada" de sexualidade apresentada pelos grupos homossexuais, abalou a instituição até então hegemônica da vida familiar e social: o patriarcalismo: "O patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Caracterizava-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar" (CASTELLS, 2002, p.169). Como se vê, as guerras ideológicas enfrentadas pela homossexualidade partiam por um pressuposto da divisão sexo-biológica das funções dos sujeitos.

A homossexualidade não se encaixava nesse modelo de pai, mãe e filhos e era, en-

¹⁰ Alguns programas de humor mostram personagens gays sendo ridicularizados por outros personagens heterossexuais, passando uma imagem negativa, desvalorizada, anormal e inferiorizada.

tão, um risco para a sociedade. Por isso, para a sociedade patriarcal, a homossexualidade era vista uma doença social, que fugia às supostas regras biológicas "naturais" de criação e procriação. Conseqüentemente, a heterossexualidade era uma desculpa para manter as regras consideradas normais.

O que pode ser notado nos estudos sobre movimentos sociais e, no caso desse estudo, a homossexualidade, a época em que os estudos se tornam mais acentuados (entre as décadas de 1970 e 1990) coincidem, também, com as reflexões sobre a construção das identidades provocadas pela modernidade tardia.

A sociedade da informação, nessa época, goza de uma maior liberdade de expressão com o fim da ditadura militar e as mídias são cada vez mais acessíveis a um público de renda menor. Mais informada, a sociedade tem mais argumentos para a luta e para expressão de suas identidades. Para Castells (2002, p. 256) os movimentos homossexuais são expressões fortes de identidade sexual e de liberação sexual. Estes, segundo o autor, desafiam estruturas milenares, sobre as quais as sociedades foram historicamente construídas.

Certamente, a homossexualidade está mais "visível" hoje do que nas primeiras décadas do século XX. Sobretudo, enfrentar os juízos de valores da sociedade é psicologicamente muito difícil. Principalmente, se o enfrentamento for dentro de casa. Manifestações de carinho em público só quando há paradas gay. Apesar dessa visibilidade que para Louro (2001, p. 542) "torna-se mais explícita e acirrada a luta entre as minorias sexuais e os grupos conservadores", vê-se que não se trata de minorias em quantidade e sim de "maiorias silenciosas que, ao se politizar, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho - gay, étnico, de gênero" (LOURO, 2001, p. 542).

A guetização ocorre quando o grupo passa a construir ambientes próprios: bares, paradas e comunidades virtuais. É uma forma de ter suas identidades preservadas, longe dos olhares preconceituosos da sociedade, em que seu discurso não pode ser pronunciado.

Com relação à história da humanidade, esta tem revelado muitos debates acerca da sexualidade dos povos. Em muitos momentos reprimida, julgava-se que era um insulto à proclamação da fala sobre sexo nas famílias "respeitáveis". O sexo era praticado unicamente para a procriação e se feito para outros fins, este era considerado pecado condenável pelos olhos da igreja. Dessa forma, a homossexualidade, principalmente no mundo ocidental, era então inaceitável.

Foucault (1988, p. 9) afirma que "no início do século XVII ainda vigorava uma

certa franqueza com relação ao discurso do sexo. As práticas não procuravam segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade". A sexualidade começa a ser reprimida, segundo as idéias de Foucault, quando a sociedade vitoriana percebe que o prazer sexual não pode ser misturado com o trabalho.

A época da repressão coincide com o início do capitalismo e conseqüentemente com a necessidade da exploração sistemática da força do trabalho. "Na época em que se explora sistematicamente a força do trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres, salvo naqueles, reduzidos ao mínimo, que lhe permitem reproduzir-se?" (FOUCAULT, 1988, p. 11).

Transformou-se, então, o sexo em tabu. O que era natural antes, passou a ser condenado nessa sociedade. A sexualidade humana, colocada como tabu a partir da era vitoriana, fez florescer uma instigação ao discurso. Aquilo que é reprimido provoca, nos sujeitos, uma inquietação e uma vontade de saber que acaba por superar a radicalidade da proibição. A sexualidade, para Foucault (1988), foi colocada em discurso a partir do fim do século XVI, ou seja, no momento que se inaugura uma era de privação e domesticação das sexualidades.

Para Foucault (1988, p. 38) "o século XIX e o nosso foram, antes de mais nada, a idade da multiplicação: uma dispersão de sexualidades, um reforço de suas formas absurdas, uma implantação múltipla das "perversões". Na verdade, essa multiplicação das novas formas de sexualidade, que antes já existiam, foram instigadas pela vontade de saber. Elas sempre existiram; porém, a era vitoriana e o paternalismo tentaram "normatizar" as sexualidades, por meio de regras heteronormativas e condutas que primavam pelo sexo somente após o casamento no seio familiar e com finalidades reprodutivas.

A história da homossexualidade no Brasil, desde a época da colonização até os dias atuais, mostra diferentes pesquisadores, das diferentes áreas, tentando explicar as causas que levam a parceiros do mesmo sexo a se relacionarem afetivamente. A ciência médica, por exemplo, já tentou explicar que existe uma diferenciação do cromossomo X masculino que leva os sujeitos a se interessarem por parceiros do mesmo sexo. "Ser homossexual seria portanto, uma marca genética imutável, tal como ser canhoto ou ter olhos de determinada cor" (TREVISAN, 2002, p. 31). No entanto, para Trevisan, essa tese é questionável.

Os estudos, ao tentarem explicar e descobrir os motivos (psicológicos ou biológicos) de sujeitos que se relacionam afetivamente com outros do mesmo sexo, acabam por ali-

mentar a idéia da “anormalidade” da homossexualidade. Mesmo com um discurso de certa forma neutro que muitos pesquisadores pretendem passar, os estudos são fruto de inquietações. Quando se fala que o cromossomo X de um homossexual é diferente do heterossexual, pretende-se mostrar que essa diferença não é simplesmente “diferença” e, sim, algo que saiu errado.

E quando os estudos são, como vistos anteriormente, estruturados por acadêmicos que se declaram homossexuais, eles acabam por perder a credibilidade (aos olhos de alguns), pois, nesse caso, fica claro que os estudiosos homossexuais tentarão sempre comprovar a “normalidade” de ser homossexual. Assim, aos olhos da sociedade, ainda presa a uma heteronormatividade, não se consegue visualizar o homossexual como sujeito “normal”, e continuam tentando curar seus filhos dessa suposta doença.

Além disso, muitos relacionamentos homossexuais acabam por projetar uma diferenciação de papéis de gênero masculino e feminino, próprio da heteronormatividade. Para Trevisan (2002), citando Allen, há uma separação do homossexual ativo e passivo. O passivo 'bicha' se relega à posição inferior, enquanto que o ativo 'bofe' nem se considera homossexual, por causa da sua posição assumida durante o ato sexual. Essa leitura do ativo dominador e passivo dominado foi constatado por Allen, na década de 1964; porém, pode-se concluir que ainda está presente em muitos discursos hoje em dia.

Seguindo essa mesma idéia de passividade e atividade Fry (1982, p. 90) acrescenta que “o homem 'bofe' idealmente domina a 'bicha'. Além disso, a relação entre 'homens' e 'bichas' é análoga à que se estabelece entre 'homens' e 'mulheres', no mesmo contexto social, em que os papéis de gênero masculino e feminino são altamente segregados e hierarquizados”.

Quando se percebe a presença da homossexualidade no Brasil? Segundo Trevisan, (2002), a homossexualidade é presente desde a descoberta do Brasil, entre os índios que habitavam o país. E perdurou durante o período escravocrata e até hoje em meio ao silêncio dos becos gays.

No entanto, o sociólogo Gilberto Freyre, citado por Trevisan (2002, p. 113), “acreditava que a prática homossexual teria sido popularizada no Brasil pelos próprios colonizadores europeus”. Trevisan (2002, p. 117) ainda acrescenta que “certos autores acreditam que a prática homossexual, no Brasil, florescia dentro dos colégios jesuítas brasileiros, entre os numerosos órfãos que os padres mandaram vir de Portugal”. Claro que a prática homosse-

xual nos colégios jesuítas era guardada em segredo. E logo, ainda na época da colonização brasileira, segundo Trevisan, a Santa Inquisição perseguia e condenava aqueles praticantes do pecado da sodomia.

Por toda história do Brasil, os homossexuais brasileiros se vêem perseguidos e acabam por se refugiarem em ambientes próprios a eles. E quando se tem coragem de assumir sua condição publicamente, isso pode lhe custar caro. Recentemente, o Brasil assistiu um ato de homofobia que causou muita revolta. Não faz tanto tempo assim que segundo Trevisan (2002, p. 158):

em 1993, o vereador Ronildo dos Santos, do vilarejo de Coqueiro Seco (Alagoas), confessou-se bissexual num programa de rádio local. Depois disso, foi afastado da Câmara Municipal, por 'quebra de decoro', e passou a receber freqüentes ameaças de morte. Mesmo tendo pedido proteção à justiça, ele foi seqüestrado de casa e assassinado. Dias depois, encontraram seu cadáver decapitado, com os órgãos sexuais mutilados, pernas quebradas, dedos e unhas da mão arrancados; sua cabeça apareceu boiando num rio, não longe do local, sem olhos, a língua e as orelhas, além de dois tiros num ouvido.

Esse é um dos muitos casos de homofobia que sempre aconteceram no Brasil. Além dos assassinatos há, também, violência verbal, que até hoje, em pleno ano de 2008, ainda acontece no país. E, não raro, seja no convívio familiar, entre amigos ou no trabalho, qualquer manifestação visualizada como prática gay é motivo de chacota e reprovação.

Um pouco antes, em 1970, havia manuais de medicina indicando tratamento para o homossexualismo. Conforme afirma Trevisan (2002, p. 159), havia manuais que apontavam a homossexualidade como uma doença psíquica ou somática e que poderia ser curada por meio de diversos tratamentos alternativos. Segundo Trevisan, esse mesmo manual afirmava que o consumo de produtos artificiais como doces, refrigerantes poderiam causar a “doença homossexual”.

Quando a homossexualidade deixou de ser crime e passou a ser considerada doença, surgiram, naturalmente, várias propostas de cura, como se viu na citação anterior. No século XIX, segundo Trevisan (2002, p. 181) propunham-se também que cuidasse da educação dos meninos e meninas e que fossem afastados dos 'normais' os já 'tarados' ou adoecidos pelo mal. Devia-se, segundo o autor, mostrar ao pederasta a beleza do corpo da mulher e a fazer leituras de obras românticas que despertassem paixões e atração por mulheres, a fim de se buscar uma cura.

Pecado, crime, perversão, doença e sexualidade psicologicamente motivada. A ho-

mossexualidade, por parte da história humana ocidental, se vê tachada a cada momento por um desses adjetivos. Cada adjetivo desses, leva a busca por resposta da causa da homossexualidade. E até mesmo os próprios homossexuais, em alguns casos, se questionam sobre a própria condição de homossexual, ou em outros casos, se colocam a lutar e a tentar convencer a sociedade de que são pessoas "normais".

Alguns, por sua vez, tornam-se intelectuais e são estes - como se viu anteriormente - pesquisadores homossexuais - que mais estudam essas questões na tentativa de comprovar que a homossexualidade é uma das vertentes da sexualidade humana e se o sujeito se declara homossexual, isso não quer dizer que ele seja "anormal".

Ao contrário dos estudos promovidos por pesquisadores homossexuais, as pesquisas levadas a cabo por héteros, tem, como foco, localizar ou pelo menos supor, mesmo que sutilmente, uma certa anormalidade na construção psíquica e/ou histórica da homossexualidade.

Outrossim, percebe-se que o estudo da homossexualidade não deve ser debatido em busca de uma resposta sobre como ou porque existem sujeitos homossexuais, e, sim, debater esse tipo de sexualidade em busca de um aprendizado comum, em prol de uma vida sexual e afetiva saudável e, por fim, criar um vínculo de ética e respeito entre homens e homens, mulheres e mulheres ou entre homens e mulheres, independente da sua opção sexual.

Observa-se, na história da homossexualidade no Brasil, a existência de uma cultura homofóbica que nasce juntamente com a época do início da colonização e perdura até os dias de hoje e mostra que o preconceito está ainda muito longe de chegar ao fim. Nessa pós-modernidade, como querem alguns, em que as identidades fluem e mudam o tempo todo, vê-se que os sujeitos homossexuais ainda não conseguem se libertar do seu estigma perante a sociedade. Por mais que a sociedade tenha em mãos um grande acesso a informação e ao conhecimento, algumas práticas como a homossexualidade ainda não são vistas de forma "normal". Isso porque nossa cultura está ainda bem impregnada com os imperativos do patriarcalismo e da sociedade vitoriana.

Diante de uma gama de informação, ainda descompassada, os homossexuais procuram seus guetos em busca de identificação e de auto conhecimento. Imagina-se ser isto que se busca nas comunidades gays do ORKUT. A hipótese é de que, lá, eles estão em busca por "processos de identificação", conforme idéias de Hall (2001), onde eles possam se descobrir e construir suas identidades, a partir da manifestação dos seus discursos e, neles, deixar mais

claro as idéias que têm de si. A resposta a essa análise do discurso das comunidades homossexuais serão apresentadas na análise dos resultados dessa dissertação.

2.2.4 Relação entre identidade de gênero, identidade sexual e orientação sexual

"O Amor não tem sexualidade"
Sargento Fernando¹¹

A sexualidade humana está envolta em uma gama de complexidades que a caracterizam. Falar de sexualidade envolve o entendimento de algumas variáveis: a questão do gênero, a identidade sexual e a orientação sexual. Pelas leituras dos autores propostos até aqui, chega-se a uma tentativa de compreensão de cada uma dessas variáveis.

A questão ou problematização do gênero, como se viu, surgiu a partir dos movimentos feministas. Nas décadas seguintes, com o surgimento da AIDS, a homossexualidade chegou ao discurso, ou pelo menos a tentativa, dentro dos estudos de gênero. Para as feministas, era chegada a hora não só de problematizar as diferenças entre homens e mulheres, mas, também, as diferenças entre homens e homens e mulheres e mulheres.

A identidade de gênero poderia ser definida, conforme idéias de Scott (1991) como um elemento para diferenciação percebida entre os sexos biológicos. Para Silva (1999, p. 65) entende-se por identidade de gênero o conjunto de características, construídas no meio social e cultural por uma sociedade específica, que define conseqüentemente, quais gestos, os comportamentos, as atitudes, os modos de se vestir, falar e agir de forma semelhante para homens e mulheres.

São características, que segundo o autor, estão ligadas ao sexo biológico, porém, não de maneira fixa. Ao contrário, estão em constante renovação. Silva (1999, p. 75) citando Stoller, dirá que identidade de gênero é uma mescla de masculinidade e feminilidade que pode estar presente em diferentes graus nos sujeitos. Nessa definição, a identidade de gênero não está ligada ao sexo biológico e, sim, a um comportamento psicologicamente motivado¹².

¹¹ Sargento Fernando Alcântara de Figueiredo, militar homossexual, afirmara ser vítima, ele e seu companheiro, de atos homofóbicos praticados pelo próprio exército. Eles se tornaram notícia no ano de 2008 por serem o primeiro casal gay assumidos nas forças armadas.

¹² Um programa de televisão (SBT - Repórter - 1998) pode ilustrar nossos argumentos, ao mostrar um casal bastante incomum para os padrões normativos de nossa sociedade. O sujeito "biologicamente masculino" trata-se de um travesti (possuindo traços, atitudes e comportamentos femininos - portanto, do gênero feminino). O sujeito "biologicamente feminino" trata-se de uma homossexual feminina (lésbica) e comporta-se como um homem (possuindo traços, atitudes e comportamentos masculinos - portanto, do gênero masculino). Ambos, felizes com a escolha que fizeram. diziam-se apaixonados, e segundo suas próprias palavras, haviam "encontrado

Com relação à identidade sexual, Silva (1999) a mesma está ligada à preferência sexual por parceiros do sexo oposto ou do mesmo sexo. A identidade sexual pode ser percebida, segundo o autor, a partir das práticas sexuais vivenciadas pelos indivíduos (SILVA, 1999. p. 81). Apesar disso, percebe-se, que enquanto o primeiro se refere ao comportamento exterior do indivíduo: gestos, modo de se vestir e percepção pessoal de si; o outro, se relacionada a sua preferência sexual.

Não há uma coerência entre os autores nas definições desses termos. Em uma outra perspectiva a identidade sexual é um termo que muitas vezes se mistura, também, às questões sobre orientação sexual. Segundo Harry Benjamin¹³, a identidade sexual é mais externa, ou seja, está ligada à maneira como o sujeito se vê na sociedade: feminino ou masculino. Dependendo da opção, se masculina ou feminina, esta irá se refletir na vestimenta, nos gestos e papéis desempenhados na sociedade. Outrossim, visualiza-se esse termo mais misturado às questões de gênero.

Ela se diferencia da orientação sexual. Esta última, como verificado, mais ligada aos desejos sexuais e/ou afetivos por pessoas do mesmo sexo ou sexo oposto. Ela se refere a opção hétero ou homossexual.

Observou-se que o termo “orientação sexual” quase não aparece nos estudos. O entendimento que se tem é de que termos como este não refletiria o interesse de estudo tanto da questão homossexual quanto heterossexual. Segundo a Teoria Queer, essa diferenciação entre homossexualidade e heterossexualidade não deve ser vista de forma tão antagônica.

Há divergências quanto à pluralidade de termos ou expressões utilizados para indicar a homossexualidade/homoafetividade. Para alguns autores, certas colocações parecem pejorativas e o que interessa aos teóricos *Queer* é acabar com idéias que possam negativar a questão homossexual. Por fim, compreende-se que há uma grande complexidade na definição e na tentativa de relacionar a identidade de gênero, a identidade sexual e a orientação sexual. São termos, como afirmou Silva (1999), que não se fecham em si. Estão em constante mutação ideológica, pois as pesquisas e fundamentações teóricas sobre o assunto vem sendo, a cada dia, questionadas e repensadas.

Nesse estudo adota-se a os conceitos de identidade de gênero e identidade sexual apresentados por Silva (1999), pois o autor apresenta-os de maneira clara e objetiva. Nas falas dos participantes das comunidades escolhidas para o estudo, identificar-se-á qual desses dois

o homem e a mulher de sua vida”. O casal desejava ter um filho (SANTOS, 1999, p.74).

¹³ Disponível em <<http://0posmoderno.wordpress.com/2008/06/17/identidade-sexual/>> Acesso em maio de 2008.

conceitos estão mais presentes.

2.3 CIBERCULTURA E COMUNIDADES ONLINE: NOVAS FORMAS DE SOCIALIDADE

A nova forma de relacionamento, propiciada pela cibercultura, somada a uma cultura individualista, estimulada pelo industrialismo é o que leva um grande número de pessoas a utilizarem as ferramentas da *web* para contatos profissionais, amorosos e diversão. Conseqüentemente, aquele velho encontro que se tinha na praça, cede lugar ao espaço *online* das comunidades hospedadas na Internet.

Criam-se novas linguagens: as palavras são resumidas a poucas letras pois o diálogo deve ser rápido; os sentimentos são traduzidos por meio de *memes* (figuras) e as amizades, antes limitadas e duradouras, tornam-se muitas, porém efêmeras. Tal fato, em alguns casos, a uma perda de laços tradicionais como os de vizinhança, segundo as idéias de comunidades éticas de Bauman (2003), por exemplo. Por outro lado, pode aproximar pessoas separadas por grandes distâncias geográficas.

A cibercultura instiga no meio acadêmico e social vários debates, tanto daqueles que defendem essa nova forma de sociabilidade (ou socialidade, conforme idéias de Maffesoli (2006)) com a justificativa de que essa promova uma maior interação e globalização da cultura; enquanto outros que a vêem como um fim das relações de amizade e convivência com os amigos e familiares. Esse debate, normal aos olhos de muitos pesquisadores, só vem constatar que toda mudança de paradigma causa uma certa inquietação.

Esse novo espaço de relacionamento, comumente denominado ciberespaço é, segundo Levy (1999, p. 17),

[...]o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto a cibercultura, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Pensando a partir dessa definição, pode-se compreender que o ciberespaço depende da existência da cibercultura. É no ciberespaço que a informação, o conhecimento e cultura se integram em uma rede, formando uma cultura global independente do espaço geográfico e

do tempo.

Nesse ciberespaço, o real e o virtual⁸ se integram ao que se chama de simulacro (Baudrillard) de fantasias, sentimentos e construção de vidas fora do contexto físico-social que se vive.

Estar presente nesse espaço ou *não espaço*, não quer dizer que vive-se apenas um simulacro; pois, se há sentimentos, sejam eles bons ou ruins, eles são reais. Estabelecem-se neste novo mundo, novas práticas de se conviver com os outros. Nesse sentido, daqui a alguns anos, isso será tão natural quanto os antigos encontros nas praças públicas.

A cibercultura disponibiliza no espaço virtual uma infinidade de opções de lazer, informação, que vão desde vídeos, textos, hipertextos até jogos e salas de encontros profissionais, amorosos e amigáveis. Essa diversidade de opções de conteúdos incita um certo sentimento de urgência nos sujeitos; pois, a sensação é de querer acessar tudo que está disponível e não se explora nada por completo. Não se fixa por muito tempo em nada, tudo torna-se efêmero, inclusive as relações sociais.

Todavia, ao mesmo tempo que favorecem as relações efêmeras, a rede pode, por outro lado, aproximar antigos amigos, parentes distantes e sujeitos em busca de um lugar comum; um espaço ontológico, uma segurança. Esse paradoxo, entre a proximidade antes negada pela distância física e a efemeridade das relações, deixa claro que não se deve avaliar a rede nem como perigo à sociedade, por distanciar fisicamente as pessoas, e nem como algo totalmente bom.

Estas divergências, adjetivos positivos ou negativos com relação ao ciberespaço, não são exclusivas deste ambiente, assim como o surgimento da leitura e do texto escrito fez surgir diversas críticas negativas, pois os intelectuais diziam que essa prática condenaria os sujeitos a deixar de pensar e decorar grandes epopéias e estudos filosóficos (MANGUEL, 1997), também outras tecnologias provocam tantas outras angústias e questionamentos.

Ressalta-se que não é objeto desse estudo aprofundar nos debates teóricos entre os malefícios ou benefícios do ciberespaço e, sim, entender como nesse espaço *online* os sujeitos, em especial os homossexuais, produzem discursos alternativos ou de resistência que possibilitem a (re)construção de suas identidades.

Essa problemática sobre as comunidades homossexuais do ORKUT levanta al-

⁸ Uma vez que, segundo Pierre Levy (1999), o virtual não é o oposto do real e carrega a potência do ser. Na verdade o virtual é o oposto do atual, pois este último já é ser e não potência. O virtual é algo não palpável, não é físico. Por fim, quando se fala de espaço virtual, não se fala de irrealidade e sim em um mundo não físico.

guns questionamentos sobre o que motiva os sujeitos que têm algo em comum a formar seus espaços e o querer "estar perto" mesmo que virtualmente. Daí, é interessante que se compreenda alguns conceitos, e em especial, o que significa "comunidade" e "tribos"; virtual e atual; real e potencial, para que se possa compreender melhor a dinâmica das relações sociais neste espaço.

O conceito sobre o virtual está ligado à idéia de potência, ou seja, algo a vir a ser. Enquanto que o atual é o oposto do virtual, pois já não é mais potência e, sim, o "ser" palpável e físico. A seguir, uma leitura sobre como esses conceitos são importantes para o entendimento do significado de se estar inserido nas comunidades virtuais.

A diversidade de idéias presente no ciberespaço perde um corpo físico comum e se transforma em uma grande atmosfera de conhecimentos que se encontram e desencontram na World Wide Web. André Lemos no seu livro "Cibercultura" debate bem as transformações sociais, possibilitadas pela presença do sujeito no ciberespaço. Ele aponta que se antes a industrialização individualizou os indivíduos, a rede propicia a convivência comunitária (LEMOS, 2004, p. 81).

A partir da criação de um neologismo, Lemos (2004, p. 89) indica que a cibercultura se constitui em uma cibernsocialidade. Esta, seria a junção do que Maffesoli chama de socialidade somada à parafernália simbólica do mundo virtual. Lemos contextualiza as idéias de Maffesoli, refletindo-as a partir da cibercultura e do ciberespaço. A cibernsocialidade para Lemos (2004, p. 89) se desmaterializa e forma uma consciência global. Uma mistura do biológico com o fantasmagórico, que perde corpo e cria um receptáculo de uma inteligência coletiva, conforme idéias de Pierre Levy.

Essa consciência global ou espaço de saber possibilita a reflexão coletiva de idéias. Por essa teia ou rede global, os conhecimentos locais fundem-se no global, ligando-se, interligando-se e recriando-se. A inteligência coletiva, dessa magnitude só é possível no ciberespaço; pois, nele, não há barreira física e espacial. Milhões de idéias podem circular pela Internet e estão todas ao alcance dos olhos. Vozes podem soar todas ao mesmo tempo e as salas de *chat*; comunidades virtuais, podem comportar milhares de pessoas interessadas em uma diversidade de temáticas ou tribos que são formadas na rede. "O ciberespaço é um ambiente de circulação de discussões pluralistas, reforçando competências diferenciadas e aproveitando o caldo de conhecimento que é gerado dos laços comunitários, podendo potencializar a troca de competências, gerando a coletivização dos saberes". (LEMOS, 2004, p. 135).

O hibridismo de idéias cria o que Rosnay (*apud* LEMOS, 2004, p. 136) chamará de cybionte. Este seria um organismo quase biológico, um cérebro planetário em que várias idéias, pensamentos, desejos, saberes se encontram transformando-se em um conhecimento/cérebro planetário e rizomático⁹. Ocorre que, no ciberespaço, circulam diversos enunciados, vindos de diversos lugares, mas que não possuem uma gênese ou um centro, uma continuidade conforme idéias de Foucault (2007).

Esses enunciados formam discursos que formam sujeitos e subjetividades; estes rizomáticos e performáticos. "O ciberespaço é um ambiente mediático, como uma incubadora de ferramentas de comunicação, logo uma estrutura rizomática, descentralizada, conectando pontos ordinários, criando territorialização e desterritorialização sucessivas" (LEMOS, 2004, p. 136). Para Lemos essa desterritorialização propicia o aparecimento do que ele chamará, também, de territorialidades simbólicas (2004, p. 189).

A convivência no espaço virtual cria um paradoxo. Para Lemos (2004, p. 141), ao mesmo tempo que o sujeito procura individualizar, ele busca se socializar. Fecha-se a porta para o mundo físico e forma-se outra sociedade simbólica, com outros sujeitos de diferentes partes do mundo. Continuando com a reflexão de Lemos, ele explica que "parece evidente que as tecnologias da cibercultura podem agregar, talvez como forma de lutar contra o isolamento moderno" (2004, p. 144).

Esse isolamento moderno seria causado, segundo as idéias do autor, pela alienação do trabalho, desemprego estrutural e alienação pela sociedade do espetáculo e dos simulacros. Pelo menos é mais fácil se deslocar pelo espaço virtual do que pelo espaço físico. Ao mesmo tempo que se é preso à tecno-indústria da modernidade, abre-se um espaço (independente de distância) para o relacionamento com outro.

As comunidades virtuais seriam a busca do encontro do outro semelhante e o isolamento do outro diferente. Tem-se nesse contexto, uma antagonismo entre o isolamento ou individualismo e o comunitarismo. No entanto, esse comunitarismo é mais estético e tribal do que ético, pois afasta o diferente e propõe a aceitação quase (ou exclusiva) do semelhante.

O sentir, sentimento, tato é possível, segundo Lemos, na Realidade Virtual. "A realidade virtual é um ambiente que permite interações onde os usuários recebem estímulos corporais. O corpo real migra para um mundo de pura informação. Assim, as tecnologias RV

⁹ Segundo Guattari e Deleuze, uma estrutura rizomática é um sistema de multiplicidade, um sistema de bifurcações como um verdadeiro rizoma, uma extensão ramificada em todos os sentidos, sem centro (LEMOS, 2004, p. 136).

nos permitem, não só olhar uma paisagem, por exemplo, mas experimentar" (2004, p. 155).

O ciberespaço, apesar da criação de um excesso de informações, possibilita, segundo Lemos (2002), a liberação do pólo emissor. Essa liberação, segundo o autor, permite expressões livres e múltiplas. “o excesso, paradoxalmente, permite a pluralização de vozes e, efetivamente, o contato social” (LEMOS, 2002). A barreira dos *mass média* é quebrada impossibilitando, segundo o autor, pelo menos no ciberespaço, o controle das diversas modalidades comunicativas.

As comunidades virtuais, inseridas no que se chama de cibercultura, a partir da liberação desse pólo emissor, têm favorecido novas formas de sociabilidade ou socialidade. Essas novas formas de convivência têm propiciado o encontro de culturas geograficamente distantes; porém virtualmente próximas. Também traz a segurança do anonimato dificilmente encontrada na realidade física.

Há, na Realidade Virtual, um encantamento diferente de outras tecnologias presentes no nosso meio. Enquanto que, em algumas mídias, o sujeito é passivo e espectador do evento, o espaço virtual permite uma participação ativa dos membros. Rheingold, *apud* Lemos (2004, p. 156) esclarece que enquanto o cinema mostra a realidade ao público, o ciberespaço propicia um corpo virtual, um papel a cada um. A imprensa e o rádio falam, o teatro e o cinema mostram, o ciberespaço incorpora. A pessoa/persona deixa de ter um papel passivo no simulacro de acontecimentos da cibercultura, de um modo geral, e passa ser participante e personagem dessa realidade com direito a emoções e sensações.

2.3.1 Comunidades *online*: presenteísmo, hedonismo, formismo, vitalismo e estética

Para o estudo das comunidades homossexuais virtuais do ORKUT, fez-se a leitura de dois importantes autores que discutem a questões tanto relacionadas à Comunidade ética quanto da tribalização estética: Bauman (2003) e Maffesoli (2006). Todavia, verificou-se que, o melhor autor para que se possa refletir sobre a idéia de junção por identificação de sujeitos nos ambientes virtuais é Maffesoli (2006). Isso porque, como se verá, a idéia de tribalismo do autor é a que mais se aproxima das características observadas nas comunidades *online* do ORKUT. No caso de Bauman (2003), com seu estudo sobre 'Comunidade' trará elementos que serão importantes, mas não tão completos quanto os de Maffesoli (2006), para a compreensão dessa mudança estrutural entre Comunidades éticas e comunidades estéticas.

Entretanto, acredita-se ser importante, em um primeiro momento, refletir sobre as idéias de Bauman (2003) e em seguida, refletir sobre Maffesoli (2006), para que se possa fazer uma construção teórica de conceitos tão complexos, apresentados pelos autores e que abrem campo para o entendimento das questões relacionadas ao ORKUT.

Para Bauman (2003), a palavra “comunidade” transmite uma sensação agradável de segurança e aconchego. Em uma comunidade que exista fisicamente, os laços de união se dão por meio de parentescos e vizinhança. Nas comunidades virtuais, imagina-se que os sujeitos se integram a essa, na maioria das vezes, por identificação. E essa identificação propicia uma sensação de pertencimento, o que causa uma certa segurança e bem estar. Nas sociedades tradicionais, a ligação entre as pessoas ocorre por meio do pertencimento a certo grupo religioso e de espaço físico social. Enquanto que, nas comunidades Pós-Modernas, essa identificação ocorre por interesses mais ligados à indústria cultural, formando, assim, uma cibersociedade.

Bauman (2003, p. 19) esclarece: "pessoas que sonham com a comunidade na esperança de encontrar segurança de longo prazo que tão dolorosa falta lhes faz em suas atividades cotidianas, e de libertar-se da enfadonha tarefa de escolhas sempre novas e arriscadas, serão desapontadas". Tal fato se justifica, porque está-se sempre sujeito a novas idéias e novos discursos, que influenciarão nas subjetividades e identidades dos membros das comunidades.

A busca pela comunidade, como pode ser percebida em Bauman (2003), é na verdade, um desejo de compartilhar angústias, medos e ansiedades. Uma das hipóteses deste estudo é de se descobrir nas comunidades homossexuais do ORKUT, essa vontade de compartilhar tais sentimentos, pois, imagina-se que a maioria, ali, compartilha suas dúvidas, seus anseios e tenta encontrar no outro um porto seguro. No entanto alerta Bauman (2003, p. 21):

é discutível se essas comunidades-cabide oferecem o que se espera que ofereçam – um seguro coletivo contra incertezas individualmente enfrentadas; mas sem dúvida marchar ombro a ombro ao longo de uma ou duas ruas, montar barricadas na companhia de outros ou roçar os cotovelos em trincheiras lotadas, isso pode oferecer um momento de alívio da solidão.

Em um século em que tanta informação é disponibilizada, mas que, também, há muitas perguntas sem respostas, se integrar ao grupo que se identifica, torna-se uma necessidade. Entretanto, ainda há outras comunidades, identidades, subjetividades à escolha do sujeito. Daí, esse questionamento que faz Bauman (2003) sobre se realmente se encontrará esse seguro coletivo. Deve-se deixar claro que quando Bauman (2003) fala de comunidade estética,

ele não está especificamente falando das comunidades virtuais; mas, pode-se refletir sobre esse conceito e tentar relacioná-lo ao ciberespaço.

Já Maffesoli (2006) chamará esse agrupamento de sujeitos, com pontos em comum, de tribos. Da mesma forma que Bauman (2003), Maffesoli (2006) dirá que "a construção de microgrupos, das tribos que pontuam a espacialidade se faz a partir do sentimento de pertença em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação" (MAFFESOLI, 2006, p. 224).

Deixando claro que, enquanto Bauman (2003) fala de comunidade, Maffesoli (2006) falará de tribos. Esses dois conceitos, se pensados na proposta do presente estudo, são um pouco semelhantes; porém, diferenciados em alguns pontos. No caso das tribos, a característica é de uma relação chamada de socialidade que preza pelo presenteísmo, hedonismo e pela ética da estética. Quanto a comunidade, ela transmite uma idéia mais de sociabilidade, uma coisa mais duradoura, segura, porém, conforme já dito por Bauman (2003) é discutível se ela realmente oferece esse porto seguro. Pode ser que, ao mesmo tempo que se busca nas comunidades homossexuais do ORKUT, a idéia propriamente dita da comunidade de Bauman (2003) (segurança, aconchego, andar junto), tem-se, também, a idéia tribalista de Maffesoli (2006) (ética da estética, presenteísmo), conforme já enunciado, porém com mais força nesse último.

Essa concepção de tribos pode ser analisada tanto em grupos que se reúnem em espaços físicos ou em espaços virtuais. Nos espaços virtuais, as relações com os grupos são diferenciadas. Sobretudo são grupos "que não deixam de lembrar as estruturas arcaicas das tribos e dos clãs das aldeias. A única diferença notável característica da galáxia eletrônica é, certamente, a temporalidade própria dessas tribos" (MAFFESOLI, 2006, p. 225). Como há diversas tribos que integram uma diversidade de sujeitos, é comum essa efemeridade de tribos.

Pelo observado nas idéias de Maffesoli (2006), as tribos virtuais, apesar de ainda estarem ligadas ao ideário de tribos mais antigas, caracterizam-se pela falta de continuidade e de laços entre os indivíduos. Nesse caso, a busca é por uma estética do prazer, fazendo com que a sociabilidade se perca em prol de uma socialidade. "A socialidade é um conjunto de práticas quotidianas que escapam ao controle social (hedonismo, tribalismo, presenteísmo) e que constituem o substrato de toda a vida em sociedade, não só da sociedade contemporânea, mas de toda forma social" (MAFFESOLI apud LEMOS, 2004, p. 82).

Essa falta de controle ou essa "liberdade" cria o que Maffesoli chama de ética da

estética. Que não se interessa pela moral de uma comunidade ética, mas vai em busca de um prazer estético compartilhado com outros sujeitos da mesma tribo. Essas tribos, sejam elas do ciberespaço ou não, afastam outros que são diferentes.

A socialidade adquire outras características. Essas características estão ligadas ao que se vivencia hoje com relação as identidades múltiplas assumidas pelo sujeito. Na socialidade "a pessoa (*persona*) representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa. Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi*" (MAFFESOLI, 2006, p. 133).

A vivência na socialidade galáxia, conforme idéias de Maffesoli (2006), se caracteriza por uma urgência em viver o aqui e agora e pela fluidez nos relacionamentos, diferente do que se podia viver nas comunidades éticas tradicionais onde, segundo Maffesoli, (2006), "o indivíduo podia ter uma função na sociedade, e funcionar no âmbito de um partido, de uma associação, de um grupo estável".

Semelhante a essa questão, Bauman (2003) caracteriza dois tipos de comunidades: a comunidade esperada em que suas características se aproximam das características da sociabilidade (segurança, ética moral, aconchego, confiança, unidade etc.); e a comunidade estética que possui características semelhantes às socialidades (tribalismo) de Maffesoli (2006). A primeira seria a busca por segurança, aconchego, ética, confiança e unidade - para Bauman (2003) impossível. A segunda seria a que melhor representaria a vida atual e coincide, em parte, com as idéias de Maffesoli (2006) sobre tribalismo.

Essas características assumidas pela comunidade estética provocam, na visão de Bauman (2003), a perda seu significado primeiro (de bem estar) pois, segundo ele, "uma coisa que a comunidade estética definitivamente não faz é tecer entre seus membros uma rede de *responsabilidades éticas* e portanto, de *compromissos de longo prazo* (BAUMAN, 2003, p. 67).

Há elementos diferenciados que são característicos das comunidades éticas tradicionais, e há outros próprios das comunidades estéticas, como por exemplo liberdade e segurança . Nas comunidades virtuais, por exemplo, tem-se mais liberdade, em contrapartida os vínculos são bastantes efêmeros: quem, de fato, está ali para te proteger? Com quem se pode contar? Abaixo quadro comparativo entre os dois pensadores:

Características da comunidade esperada (impossível de se Alcançar segundo idéias de Bauman - 2003)	Características do Tribalismo (Maffesoli - 2006)	Pontos em comum entre comunidade estética de Bauman e Tribalismo em Maffesoli
Aconchego, conforto	Insegurança, desconfiança	Estar junto, pertencimento
Segurança, confiança	Presenteísmo, hedonismo, formismo e vitalismo	A estética em oposição a uma ética
Comunidade ética	Ética da estética	Identidades efêmeras
Amizades duradouras	Amizades efêmeras	Prazer efêmero
Unidade	Pluralidade	Laços descartáveis
As identidades são formadas no seio familiar, igreja	As identidades são formadas por processos de identificação	Identidades fragmentadas, construídas e desconstruídas

A partir do quadro acima, pode-se definir os conceitos que estão ligados a perspectiva Pós-Moderna presente nesse estudo: formismo, presenteísmo, hedonismo e vitalismo; conceitos fortes na obra de Maffesoli (2006) e que serão considerados nas análises dos resultados dessa pesquisa. O formismo se caracteriza, segundo Simmel, citado por Lemos (2008), em uma necessidade de se superar a "forma" imposta pelas instituições sociais. Formas estas de uma cultura que visa enquadrar a vida, regulá-la, controlá-la. "A vida necessita da forma para existir, da mesma maneira em que ela deve estar expandindo-se para além das formas para 'ex-istir'". Esse conceito de formismo leva conseqüentemente ao que Maffesoli (2006) chamará de vitalismo. Este, por sua vez, caracterizado como uma força vital, não física, que impulsiona o indivíduo a se estabelecer como tal e vivente.

O presenteísmo se caracteriza, segundo Lemos, na "ênfase no presente em detrimento de perspectivas futuristas". Para Lemos (2008) "A vida cotidiana contemporânea vai insistir na dimensão do presente; num presente caótico e politeísta, caracterizando um primeiro conceito-chave da socialidade: o presenteísmo". O hedonismo pode ser definido pela busca ao prazer imediato e que se sustenta na eterna busca do bem estar e da felicidade.

Assim, podemos, conforme Lemos (2008), "ver nas comunidades do ciberespaço a aplicabilidade do conceito de socialidade tribal, definido por ligações orgânicas, efêmeras e simbólicas", carregadas de prazeres instantâneos e pelo desejo de se experimentar o novo.

Quais são os vínculos estabelecidos entre os indivíduos que fazem parte das comunidades virtuais homossexuais do ORKUT? Esse meio realmente permite a construção de um discurso alternativo, contra hegemônico? Será possível chegar a um pensamento comum com relação a homossexualidade? Os freqüentadores desse ambiente são prisioneiros ou são

senhores da idéia de si nesses ambientes? O que constroem de si é somente um simulacro, conforme conceito postulado por Baudrillard (1991)¹⁴

¹⁴O livro “Simulacros e simulação” de Jean Baudrillard traz uma análise sobre como as imagens, a vida pós-moderna (apesar de o autor não se considerar pós-moderno) transformam nossa vida em hiper-realidade. Observa-se que sua obra incorpora alguns conceitos/temas da psicanálise na tentativa de mostrar que toda essa ‘simulação’ promovida pela pós-modernidade acaba por manipular os indivíduos mesmo que inconscientemente. Baudrillard nos mostra que a simulação é mais complexa do que se imagina, por exemplo “aquele que finge uma doença pode simplesmente meter-se na cama e fazer crer que está doente. Aquele que simula uma doença determina em si próprio alguns dos respectivos sintomas” (p. 09).

3 IDENTIDADE, HOMOSSEXUALIDADE E COMUNIDADES *ONLINE*

Há diversos trabalhos científicos que têm analisado as comunidades *online* na construção das identidades pessoais. Em todos os trabalhos, observa-se que o sujeito nos ambientes *online* vai em busca de algo que não encontra no mundo *off line*. Esse mesmo sujeito encontra na rede uma fuga e um porto seguro para se expressar. Logicamente, cada tribo *online* cria leis, implícitas de regulação dos discursos pois, como se viu em Foucault (2007), nem tudo pode ser dito em qualquer lugar.

As opiniões sobre a Internet variam muito. Em alguns casos são noticiados na televisão ou jornais profissionais de diversas áreas que têm criticado o uso da Internet afirmando que criam-se indivíduos hedonistas e enfermos (viciados em Internet), mas têm-se pesquisas que chegam à conclusão de que a Internet e as comunidades *online* são novos espaços de relacionamentos que apenas atualizam as antigas formas de estar junto (praças públicas por exemplo).

Apresenta-se aqui alguns resultados de pesquisas anteriores que tratam das comunidades *online*, de forma menos pessimista e abordam a construção das identidades gays nesses espaços.

Nussbaumer (2004) conclui em sua pesquisa “E-jovens: potencialidades da escrita de si”, que na comunidade *online* por ela estudada, os adolescentes podem expressar e construir sua homossexualidade pois não são censurados, segundo a autora, como nos ambientes *off line*. Ela afirma que esses espaços encorajam os adolescentes a assumirem sua homoafetividade fora do mundo *online*.

Com relação à construção das identidades, Nussbaumer (2004) afirma que os jovens têm, na comunidade E-jovens, a necessidade de se identificar com figuras famosas, que de certa maneira, abonem suas condutas. Não há, no E-jovens, segundo a pesquisadora, um engajamento político em defesa ou em prol da questão homossexual e, sim, mais a questão de estar junto e de se relacionar com os outros jovens. Entretanto é interessante ressaltar que eles não se mostram conformados com a realidade heteronormativa.

Por fim, o trabalho de Nussbaumer (2004) chega à conclusão que a escrita de 'si' na comunidade E-Jovens, parte da necessidade dos sujeitos em tornar-se homossexuais e serem reconhecidos como tal porém, que esse reconhecimento seja verdadeiro, sem discriminação e preconceito.

Alonge (2006) em sua pesquisa “A rede e o ser”, aponta alguns pressupostos referentes a construção das identidades gays nos espaços virtuais. Na análise do discurso feita por ele em *blogs*, há uma necessidade dos homossexuais em tornar a homossexualidade conhecida e risível em uma homossexualidade aceita. Isso ocorre, segundo o autor, por meio de uma auto-afirmação e auto-aceitação enunciada sempre na rede. Ele afirma, também, que para maioria dos homossexuais, fora dos *blogs*, a homossexualidade ainda continua indizível.

Para ele, a escrita nos *blogs* é uma forma de desabafo e compartilhamento de experiências entre os sujeitos. Alonge (2006) completa que, na falta de vínculos familiares consistentes, o círculo de amigos [nos *blogs*] torna-se o único lugar em que o homossexual 'que tomou uma resolução', pode exprimir suas emoções e seus sentimentos.

Fernandes (2007) no seu estudo “Folkcomunicação e Mídia Digital: a luta simbólica pela cidadania nos espaços de homocultura virtual” afirma que a Internet não apenas insere os sujeitos homossexuais em um espaço em que podem exprimir suas identidades, mas também como trincheiras para o combate ao preconceito. Esses espaços virtuais, segundo o pesquisador, cristalizam as auto-identidades no sentido da reafirmação e reconstrução da homossexualidade.

De uma maneira geral, as pesquisas sobre a homoafetividade nos ambientes *online*, revela uma necessidade, por parte dos gays, de uma auto-aceitação. Nesse sentido, a convivência com outros, nesses espaços, lhes dão a chance de se conhecer por meio do outro e se fortalecer entendendo que ele, enquanto gay, não está sozinho no mundo.

3.1 AS COMUNIDADES *ONLINE* - ORKUT

A partir das idéias sobre tribalismo, viu-se que o ORKUT é o espaço ideal para que se possa discutir tais conceitos. Encontra-se, nele, diversas características apresentadas nos estudos sobre tribalismo de Maffesoli (2006). A primeira é a idéia de agrupamento de sujeitos por processos de identificação. Estes unem-se aos outros por meio de características em comum; segundo, a efemeridade das amizades. No ORKUT, todos os dias novos amigos são adicionados e novas 'amizades' conquistadas.

É possível, nesse espaço, postar mensagens e essas serem respondidas automaticamente. A toda hora chegam novas mensagens; a toda hora novos amigos são adicionados. Por fim, a partir da ética da estética, pode-se “odiar demais” ou “amar demais”

alguma coisa, possibilitando que sejam ditos enunciados que não poderiam ser falados fora dele, como por exemplo (eu odeio meu chefe, detesto biblioteca, sou corno e daí) além de outros.

O ORKUT é uma rede social *online* criada por programadores do GOOGLE e, segundo informação encontrada em sua página, tem como objetivo ser uma comunidade *online* criada para manter contatos com amigos, por meio de mensagens e conhecer mais pessoas com interesses parecidos ou iguais; tanto para contatos profissionais quanto afetivos.

Pode-se também criar comunidades *on-line* ou participar de várias delas para discutir eventos atuais, reencontrar antigos amigos da escola, ou até mesmo, trocar receitas favoritas. Por fim, é possível, nesse espaço, decidir com quem interagir. Antes de conhecer uma pessoa no orkut, pode-se ler seu perfil e ver como ela está conectada ao sujeito por meio da rede de amigos. A mesma escolha é feita nas comunidades temáticas. O Criador pode aceitar ou rejeitar o participante.

Esta dissertação trabalha, especificamente, com comunidades virtuais de homossexuais hospedadas pelo ORKUT. Para participar da comunidade primeiro deve-se criar um perfil, como se fosse sua página pessoal. Nesse perfil, o sujeito deve descrever a si próprio na questão "quem eu sou". Diversas informações como idade, estado civil, nível de escolaridade, orientação sexual, email, hobbies, livros lidos, programas de televisão preferidos e outras informações a mais são acrescentadas. Opta-se para que estas informações sejam privativas aos amigos conectados ou a serem conectados ou que esteja disponibilizada a qualquer um.

Nessa auto-descrição, o sujeito já tem a possibilidade de construir ou tentar construir o que ele define de si próprio. Percebe-se, na visita a páginas dos próprios amigos conectados, que essa descrição não é fixa. Durante o tempo os participantes tendem a editar novamente e adicionar ou mudar completamente o seu perfil. Outros preferem colocar poesias, letras de músicas ou outro tipo de texto no lugar da auto-descrição. Talvez porque o "eu" se identifica com o texto ou mesmo por não saber se definir.

Apesar de não ser foco direto para esta pesquisa, essa análise ajuda a confirmar o exposto por Hall (2001) sobre as identidades não fixas existentes na pós-modernidade e também o que foi visto em Rolnik (1997) sobre as subjetividades que mudam ao sabor dos ventos.

Muitas pessoas usam o ORKUT como um arquivo *online* para armazenar fotografias e vídeos familiares abertos aos amigos. Diferentemente do que se via antigamente, as inti-

midades, momentos felizes e registro de acontecimentos marcantes não são mais privativos do seio familiar.

Torna-se necessário que os outros também vejam e sintam os sentimentos por trás das imagens. Nas comunidades gays, o que se busca é a partilha de algo em comum. As comunidades, no geral, tentam o partilhamento de conhecimentos e dúvidas sobre questões relacionadas aos assuntos de interesse. Mesmo que o sujeito não se identifique e seja um anônimo nessa rede, os saberes, imagina-se, podem ser adquiridos, partilhados e construídos a partir do acesso ao discurso do outro.

4 CAMINHO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória, com *design* de estudos de caso, a partir de uma abordagem qualitativa, utilizando do método de análise documental e observacional.

A escolha a este método de pesquisa é baseada na definição de pesquisa qualitativa caracterizada por Bauer e Gaskell (2002, p. 23) que dirão que tal abordagem lida com interpretações das realidades sociais. Essas realidades podem ser visualizadas a partir do contato direto com o objeto de pesquisa, no caso as comunidades virtuais do ORKUT.

Dentro da proposta de pesquisa exploratória qualitativa, fez-se a observação sem participação, de forma a compreender como ocorre a construção das identidades gays, a partir da análise de discurso dos participantes dos fóruns das comunidades homossexuais, hospedadas pelo ORKUT.

A partir da verificação inicial das comunidades gays, hospedadas pelo ORKUT, identificaram-se milhares de comunidades relacionadas à temática homossexualidade. Diante da impossibilidade de analisar todas, em função do volume de dados a serem tratados e o tempo disponível para conclusão do estudo ora proposto, optou-se por fazer algumas tentativas de delimitação da população a ser pesquisada.

O primeiro recorte refere-se ao público. Essa pesquisa pretende estudar as comunidades e analisar os discursos de gays que são os homossexuais do sexo biológico masculino. Pelos primeiros testes e visitas às comunidades virtuais, detectaram-se algumas comunidades que tratam da homoafetividade masculina; mesmo que entre seus integrantes houvesse a aceitação da participação de mulheres e de outros sujeitos com identidades sexuais (declaradas) diferentes da busca. Assim, teve-se o cuidado de avaliar comunidades em que tanto a participação quanto o direcionamento da discussão, se relacionassem com ao público pretendido.

O segundo recorte feito foi com relação à quantidade de comunidades a serem pesquisadas. Avaliaram-se 2 (duas comunidades), o que significou um volume razoável de dados, pois foram lidas mais de cinco mil postagens. Essas comunidades foram escolhidas seguindo os seguintes critérios; por ordem de importância: que discutiam a questão da homossexualidade masculina (gay); brasileiras; atuantes; produziam uma quantidade razoável de enquetes e fóruns (ou seja, aquelas que são ativas); mais antigas (ou que estejam a mais tempo atuantes). Estariam fora do grupo de comunidades a serem estudadas aquelas, que tratam ex-

clusivamente: das lésbicas, dos transgêneros; *drag queens*, transsexuais, bissexuais e transformistas. A exclusão desse grupo parte, primeiro, pelo princípio da necessidade de limitação do tema e porque cada uma dessas sexualidades possuem diferentes definições e problemáticas próprias, as quais, dificultariam a compreensão do tema proposto.

Dentro dessas primeiras tentativas de seleção, que incluíram visitas a mil comunidades, duas chamaram a atenção: "Homens que amam homens" e "Eu apoio o casamento gay". A primeira propõe, considerando a sua própria descrição:

Amor...

que sentimento é esse que inspira as mais belas poesias, as mais belas pinturas, as mais nobres atitudes? que sentimento é esse que, mesmo ausente, tem tão grande poder? para os amantes, é força que os une... e os inebria. para outros, é força que os motiva numa busca incessante. Há ainda aqueles para quem o amor é dor, a dor da perda... ou a dor de ser incompleto. Mas é força! sempre é força!
cada um tem uma visão, ou uma vivência, a respeito do amor. mas todos concordam que é um compartilhar. compartilhemos então! compartilhemos nossa opinião, nossas experiências! e não estaremos, assim, nos aproximando do amor?

Essa comunidade pretende, pela poesia como descrição, falar de amor e dizer que o amor é possível dentro de uma união homossexual. A outra comunidade escolhida "Eu apoio o casamento gay" pretende:

Há coisas que vão contra a natureza, muito mais do que a homossexualidade, e que, no entanto, os humanos podem fazer, como ter uma religião ou dormir de pijamas"
Magnus Enquist - Etnólogo da Universidade de Oslo

Você concorda com a união entre pessoas do mesmo sexo?
Você é gay, lesbica, bissexual ou heterossexual convicto de sua sexualidade e quer lutar pelos direitos de uma minoria que cumpre seus deveres e exige ser respeitada?
Quer igualdade entre as pessoas???

Junte-se a nós nessa luta...

OBS: O casamento do título não remete a religiosidade, mas ao caráter civil do termo.

Mais uma coisa. Esta comunidade é para debates sobre o assunto, e não para propagandas que não tenham a ver com o tema, nem uma comunidade de paquera. Se seu objetivo é esse, procure outra comunidade. Pergunta de *Марсия Zanon* em um dos tópicos:

Por que a nossa sociedade acha mais normal dois homens com uma arma na mão do que com as mãos dadas?! Pensem nisso!

Estas comunidades estão diretamente ligadas à nossa proposta de pesquisa, uma vez que os tópicos dos fóruns produzem debates interessantes na busca por autoconhecimento e permitem a formação discursiva dentro do espaço *online*. Apesar de na descrição da segunda comunidade haver a aceitação da discussão também de lésbicas, percebeu-se que a maioria dos membros e das discussões eram voltadas ao público masculino.

Nas análises a esta comunidade, foram excluídos tópicos abertos por mulheres e pessoas que pelo discurso, identificavam-se como heterossexuais. Como a proposta dessa dissertação é estudar a construção de identidades gays masculinos, no momento da análise dos tópicos, verificou-se no perfil de cada sujeito, como ele se apresenta. Caso o perfil não denunciasse seu sexo biológico ou identidade sexual, pôde-se identificá-lo enquanto gay pelo seu discurso postado na comunidade.

Outro fator que levou a escolha dessas comunidades foi a variedade dos temas abordados: sexualidade, sociedade, cultura, religião, gênero, família dentre outros. Esse recorte é necessário, pois uma grande parte das comunidades não produz discursos suficientes que possibilitassem o estudo das formações discursivas.

O último recorte necessário refere-se ao período de monitoramento. Pretendeu-se analisar os discursos gerados desde o início da comunidade até a atualidade (31 de agosto de 2008).

Para avaliação das comunidades escolhidas, foram seguidos alguns passos importantes para uma análise criteriosa e qualitativa do ponto de vista metodológico. Como não existiam outros trabalhos que pudessem servir de parâmetros para a elaboração dos procedimentos metodológicos, foram feitos alguns testes até chegar no que foi considerado ideal para a presente pesquisa.

Sendo assim, foram estabelecidos os seguintes procedimentos: indexação dos assuntos de cada tópico dos fóruns; colocação dos fóruns em ordem de mais postados; especificação dos fóruns que geraram discussão; avaliação dos fóruns mais postados; verificação dos perfis dos participantes da comunidade: idade, grau de instrução, perfil econômico.

A avaliação dos fóruns teve como base principal os princípios da análise da formação discursiva de Michel Foucault (2007). Porque, para este autor, um discurso, para existir, depende da existência de outros enunciados que façam com que certas coisas sejam ditas e outras não. Esta análise ajudou a compreender historicamente a existência de determinados discursos e, também, como esses interferiram na formação das identidades dos sujeitos dessa pesquisa.

Foi preciso acrescentar, à metodologia, algumas variáveis para se conhecer o perfil dos participantes dos fóruns das comunidades *online*, pois, alguns discursos poderiam ter relação com a idade, classe social e grau de instrução desses membros. Como as comunidades possuem uma população bem extensa, para a análise dessas variáveis, utilizou-se o cálculo de

proporção para universos finitos. Para o cálculo dessa fórmula, foi necessário, primeiramente, calcular a proporção para em seguida fazer o cálculo de ajuste para universos finitos dado da seguinte forma:

$$n = \frac{Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{e^2}$$

sendo que:

n= tamanho da amostra

Z= nível de confiança

p= verdadeira proporção

e= erro aceito

O nível de confiança foi extraído da tabela Z. O grau de confiança escolhido foi de 95% dado pela tabela $Z = 1,96$. A verdadeira proporção sugerida foi de 0,5 que é a estimativa mais segura pois corresponde ao maior tamanho de amostra que pode ser calculado numa razão de 0 a 1. O erro aceito sugerido foi de 5%.

Calculando:

$$n = \frac{1,96^2 \cdot 0,5 \cdot (1 - 0,5)}{0,05^2}$$

$$n = 384,16$$

O tamanho calculado sem ajuste é de 384,16. Com esse número, pode-se fazer o cálculo de ajuste para universos finitos, já que se sabe a quantidade de membros de cada uma das comunidades.

Primeiramente, fez-se o cálculo da quantidade de participantes da comunidade “Homens que amam homens” que seriam verificadas as variáveis de idade, grau de escolaridade e classe social, usando a seguinte fórmula:

$$n = \frac{n0 \cdot N}{n0 + (N - 1)}$$

Sendo que:

n = tamanho ajustado da amostra

n_0 = tamanho calculado sem ajuste (dado pela fórmula anterior)

N = quantidade de membros da comunidade (24000).

Calculando:

$$n = \frac{384,16 \cdot 24000}{384,16 + (24000 - 1)}$$

$$n = 378,12$$

O resultado do cálculo propôs a consulta, para verificar as variáveis acima especificadas, de 378,12 perfis de participantes da comunidade “Homens que amam homens”. Resolveu-se arredondar a quantidade para 400 verificações. Os perfis escolhidos para análise das variáveis foram dos participantes ativos da comunidades.

Na análise das variáveis, verificou-se que a maioria não trazia resposta para todas elas. Todavia, deu-se preferência para os perfis que disponibilizassem, pelo menos, a idade. Essa decisão foi tomada porque, das variáveis, a que se considera mais importante é esta, pois a idade pode indicar maior grau amadurecimento, que influenciará nas reflexões do gay no processo de construção da sua identidade ou identidades. A idade é determinante, muitas vezes, para que ele assuma ou não sua condição homossexual para a família e para a sociedade e pode também influenciar no seu auto-entendimento.

Diante dessas dificuldades, tomou-se a decisão de dobrar a quantidade de perfis avaliados para 800 perfis. Desses 800 foram excluídos: os perfis repetidos (já constante nos perfis visualizados); os perfis que não traziam a variável idade (foi selecionado alguns que as idades foram calculadas por alto para se ter uma idéia da idade dos que não colocaram essa informação no perfil). Finalmente, da comunidade “Homens que amam homens”, conseguiu-se analisar somente 146 perfis que tinham pelo menos, a variável idade.

Com relação à comunidade “Eu apoio o casamento gay” o cálculo exigia a pesqui-

sa de 382 perfis. Como se teve a mesma dificuldade em encontrar na amostragem, pelo menos, a variável idade, resolveu-se dobrar a quantidade de perfis pesquisados. Dos 800 perfis analisados, conseguiu-se apenas 119.

Para a análise dos discursos, algumas medidas foram estabelecidas, porque a quantidade de postagens feitas aos tópicos dos fóruns variavam muito em quantidades. Haviam tópicos com mais de 5 mil postagens e outros somente com 1 única postagem. A partir de uma primeira leitura, verificou-se que tópicos com até 2 (duas) postagens não geraram debates, discussões, pois, no máximo, se tinha uma questão e uma resposta.

Diante disso, foram excluídos: os tópicos que tinham apenas 1 (uma) ou 2 (duas) postagens e depois optou-se por fazer uma média geral para determinar a quantidade de postagens e de tópicos avaliados. Para isso foi feito o seguinte cálculo:

$$M = \frac{S}{T}$$

Sendo:

M= quantidade média de postagens

S= soma de todas as postagens

T= quantidade de tópicos.

Os tópicos avaliados foram aqueles que tiveram quantidade de postagens igual ou superior a média geral. Da comunidade “Homens que amam homens”, foram avaliados os tópicos que tiveram a partir de 20 postagens. Da comunidade “Eu apoio o casamento gay”, apesar de maior em número de membros, a quantidade de postagens era menor. Por isso, dessa última, a média acabou sendo menor, resultando na avaliação dos tópicos que tinham a partir de 13 postagens.

Os tópicos com postagens abaixo da média, não foram desconsiderados por completo, mesmo porque, as baixas postagens significaram, na maioria dos casos, em repetição de assuntos já abordados anteriormente. Outros tópicos que geraram pouca discussão referiam-se a depoimentos, seguidos de solicitações de opiniões, sobre relacionamentos afetivos vivenciados pelo participante criador do tópico.

Ressalta-se que as falas foram transcritas na íntegra mantendo-se os erros de concordância, ortográficos e abreviações criadas pelos participantes.

4.1 ALGUMAS DIFICULDADES ENCONTRADAS

Ao fazer um apanhado geral das comunidades gays do ORKUT, percebeu-se alguns pontos interessantes mas, também, algumas dificuldades com relação à análise das comunidades.

O ORKUT agrega as comunidades gays (Homossexuais masculinos) dentro da categoria gays, lésbicas e bi. Nesse sentido, a primeira dificuldade foi a de se separar somente as comunidades que se referiam à homossexualidade masculina, uma vez que o ORKUT possui milhares de comunidades dentro da categoria acima mencionada. Apesar de ter mais de mil comunidades na categoria gay, lésbicas e bi, o ORKUT só relacionou mil. Dentro dessas mil, tentou-se separar as comunidades que estavam de acordo com o critério primeiro da pesquisa, ou seja, comunidades que tratavam da homossexualidade masculina das comunidades gerais (gays, lésbicas e bi).

A primeira comunidade escolhida “Homens que amam homens” não foi difícil de se identificar, pois se encaixava muito bem dentro dos critérios propostos: trata-se da homossexualidade masculina, antiga; bastante participantes e bom material de análise. Já a segunda comunidade foi mais difícil. Isso porque tentou-se analisar uma comunidade que diferia da primeira escolhida como tema (no caso a comunidade “homens que amam homens” tem como ponto central o amor e relacionamentos, apesar de, também, trazer outros assuntos).

Assim, surgiram outras dificuldades: outras comunidades quando tinham assuntos de título diferentes da primeira comunidade não traziam material suficiente de análise. Isso porque, também, muitas comunidades voltadas ao público gay masculino são comunidades de fetiches como por exemplo: desejos por homens gordos (que eles chamam de ursos); interesse por passivo, ativo ou versátil; preferências por homens mais velhos; troca de vídeos e senhas; contos eróticos; ridicularização de times de futebol; beijo gay; homens com cuecas brancas; desejo por gays negros; gays magros; comunidades de gays direcionadas a diferentes estados; locais de putaria; militares tesudos; desejo de transar com um famoso além de outros.

As comunidades com categorias mais gerais, ou seja, direcionada às diferentes homossexualidades trazem material de análise melhor, por conter mais debates e expor variados

assuntos. No entanto, como a proposta é discutir a homoafetividade masculina, fica difícil identificar quais postagens são feitas por gays. Isso porque, em muitos perfis, os sujeitos não informam a “orientação” sexual.

Dessa forma, a seleção dos tópicos analisados ocorreu da seguinte forma: em um primeiro momento, ordenou-se os tópicos mais postados; em seguida, deletou-se o que claramente não foi tópico aberto por gays masculinos (todos os tópicos postados por mulheres¹⁵ foram apagados), assim como tópicos abertos por homofóbicos.

¹⁵ Apesar de se entender que a formação de identidades está relacionada a todo tipo de interação, nesse caso, as mulheres foram excluídas, pois o objetivo desse estudo foi de analisar somente as falas dos gays do sexo masculino. Analisar o sexo feminino também, exigiria mais tempo e diferenciados aportes teóricos.

5 RESULTADOS: CONSTRUÇÃO DO GAY POR ELE MESMO

Ao falar de identidades ou construção de identidades na sociedade Pós-Moderna, viu-se que a globalização e, junto dela, todas as mídias, que são fruto dessa revolução, disponibilizam a partir de diversos meios de comunicação, novos modos, modelos, maneiras e opções de construção de identidades. Toda essa oferta de "eus" contribui para que o sujeito se torne, muitas vezes, confuso e descentrado. As tecnologias que vieram para "aliviar" as antigas angústias antes existentes, conforme dito por Giddens (2002), não só não as curou como, também, fez surgir outras novas, como as psicopatias.

No entanto, essas novas angústias, ao que parece, não são ocasionadas unicamente por conta da globalização e da quantidade de informações disponibilizadas por meio das diversas mídias, pois as angústias sempre existiram. O que muda são as novas formas destas angústias se apresentarem e, ao que se sabe, a psicanálise nos mostra que o sujeito vive de desejos, buscas, lutas que o tornam vivo.

Curar essas angústias condenaria esse sujeito à morte. Assim, compreende-se que o indivíduo, seja em sociedades mais antigas ou na sociedade Pós-Moderna, é alimentado por essa necessidade de estar sempre em busca de algo que pode tornar a sua vida melhor e mais feliz. Para isso, ele precisa enfrentar desafios tanto ideológicos quanto identitários tornando, assim, sua busca mais penosa.

As construções de identidades, também, levam os sujeitos a refletirem sobre "si". Foi o que aconteceu com as mulheres, por meio da luta das feministas e, posteriormente a partir do movimento gays. A globalização é um dos elementos contribuidores dessa reflexão de 'si', por unir culturas, sujeitos/enunciados. Então, as mulheres descobriram que não mais poderiam ser submissas ao sexo biológico masculino e passaram a exigir o direito ao voto, ao trabalho fora de casa; a ter os mesmos direitos que era privilégio do sexo oposto. Claro que há, ainda, muita coisa a mudar e muitos debates por vir. No entanto, as tecnologias da comunicação têm facilitado toda essa negociação reflexiva da sociedade atual.

A identidade homossexual inserida no contexto Pós-Moderno e globalizante, caminha no sentido de uma busca reflexiva do "eu". Assim, a homossexualidade e o sujeito homossexual, recentemente, na segunda metade do século XX, começou a se perceber e a levar os outros a perceberem que eles não são sujeitos "anormais" ou doentes. Da mesma forma que aconteceu com o feminismo, ainda há muito a conquistar e muitas pessoas, inclusive, os pró-

prios homossexuais ainda acreditam na anormalidade de sua condição. Usa-se, para isso, tecnologias da comunicação e conhecimentos para aprimorar as discussões e unir indivíduos com as mesmas indagações e reflexões.

Percebeu-se que gênero e homossexualidade são dois temas em desencontro, porque o processo de identificação ou de pertencimento comunitário não atraiu os homossexuais para o movimento feminista, por conta das idéias divergentes. Quando se fala em Gênero, os estudos tendem a focalizar, em sua maioria, os problemas femininos, ou melhor, do sexo biológico feminino. Apesar de, na atualidade, as feministas reconhecerem que deve-se refletir sobre as diferenças não só entre homens e mulheres, mas, sim, entre homens e entre mulheres, na prática, faltam algumas reflexões sobre a integração dos dois temas.

Surge para os estudos homossexuais a Teoria *Queer*, que, para os gays, são estudos que melhor se encaixam na discussão de suas políticas identitárias. O que se percebe com os estudos relacionados com a Teoria *Queer* é que este distanciamento entre gênero e homossexualidade acaba sendo proposital e um desejo por parte dos sujeitos homossexuais, pois, quer-se defender realmente essa diferença e o direito de tê-la (apesar de haver algumas divergências como veremos nos resultados).

Existe, também, nessa guerra de identidades e de busca do conhecimento de “si”, aqueles sujeitos homossexuais que vivem plenamente essa era Pós-Moderna, que têm acesso a todas ou quase todas tecnologias da informação, que vão desde o impresso ao ciberespaço, como, também, há aqueles¹⁰ que têm pouco ou quase nenhum acesso a toda essa parafernália. Se isso for analisado a partir das reflexões em Giddens (2002) e Hall (2001), diria-se que o segundo é mais centrado em uma identidade mais fixa ou que muda menos de identidade; porém preso a dúvida, recluso a um sentimento de não pertencimento.

Com a cibercultura, surgiram as comunidades *online*. Essas são opções a mais de encontro para os gays, antes restritos a ambiente *off line*, em festas ou clubes exclusivos. Muitos encontram nessas comunidades um espaço maior para colocar suas dúvidas e, muitas delas, ainda trazem resquícios de uma sociedade heterossexista que ainda observa a homossexualidade como doença, e lançam perguntas do tipo "Você já tentou se curar (da homossexualidade)?" E muitas outras dúvidas são colocadas no sentido de descobrir o próprio "eu". Na análise dos resultados, buscou-se responder se toda essa confusão de símbolos pode levar a construção de 'si'.

¹⁰ Considera, aqui, os sujeitos sem acesso a escolaridade e que vivem ainda em famílias que rejeitam a sua sexualidade.

A análise da construção das identidades gays nas comunidades virtuais do ORKUT tem como ponto forte o fato de que o ORKUT é uma comunidade aberta que agrega diferentes tribos e essas expõem seus desejos e ódios, por meio das comunidades. Grande parte das comunidades do ORKUT são abertas ou, sendo fechadas, permitem o credenciamento para participação. Isso é um ponto muito importante, pois o pesquisador tem a opção de fazer a observação sem interferência, podendo analisar, de perto, as falas e construções de identidades pelos próprios participantes, sem a intervenção da entrevista e sem o constrangimento da presença física do pesquisador que pode, inclusive, alterar e influenciar nas respostas dos participantes.

Ao finalizar a coleta de dados, foi feita uma postagem comunicando às comunidades que elas faziam parte de uma pesquisa de mestrado. Essa comunicação foi bem aceita pelos participantes e, para destacar um deles, que, inclusive, faz parte da moderação, informou que:

Pedro Henrique

Ola, :D
 Poxa, achei super bacana e inteligente a sua visão do assunto.
 Seria uma honra ter alguém como você com a gente.
 Qualquer coisa que precisar, é só entrar em contato comigo.
 Farei o que estiver ao meu alcance pra ajudar.
 Tudo de bom. (:
 Pedro Henrique.
 :*

Apesar do número de postagens – participação dos membros nos debates dos tópicos – ser relativamente menor do que a quantidade de sujeitos filiados a determinada comunidade, o fato de colocar seu perfil e se filiar a determinada comunidade já diz muito. Pelo que se percebe, as pessoas se filiam a uma idéia da comunidade, ou seja, na comunidade “eu apoio o casamento gay”, o tópico que rendeu mais postagem, recebeu 222 participações. No entanto, mais de 59 mil membros afirmam: “eu apoio o casamento gay” ou no caso da outra comunidade “Homens que amam homens” são mais de 24 mil que afirmam sua masculinidade e, ao mesmo tempo, sua atração por parceiro do mesmo sexo. Em outras palavras, o indivíduo ao colocar seu nome em determinadas comunidades, cria um mosaico identitário.

Outro fator importante é que as comunidades do ORKUT permitem que os participantes ou membros fiquem mais “a vontade” para expor suas idéias e pontos de vista. Nesse caso, o participante posta seu material dentro do seu tempo disponível e do seu espaço indivi-

dual (muitas vezes seu quarto). Todos esses pontos fortes da pesquisa se encaixam bem dentro da comunicação, linha mídia e cultura, pois, essas comunidades gays são construídas dentro de um espaço midiático, no caso o ORKUT e este espaço tem como consequência a potencialização da construção de diversas culturas.

É importante destacar o que levou a escolha dessas duas comunidades e não outras. O primeiro ponto de destaque foi o proposto na metodologia. A pesquisa está limitada ao estudo das comunidades gays masculinas, ou seja, de se analisar as falas dos gays do sexo biológico masculino.

Também, era necessário que as comunidades escolhidas fossem antigas e que tivessem muito membros. Apesar de aceitarem pessoas de ambos os sexos, verificou-se que nas duas comunidades escolhidas, tanto o título quanto os membros indicavam as discussões voltadas ao público gay masculino. Uma vez que nas categorias de indexação do ORKUT fica claro a distinção entre gays, lésbicas e bi. Percebeu-se que, por essa categoria de separação, gay é voltado para a homossexualidade masculina e lésbica para a homossexualidade feminina.

Assim, a comunidade “Homens que amam homens” e “Eu apoio o casamento gay” tanto pela fotografia da comunidade quanto pelo nome, voltam-se ao público do sexo masculino. Tendo como tema central das duas comunidades, o “amor” e o “casamento” elas são o exemplo mais claro da manifestação dos gays ao contradiscurso, que indica que os relacionamentos gays são puramente sexuais e bastante efêmeros.

Claro que há muitas outras comunidades voltadas às questões relacionadas somente a práticas sexuais, sadomasoquismo, dentre outras. No entanto, as que possuem maior número de membros, são as que manifestam a favor do compromisso homoafetivo e que, mesmo em uma atualidade em que os laços afetivos são frágeis e pouco duradouros, eles buscam o casamento como forma a estabelecer relacionamentos mais sólidos.

Os discursos dos participantes das comunidades gays ocorrem por meio de diálogos e debates assumidos entre eles ao se colocar um ponto de pauta que é a abertura de tópicos referentes a determinado assunto. Nessa troca, observa-se aquilo que Bakhtin (2003, p. 279) chama de “alternância dos sujeitos do discurso”. Essa alternância é de especial importância na construção dos diálogos dos participantes dos fóruns.

É, nessa alternância, que pontos de vistas são esboçados e, como a característica das discussões e da comunidade do ORKUT não é em tempo real; o outro sujeito recebe aque-

le enunciado e em seguida responde concordando e expondo mais idéias sobre a questão ou discorda esboçando também os pontos de discordância.

Uma característica interessante desses tipos de fóruns de discussões é o armazenamento das discussões no arquivo da comunidade que podem ser vistos posteriormente. Muitas vezes, essas postagens são reiteradas, principalmente quanto um participante cai em contradição. Essa possibilidade de recuperação desses dados ajuda nas reflexões tanto de quem postou quanto de quem inicia sua participação.

Após essa alternância dos sujeitos do discurso, estabelece-se a presença de uma “conclusividade específica do enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 280). Não que essa conclusividade leve os sujeitos a um ideal comum e, sim, essa troca de enunciados entre eles, no discordar ou concordar, constrói, ou torna possível, uma nova formação discursiva em que vários pontos diferentes de outras falas tomam forma. Assim, esses discursos contribuem para a construção, reconstrução e reafirmação das identidades.

A construção, reconstrução, desconstrução das identidades pessoais são fruto das percepções do sujeito (em construção), com relação ao que está ao seu redor. Se construir enquanto sujeito não é apenas escolher entre variadas opções de “si”, algo que se encaixa ao “eu”. Estas escolhas ou sujeições vão depender da classe social e intelectual do sujeito.

Na análise arqueológica de Foucault (2007), intui-se que para a existência de determinado discurso há um conjunto de outros enunciados que farão que certas coisas sejam ditas e outras não. A presente análise segue este princípio. O que foi dito nos tópicos criados pelo fórum de discussão da comunidade “Homens que amam homens” e “Eu apoio o casamento gay”, são reflexos desse conjunto de enunciados presentes na sociedade, por meio dos aparatos históricos, sociais presentes na cultura de cada pessoa.

Outro ponto importante é a rede de Internet ser um espaço desterritorializado e, ao mesmo tempo, ele pode ser territorializado; o que faz com que os indivíduos se insiram nele, fazendo dele um espaço próprio, um lugar para ficar “mais a vontade”. Nesse espaço é possível validar a presença do movimento de mundialização, conforme aponta Ortiz (2006, p. 107). Tomando por base as hipóteses desse mesmo autor, essas comunidades *online* são espaços abstratos, racionais, deslocalizados que têm seu vazio preenchido com a presença de objetos mundializados, ou seja, são os próprios membros das comunidades que constroem aquele espaço e dão um significado e uma face a ele.

Após diversas leituras relacionadas ao tema aqui proposto “Construção das identi-

dades gays nas comunidades *online* hospedadas pelo ORKUT”, verificou-se que há vários pontos de análise para compreender a construção da identidade gay na atualidade.

Apesar das dificuldades em se visualizar os perfis dos participantes, a pesquisa revelou algumas características pessoais desses sujeitos, como segue: na sua grande maioria são brancos, classe média, estudantes ou com curso superior e jovens adultos com idade variadas; porém, concentrando em sua maioria, entre 18 a 30 anos em ambas comunidades.

O perfil idade se torna importante porque revela alguns aspectos que contribuem para os resultados apresentados em seguida, ou seja, essa faixa de idade são de pessoas que estão em pleno desenvolvimento social, pessoal e intelectual. Estão saindo de uma adolescência e caminhando para a idade adulta. Significa, portanto, que estão em um processo de descobertas pessoais e tendo a necessidade de tomar algumas decisões referente a vida, principalmente, a vida profissional e afetiva.

E isso inclui a descoberta e a reflexão de “si”. Daí o interesse de muitos deles em participar em comunidades como essas. Vale ressaltar, no entanto, que apesar de em número menor, há presença de pessoas acima dos 31 anos de idade, incluindo aquelas com pouco mais de 50 anos. Não foi verificada a presença de idosos nas comunidades o que evidencia que essa faixa etária gay, vive sua homoafetividade nos guetos tradicionais e tem bem menos visibilidade do que os jovens.

A comunidade “Homens que amam homens” foi fundada em junho de 2004 e conta, hoje, com mais de 24 mil membros. No entanto, esse número de membros a cada dia sofre mudanças. Ora com mais ora com menos participantes. Isso prova a teoria de Maffesoli (2006) sobre a efemeridade da duração dos participantes no grupo e a falta de continuidade de laços entre os indivíduos. O que chamou a atenção a essa comunidade foi a quantidade de membros, a quantidade de enquetes, o tempo de existência e, por fim, a quem ela se destina: público gay masculino.

A comunidade “Eu apoio o casamento gay” foi fundada em outubro de 2004 e conta com mais de 59 mil membros e, assim como a primeira, seu número de membros a cada dia se altera para mais e para menos. Apesar de ser uma comunidade aberta a discussão das categorias Gays, Lésbicas e Bi., percebeu-se que as discussões eram voltadas para o público gay masculino.

No geral, o que mais se observa que se discute na comunidade “Homens que amam homens” é sobre relacionamento, namoro e amor. Entende-se por relacionamento, na

visão do presente trabalho, que eles discutem sobre o relacionamento deles com outros gays e que, necessariamente, não se referem exatamente a namoro ou ao amor. Isso porque, observa-se que eles colocam essas outras duas coisas como distintas, ou seja, uma coisa é relacionamento (namoro, que não é uma relação sólida) outra coisa é o namoro mais sério e outra é o amor, mais profundo que ultrapassa os limites do sexo.

Já na comunidade “Eu apoio o casamento gay”, as discussões variam em assuntos relacionados ao casamento: filhos, vida de casado e leis. Esses assuntos se integram a outros interrelacionados a eles como: convivência, duração de relacionamentos e assim por diante.

Diferentemente do que se destaca na sociedade e na mídia, as discussões dos gays nessas comunidades, não ficam muito presas a questão do sexo. Aliás, se fala relativamente pouco sobre o ato sexual em “sí”. Vê-se que no geral, eles estão em busca de relacionamentos menos abstratos e mais duradouros.

Todos esses anos de existência renderam a estas comunidades mais de 400 tópicos e as participações, em cada um deles, variam muito. Depende do assunto e de como esse assunto é colocado na introdução da discussão.

Apesar de contar com mais de 24 mil membros na comunidade “Homens que amam homens” e 59 mil membros na comunidade “Eu apoio o casamento gay”, as discussões nunca ultrapassaram 6 mil postagens. O tópico que até o dia 31/07/2008 teve mais postagem foi o intitulado “Tópico Bate Papo” da comunidade “Homens que amam homens”, o qual, segundo o autor do tópico: “Pô galera decidi criar para poder conhecer vocês melhor, enfim é para geral se conhecer.... puxa uma cadeira e se divirta”. No entanto, dessas mais de 5 mil postagens várias foram postadas pelas mesmas pessoas indicando pouca participação do grupo como um todo.

Observa-se, também, nesse tópico que o objetivo não era gerar nenhum tipo de discussão e sim para as pessoas se apresentarem e se conhecerem. O resultado foi que a maioria não se apresentou e a conversa não rendeu muito. Ficou muito no “oi tudo bem galera” e as pessoas não falaram de 'si'. Apenas postaram *emails* para contatos e/ou solicitavam que outros as adicionassem como amigo no ORKUT.

5.1 A ESCRITA DE “SI” POR MEIO DA CONFISSÃO

A técnica de confissão sempre esteve presente no discurso do sujeito. Essa neces-

sidade existe desde o momento em que este reconheceu a “obrigação” de se revelar para as instituições credenciadas e reconhecidas para ouvir o seu segredo. A igreja católica sempre teve um papel fundamental na escuta, às vezes forçada, e no desenvolvimento de regulações que dizia ao sujeito o que era ou não pecado.

A partir da confissão dos fieis, o padre, então, estipulava a penitência a ser paga pelo pecado cometido. Logo, a justiça também tinha seu papel de ouvinte e condenadora de práticas ditas na confissão. E a justiça assim como a igreja estipulava o castigo que o meliante teria de cumprir para pagar pelo que fez.

Sendo assim, a técnica da confissão tornou-se no mundo atual uma necessidade. Ela foi para os consultórios, está nas salas de aula e chegou até a Internet. Confessar sobre si é uma necessidade para se auto-reconhecer, se aceitar, desabafar e, também, para o “cuidado de si” (Foucault, 1984).

Para Dreyfus e Rabinow (1995) existe uma relação muito grande entre sexualidade e biopoder. Controlar o sexo significa, também, controlar a vida, o trabalho e a saúde; já que as práticas sexuais interferem em todos os sentidos nesses elementos citados. Tratando-se assim, para os autores, tendo eles se baseado em Foucault, a sexualidade se torna um dispositivo. As práticas sexuais, agora vistas como perigosas para os sujeitos, foram estudadas e medicalizadas e, por fim, os sujeitos passaram a confessar sobre seus desejos para serem avaliados e julgados pelas instituições e sujeitos competentes.

A igreja deixa de ter a exclusividade ao conhecimento dos segredos dos outros por meio da confissão. Esta prática torna-se mais presente em nossa sociedade moderna - pela medicina, psiquiatria - e pela sociedade Pós-Moderna, a partir de outras formas. A confissão mudou de local e de sujeitos que ouvem: ela hoje está nos consultórios psiquiátricos e psicológicos; está nos grupos de apoio a pessoas depressivas como o CVV (Centro de Valorização da Vida) e, agora, essa prática é observada nas comunidades *online*.

Ao analisar as comunidades “Homens que amam homens” e “Eu apoio o casamento gay” identificou-se falas relacionadas a idéia de confissão ou “necessidade” de se confessar aos outros membros participantes. A confissão em ambientes *online* possibilita tanto sigilo do ato confessado, pois, na maioria das vezes, se confessa para estranhos, quanto tem-se, ali, pessoas que poderão “opinar” de forma “neutra” por não estar envolvido emocionalmente com o outro. Esse mesmo princípio da neutralidade é praticada por muitos psicólogos que procuram não atender pessoas da família ou que estejam envolvidas emocionalmente.

Tendo como objetivo principal desta pesquisa saber como ocorre o processo de formação ou não de identidades nas comunidades *online*, identificou-se a “confissão” como reveladora de vários aspectos da construção das identidades. Vê-se que uma certa parcela dos participantes mais ativos da comunidade sempre postam dúvidas carregadas de relatos de acontecimentos recorrentes em suas vidas. Pode até ser que eles exponham esses relatos a outros sujeitos do ambiente *off line* mas, ao que parece, eles se sentem mais “seguros” ou “confortáveis” em postar no ORKUT, pois há dezenas de outras opiniões para receberem e aconselharem o participante relatante (ou confessante).

Há uma necessidade de falar sobre as angústias internalizadas que tanto incomodam e afligem a vida cotidiana dos gays. Assim, a comunidade do ORKUT se torna um local em que os desabafos, dúvidas, curiosidades e relatos são possibilitados. É um ambiente, pelo que se pode perceber, pretende instigar o gay a falar sobre o que ele entende de 'si' na tentativa de se auto-conhecer por meio dos processos de identificação com o outro. Para isso, é necessário que outros opinem, de forma que o confessante possa se compreender o que ocorre consigo. A opinião do outro torna-se necessária.

Entende-se que a prática de confissão é uma necessidade que se apresenta, principalmente, em um momento da história no qual as práticas sexuais passaram a ser normalizadas. Nesse contexto, essa normalização ocorreu pelo fato de que os sujeitos não poderiam mais gastar suas energias com tanta intensidade no sexo e deixasse faltar para o trabalho. Ainda mais, porque o trabalho estava totalmente voltado em prol do lucro de uma nascente sociedade capitalista do século XVIII (FOUCAULT, 1984).

Falar de si, enquanto gay, em uma comunidade *online* como a do ORKUT, é uma forma de colocar seus atos, pensamentos e opiniões em xeque, visto que a sociedade é criada a partir de uma cultura disciplinar que obriga a reflexão dos atos de 'si' como certos ou errados.

Em algumas discussões dos fóruns, tanto da comunidade “Homens que amam Homens” e “Eu apoio o casamento gay” vêm-se alguns gays lamentando a falta de um compromisso amoroso mais sério e mais duradouro. O que fica evidente nessa lamentação é uma idéia intrincada nos sujeitos gays que faz com que eles próprios criem o estigma de não serem merecedores do amor.

O que muitas vezes contribui para a baixa estima dos gays pode ser, também, o fato de que alguns sujeitos, supostamente héteros, entram nessas comunidades somente para fa-

lar grosserias aos participantes. Um desses tópicos sob o título “Ratzinger vem aí” na comunidade “Homens que amam homens” ameaça os gays com o novo papa, dizendo que irão para inferno. Fatos como esses são indícios da construção histórica do pecado, ainda bastante presente como justificativa para condenação das relações gays. Por isso, a confissão e o questionamento dos participantes se é realmente possível e “certo” o amor gay.

Dreyfus e Rabinow (1995, p. 185) dizem que Foucault coloca a questão da sexualidade como histórica e não biológica e rejeita a noção de sexualidade como pulsão arcaica amplamente aceita, pois antes do século XVII, não havia discurso sobre o sexo. O que havia era a carne e a prática que por não ser condenada até então, não necessitava de discussões. E hoje, a idéia de pecado que se tem de gay remonta a esta época especificada. Uma vez que a homossexualidade, como se viu, é uma invenção do século XIX.

Foi segundo Dreyfus e Rabinow (1995, p. 186) “graças ao dispositivo da sexualidade, que o biopoder estendeu sua rede aos menores movimentos do corpo e da alma, através da construção de uma tecnologia específica: a confissão do sujeito individual, pela auto reflexão ou pelo discurso”. Tais dispositivos anormalizaram a homossexualidade e obrigaram, a partir da confissão, o auto questionamento dos sujeitos gays.

Em um dos tópicos mais postados “Difícil... muito difícil namorar” da comunidade “Homens que amam homens”, os gays discutem sobre o namoro sério no seu meio. Alguns acreditam que o namoro sério é complicado, tanto nas relações hétero, quanto nas relações homo. Porém, uma parcela maior, afirma que no mundo gay o namoro é mais complicado. Já na comunidade “Eu apoio o casamento gay”, o tópico que gerou mais discussão foi “Medo do casamento”.

Apesar de grande parte das postagens terem sido apagadas, as postagens revelam uma certa insegurança em se inserir em relacionamentos sérios, pois ao assumir “um casamento” o casal gay, além das dificuldades relacionadas à convivência marital com outra pessoa, tende a expor essa condição, também, à sociedade e à família; sendo alvo de possíveis manifestações de preconceito.

Pode-se questionar o porquê da prática da confissão estar presente na comunidade do ORKUT em questão; já que a confissão deveria ser feita a uma instituição (igreja, justiça) ou pessoa (psicólogo, psiquiatra). Existem três pontos importantes que justificam essa prática: primeiramente, como já exposto, o ambiente *online* e as pessoas ali são “neutras” e não envolvidas emocionalmente com o confessor; segundo, o confessor pode manter o anonimato e;

terceiro, nas comunidades específicas a um grupo, o sujeito possa encontrar aquilo que Hall (2001) chama de processos de identificação. Eles são competentes para conhecer a confissão porque também confessam e confessam para os “iguais”. Acontece uma troca de experiências, como se o espaço *online* fosse uma grande roda de terapia de grupo.

A confissão se relaciona àquilo que Giddens (2002, p. 54) chamará de projeto reflexivo do ser. Essa autoconsciência é buscada tanto em terapias psicológicas quanto nos movimentos dos indivíduos em busca de suas tribos, seja em comunidades virtuais ou em outros grupos, tais como Raves, clubes LGBTs - Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Simpatizantes, dentre outros. Tal atitude leva ao que Giddens chama de segurança ontológica.

Ser uma "pessoa" não é apenas ser um ator reflexivo, mas ter o conceito de uma pessoa (enquanto aplicável ao eu e aos outros). O que se entende por "pessoa" certamente varia nas diferentes culturas, embora haja elementos dessa noção que são comuns a todas elas. A capacidade de usar "eu" em diferentes contextos, característica de toda cultura conhecida, é o traço mais fundamental das concepções reflexivas da personalidade (GIDDENS, 2002, p. 54).

Essa autoconsciência está cada vez mais presente na sociedade pós-moderna, nome esse dado pela maioria dos autores ao atual processo que passa a sociedade. Nesse sentido, a prática de confissão contribui para essa reflexividade do “eu” além de, também, aproximar os sujeitos na mesma condição. Assim, as comunidades *online*, em especial estas em estudo, têm contribuído, segundo os próprios gays, na facilitação de contatos entre eles. Como eles próprios afirmam, às vezes é difícil identificar um outro homem como homo ou heterossexual. E na comunidade isso fica bem mais fácil.

5.2 COMUNIDADE “HOMENS QUE AMAM HOMENS”: O DESEJO DE AMAR

Como próprio nome diz, a comunidade “Homens que amam Homens”, tem por finalidade discutir o relacionamento entre parceiros do mesmo sexo; no caso específico, masculino. Nesse sentido, a maioria das postagens têm como assunto o amor e o namoro. Eles postam, ou abrem a discussão, sobre esses assuntos, com o intuito de tirar dúvidas próprias ou, até mesmo, saber a opinião dos outros diante de diferenciados temas relacionados ao amor e namoro.

Eles, também, utilizam a comunidade para brincadeiras. Há uma delas, que segundo o autor que postou, foi copiada de outra comunidade, se chama “Livre associação”. Ela

funciona da seguinte forma: um primeiro participante posta dez palavras e o seguinte escreve na frente de cada palavra outras que ele julga que tenha relação e os outros seguem com as associações às palavras postadas pelo membro anterior. Infelizmente, não foi possível recuperar as primeiras associações e os resultados que a brincadeira rendeu, pois o início do tópico foi apagado.

Outra brincadeira é um “*Talkshow*” um jogo de entrevistas. Eles escolhem um membro e os outros participantes fazem perguntas a ele. Os participantes entrevistadores fazem diversas perguntas sobre relacionamento e curiosidades sobre a sexualidade do entrevistado. A análise desse jogo de entrevistas será melhor analisado no item 5.2.2.

As primeiras constatações feitas a comunidade em estudo instiga a uma primeira análise reflexiva que é a seguinte: na comunidade “Homens que amam Homens” há mais de 24 mil participantes e a postagem (participação nos fóruns) não chega a 5 mil. Mesmo assim, não são cinco mil postagens diferentes e, sim, uma mesma pessoa posta muito mais de duas mensagens.

Vê-se que a participação da maioria não é efetiva. Existe aquilo que Baudrillard (1993) definiria como o silêncio das majorias. No entanto, esse silêncio pode significar alguma coisa. Mesmo que não se diga nada, o fato de se fazer presente em uma comunidade como essa é pelo menos confessar “Eu sou um homem que ama homens”. E são milhares de pessoas que estão dizendo isso. Mas, ainda, há o questionamento sobre o silêncio dos outros. Se não dizem nada no ORKUT, será que dizem em outro lugar?

Um outro fator importante a ser colocado em evidência, com relação a esta mesma comunidade, é o fato de a palavra “amor” estar presente, tanto no nome da comunidade, quanto nos fóruns postados pelos gays. Pelo que se percebe, o amor tem um significado muito forte e é um sentimento muito profundo, almejado pela grande maioria dos participantes do fórum. Tal ocorrência significa que os relacionamentos não são movidos unicamente pelos impulsos sexuais, como o senso comum imagina.

Levando-se em consideração esses dois fatores: a afirmação que se é um homem que ama homens e, é claro, a palavra amor, compreende-se que, em primeiro lugar, eles querem deixar claro que ser gay não é desejar ser mulher ou construir uma identidade de gênero feminina. Apesar de existir gays afeminados¹⁶ e não afeminados, estes últimos afirmam sua

¹⁶ Entende-se, a partir da análise das falas dos participantes, que os gays afeminados são aqueles mais extrovertidos, que enfatizam bem os movimentos femininos, usam roupas mais próximas do feminino, mas não são travestis, pois estes últimos chegam até a mudar o corpo para adquirir seios e outros atributos relacionados ao corpo da mulher.

masculinidade. Isso fica mais claro ainda quando observamos as fotos dos perfis.

Segundo, eles dão importância muito grande ao que eles chamam de amor, que, pela análise feita, compreende: fidelidade, companheirismo, amizade, compromisso e tolerância. Para eles, o amor entre um casal gay seria um romance duradouro em que o respeito e a fidelidade estivessem presentes. Algo a ir além do sexo. Seria o estar junto independentemente da frequência da prática sexual. Essas duas características são principais para o primeiro reconhecimento da identidade dos gays na comunidade *online* em estudo: são homens que amam homens e que desejam o amor.

O tópico que mais gerou discussão trata da dificuldade de namorar nos dias de hoje. O autor do tópico ainda afirma que no meio gay é ainda mais difícil. Os outros participantes, na sua maioria, também concordam que, no meio gay, é muito difícil um relacionamento sério. Eles próprios afirmam que se dispensa muita importância ao corpo e ao status social. Também, revelam que os namoros são muito efêmeros. Nos tópicos fica clara a presença de alguns conceitos abordados por Mafessoli (2006) que são ética da estética, hedonismo e presenteísmo.

Como dizem os participantes, os relacionamentos estão ligados ao presente, ou seja, preza-se o aqui, agora, sem se importar com o que vem depois. Há uma prevalência forte do se chama de ética da estética, ligada, também, à idéia do presenteísmo, pois não há interesse em compartilhamentos seguros, de bem estar e aconchego e, muito menos, de compromisso e duração das relações dentro da comunidade. A estética é mais importante do que a ética.

A estética fica muito clara, principalmente, quando se observa a variação de quantidade de pessoas que se filiam e (des)filiam das comunidades estudadas. E, por fim, o hedonismo: a busca por parceiros que satisfaçam um desejo próprio e individual, sem o compromisso ou a responsabilidade de saber o que o outro sente. Também, observa-se a presença do conceito de “Amor Líquido” de Bauman (2004), pois, percebe-se nessa discussão uma dificuldade enorme nos relacionamentos ocasionados por aquilo que Bauman (2004) chamará de “fragilidade dos laços humanos”.

Tem-se, assim, um questionamento: ao desejar uma relação de longa duração, os gays, de certa forma, não estão indo contra a idéia presenteísta e hedonista formulada para conceituar o estado atual da sociedade? O mundo presenteísta e hedonista preza pela valorização do presente e do prazer individual, sem a necessidade de ter que esperar o futuro para se

possuir algo ou de “um distanciamento ética do esforço em função do benefício imediato, do benefício a curto prazo” (SILVA, 2003, p.158).

Assim, o mais lógico ao se refletir os relacionamentos gays dentro desses conceitos, seria um desejo de se “curtir” mais parceiros, em um tempo menor, não se interessando, dessa forma, por relacionamentos duradouros. No entanto, a idéia de se ter mais parceiros e uma duração menor dos relacionamentos os caracterizam como promíscuos e eles não pretendem que suas identidades continuem sendo a relacionadas a promiscuidade.

Ao mesmo tempo, eles próprios afirmam que a realidade de muitos deles próprios está mais ligada a efemeridade dos relacionamentos, ou seja, uma idéia presenteísta e hedonista, deixando claro que o desejo da duração é substituído pelo o que acontece de fato: a fragilidade dos laços.

“Formismo é interação. É a idéia de ação recíproca. Não só um processo de adição, mas de multiplicação. Não se trata mais de um princípio de individualização, mas de relação, no sentido de um retorno ao ideal comunitário”. Essa é a primeira consequência da forma (MAFFESOLI, 2008, p.8). Essa idéia formista é presente nas relações criadas nas comunidades do ORKUT. Essas comunidades são vistas como um espaço de encontro em que é possível a idéia de ação recíproca; pois, ali, estão conectados os semelhantes, dando forma aos pensamentos e multiplicando percepções.

A busca pela forma vai além das regras impostas pelas instituições sociais, a partir das recriações das aparências feitas pelos gays nos seus encontros. Outro conceito importante que se aplica aos gays, na formação de suas identidades, é o vitalismo. O vitalismo em conjunto com a idéia formista, é a força vital que impulsiona as transformações do sujeito social buscando valorizar a forma e estabelecer conexões com os outros.

Todo esse conflito, discutido na postagem do fórum acima, faz alguns participantes concluírem que tais problemas só ocorrem no meio gay; o que não é verdadeiro. A questão da traição ocorre tanto no meio homo como hétero. A fluidez dos relacionamentos também, como pode ser percebido nos estudos de Bauman (2004), está presente em todo tipo de relacionamento humano. Mas, o que levam os gays a se culparem por não conseguirem relacionamentos duradouros e um amor verdadeiro?

Nota-se que é muito forte o desejo de alguns gays por um modelo de relacionamento afetivo nos moldes dos relacionamentos hétero. Querem filhos, querem maridos ou seja, desejam um modelo de família que, na verdade, também foi construído culturalmente. A

maioria, também, acredita que relacionamentos efêmeros só acontecem, ou acontecem com maior frequência, no universo gay.

A seguir, apresenta-se a análise do tópico “Difícil muito difícil: namorar”. A análise pretende aprofundar a questão da fragilidade dos laços humanos indicada pelos próprios gays. Depois analisa-se outros tópicos com assuntos diferenciados.

5.2.1 O amor em questão

No tópico “Difícil, muito difícil: namorar” da comunidade “Homens que amam homens”, pode-se identificar que as angústias dos gays são praticamente as mesmas. Eles compartilham os problemas que são comuns a eles. Na discussão do tópico, percebe-se que há uma certa inquietação por parte dos gays sobre a superfluidade dos relacionamentos em seu meio. Há, também, um desconforto em acreditar que os relacionamentos no seu meio baseiam-se, na grande maioria, segundo os próprios gays, em relações puramente sexuais.

Primeiramente abre-se para a discussão sobre o que é o amor. Amor e sexo são coisas separadas? O que é o amor? Para Morin (2001, p. 21) “o amor adquire expressão no reencontro do sagrado e do profano, do mitológico e do sexual”. Assim, entende-se que amor e sexo estão ligados em uma teia complexa que envolve corpo e alma.

No entanto, os participantes das comunidades tendem, de certa forma, separar o amor do sexo, ou melhor, do amor e do sexo selvagem, pois o sexo de pudores e regras é permitido quando há amor.

Mas há, também, casos em que o sexo é praticado sem a presença do amor, causando um certo desconforto pós coito. “O verdadeiro amor se reconhece naquilo que sobrevive ao coito, enquanto que o desejo sem amor se dissolve na famosa tristeza pós-coital” (MORIN, 2001, p. 23).

Essa noção de amor romântico revelada pelos participantes da comunidade se aproxima da “imaginação criadora” abordada por Proença Filho (1978, p. 179). Segundo este autor “os escritos românticos revelam no artista uma capacidade de criar mundos imaginários”. Sendo assim, as pessoas de uma maneira geral, tendem a filosofar sobre esse imaginário revelado ao amor.

O amor, o desejo são atos que ultrapassam os limites da dita razão. Apesar do amor ser diferente em cada cultura, existindo ou inexistindo, “não obedece à uma ordem

social: quando aparece, ignora barreiras, despedaça-se nelas ou simplesmente as rompe” (MORIN, 2001, p. 23). É essa noção de ultrapassagem de barreiras que faz com que, mesmo com toda tentativa de regulação, os relacionamentos homoafetivos sobrevivam.

No entanto, o questionamento e insegurança dos gays está muito ligada, também, a questão da fluidez dos relacionamentos característica da sociedade Pós-Moderna ou Líquido Moderna como define Bauman (2004). Essa fluidez pode ser explicada ao relacionar a obra de Bauman (2004) “Amor líquido” com os sentimentos presentes nas falas dos participantes. Em conjunto com Bauman (2004) há, também, algumas percepções, no discurso de alguns participantes, que se aproximam da teoria de Maffesoli (2006) sobre ética da estética. Entretanto, o ponto central do tópico é a questão do amor e dos relacionamentos pouco duradouros.

Sobre a questão da ética da estética (MAFFESOLI, 2006) pode-se perceber tal fato em algumas falas, disponíveis nos anexos, mas para exemplificar a constatação vale analisar a seguinte fala:

Daniel

É verdade...

Estive lendo as postagens e concordei com o que cada um de vocês disse. É um pouco de cada: Nossa sociedade de consumo, descartável, A facilidade com que se consegue alguém para uma transa casual, O individualismo...Mas também, penso eu, que a dita "promiscuidade" masculina está no fato de que a maioria dos homossexuais se assume muito tarde, então, o que deveriam ter feito na adolescência, farão na idade adulta. Não tem maturidade para assumir um compromisso sério. Maturidade para ceder, dividir, entender...Preferem diversão sem responsabilidades. Pois estar com alguém também requer muita responsabilidade...
Abraços...

Na fala, verifica-se um desconforto do participante que reclama dos relacionamentos de aqui e agora, sem valorização de outros preceitos éticos, em falta na sociedade. No discurso acima, quanto ele diz “preferem diversão sem responsabilidades” identifica-se, claramente, os conceitos maffesolianos sobre a ética da estética, mais ligada ao presenteísmo e ao hedonismo sem o compromisso do amanhã. Eles sentem falta de terem uma função e uma continuidade nos relacionamentos e da presença de laços que garantam essa função.

Um outro fator de importante destaque é a formação de consensos. A concordância que um tem em relação ao outro, estabelece a identificação de uma ligação que visa unir sujeitos com opiniões convergentes em uma mesma tribo.

Nessa mesma fala, o participante tenta re-construir ou justificar a promiscuidade

nos relacionamentos gays, indicando que isso ocorre por conta que os gays se “assumem” muito tardiamente. Ao levar essa reflexão à luz da atualidade, essa constatação indicada na fala pode fazer algum sentido. Mesmo, porque, não há espaços discursivos na família ou na escola para se refletir sobre a sexualidade de uma maneira geral e principalmente falar (aceitar) uma possível homoafetividade da criança/adolescente.

Outro exemplo que contribui para a análise sobre outras questões e, principalmente, da questão da fluidez dos relacionamentos pode ser sentida na fala abaixo:

Anônimo

medo

Acho que medo e falta de coragem, e difícil um homem chegar perto de vc pra conversar, digo tipo o cara ficar a fim de vc e ir lá, são poucos bem raros os casos. Fora as putarias e pegações as pessoas pensam " ah! já gozei deixa pra lá " outros dizem " porra! valeu, tchau!". já fiz pegações e tipo foi tudo de bom...o cara fica neutro depois da situação e não pede telefone e não deixa nenhum vestígio de algo a mais...e vc fica lá encantado vendo aquilo que foi tudo TAO maravilhoso ir embora tão rápido... acho que falta as pessoas se tocarem naqueles sentimentos básicos, primários tipo : respeito, carinho e companherismo (que em uma relação homo é importantíssimo). Acho que boa parte dos gays não serem respeitados e por causa da falta de amor e por achar que tudo é sexo. Só pra finalizar queria dizer que sinto uma pequena inveja dos heteros por saberem o que querem e ir atrás, fazer loucuras (necessárias),mas que no final das contas conseguem ter a sua fêmea ou seu macho consigo, do seu lado e juntos construir uma vida a 2 coisas que infelizmente nos falta!!

A fala acima representa bem o conceito de presenteísmo dentro dos relacionamentos gays, ou seja, “a vida cotidiana contemporânea vai insistir na dimensão do presente” (LEMOS, 2008). Fica, também, representada na fala a questão do hedonismo: busca pelo prazer imediato.

Entretanto, o autor da fala, almeja o contrário: relações duradouras, não ligadas somente ao sexo e a dimensão do presente. Essa crítica ao sexo casual feita pelo participante recai ao próprio gay. Em outras palavras, para ele, o mundo gay obriga que as relações sejam assim e manifesta que nos relacionamentos heterossexuais isso é mais fácil.

A seguir, mais um exemplo que caracteriza essa ansiedade por parte dos gays:

Anônimo

Manifesto!

É Augusto, concordo plenamente com vc e com todos os que postaram: Felipe, Gustavo, Alex, Igor e Rafael, e concordando com isso, eu só percebo que é cada vez mais difícil encontrar outro cara por simples afinidade, e podemos mensurar isso,

pois se colocarmos no papel, vamos dizer que de 4 que se conheça (e eu não costumo conhecer tantos caras assim), 3 só querem mesmo é ficar... ficar e ficar, e com quanto mais pessoas melhor e o único que sobra normalmente ou não é bem resolvido, ou já tem namorado mas está em crise... rs... (vcs hão de convir comigo). Aqui mesmo nessa comunidade (que eu penso que tem uma proposta diferente) temos exemplos disso. eu acho difícil que surja algo de certos tipos de "anúncios" que são feitos, algo além de uma trepada. é complicado, mas eu acredito muito que um dia conhecerei alguém, mas acho difícil isso acontecer na internet, ou numa balada (isso até que depende) mas - viraram sinônimos de pegação - e devido a esse tipo de comportamento de "pegação" (que reflete nada mais do que futilidade do meu ponto de vista) me afastei da comunidade GLS e digo mais, muito do preconceito que se tem quanto à opção homossexual, é justamente a fama dos guetos (sem querer dizer que guetos gays são melhores ou piores do que guetos heteros, pois sem dúvida também existem, mas nós estamos matematicamente em desvantagem óbvia e é isso que nos condena à margem da sociedade hoje) e acho mesmo que muito desse comportamento é fruto do próprio preconceito, enfim, é um ciclo vicioso. Resumindo, não nos sobra muitas escolhas quando queremos conhecer outra pessoa além dessas "áreas limitadas" vamos dizer assim... a banalização do sexo é uma realidade pan-sexual hoje, só que no nosso caso, já somos uma parcela reduzida da sociedade... se ainda tiver que filtrar... sobra quase nada, e dá no que dá... Topic (lá em cima). É como eu vejo a situação!

A partir dos pontos de concordância estabelecidos nessa fala, o gay reflete sobre a sua própria marginalização e, também, culpa a própria condição homossexual por isso. O questionamento seria: por que essa condição marginal? Foram os gays que criaram seus guetos? Ao retomar a era vitoriana, pode-se insistir em uma outra visão, ou seja, mais ligada à criação de uma norma que institui a desnaturalização das práticas homoafetivas.

O que pode-se constatar, também, sobretudo, de maneira mais intensa, é a discussão que envolve o desejo de amar e a necessidade de relacionamentos mais duradouros. Na verdade, para os gays, o amor está ligado à duração dos relacionamentos. Eles acreditam que há amor quando o relacionamento tem uma duração maior. Para refletir sobre essa questão, Bauman (2004) em *Amor líquido*, considera que a questão da fragilidade dos relacionamentos, *não é característica somente dos relacionamentos homossexuais e sim de qualquer relacionamento humano da vida pós-moderna* (grifo meu): “A definição romântica de amor como 'até que a morte nos separe' está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização” (BAUMAN, 2004, p. 19).

Como se sabe, esse modelo de família foi construído culturalmente com uma regularização das uniões estáveis entre o homem e a mulher e da sexualidade humana. No entanto, verifica-se que poucos são os casamentos que duram 'até que a morte os separe'. Para is-

so, foi inventado o divórcio. Percebeu-se que não adiantava tentar levar adiante relacionamentos infelizes e sofridos. Por que esse desejo, por parte dos gays, em se ter relacionamentos duradouros, uma vez que a realidade atual demonstra outra coisa?

Para Bauman (2004, p.21) essa fluidez dos relacionamentos é característica de uma cultura consumista. Essa cultura cria a necessidade pelo prazer efêmero de uso imediato e, também, sem exigir esforços maiores. Da mesma forma se deseja o amor, sem esforço, imediato e fascinante. Nesse contexto, os relacionamentos podem ser comparados às mercadorias: compra-se por impulso, usa-se pouco ou quase nada, perde-se o interesse.... joga-se fora.

Os relacionamentos são comparados com mercadorias, pois as mercadorias são efêmeras. Quando surge uma mercadoria com tecnologia melhor que a última adquirida, esta se torna lixo. Daí, o questionamento de Bauman (2004, p. 28): alguma razão para que as parcerias sejam diferentes?

As construções normativas o qual são vítima, pode fazer com que os gays acreditem que é muito mais complicado o amor no meio GLS do que na heterossexualidade. Outro ponto sempre abordado nas falas desse tópico é a questão da valorização do corpo. Nesse caso, eles culpam muito a mídia na imposição de tais valores. Isso mostra, também, que eles estão atentos e descontentes com o que a mídia faz e impõe sobre o corpo. Esse discurso apresentado a seguir reflete estes aspectos:

C@ssi@no

Namoro sério no meio gay

Tudo isso é muito complicado, pois não temos a facilidade de uma vida hetero. Estar com alguém que saiba "se aceitar" dentro deste mundo restrito e, além disso, queira ter alguém do lado para dividir tudo isso (alegrias, dificuldades, família, tristezas, preconceitos, etc) é quase impossível. Temos ainda o monstro da estética, no qual temos a obrigação de fazer parte de pré-requisitos como: altura, peso, pele, músculos, dinheiro, independência, etc. É Foda!!!Qdo encontramos alguém legal, temos que "rebolar" para passar por cima dos defeitos alheios. Geralmente são pessoas que não respeitam lance de família, ou querem alguém que esteja na mesma situação, enfim...se eu moro sozinho, o outro tb tem de morar, se eu sou sarado o outro tb tem de ser...para piorar, na maioria das vezes, o relacionamento é ótimo, mas o sexo cai numa rotina..aí vem o monstro do "sexo a 3, 4, 5, suruba". Ou então o sexo é ótimo, mas o relacionamento está fracassando, pois apenas 1 se esforça enquanto o outro se acomoda, mostrando um lado completamente diferente do que já foi um dia. Isso é muito chato! relacionamento de mão única não leva a nada... Infelizmente, o ideal é encontrar alguém cabeça, que saiba o que quer e que seja coerente com tudo aquilo que disse no início da história. Isso, é quase impossível!!!

Ao avaliar essa discussão sobre namoro, fica claro a questão do poder discursivo construído por meio da história que se vê refletido nas falas dos participantes da comunidade

do ORKUT. Há duas questões que Foucault (1997, 1988 e 1984) pode nos ajudar a compreender. Retomemos à questão da normalização da sexualidade na era vitoriana. Como o sexo a partir de então era orientado à procriação, qualquer forma de sexualidade diferente era criticada e “anormalizada”.

Cria-se aí um estigma ao gay. Primeiro, a impotência de não poder ter filhos, de não poder justificar o sexo pela função reprodutiva. Essa impotência, a partir dessa percepção, faz-se compreender que não tendo filhos, não sendo casados, eles sentem que o relacionamento entre eles é fluído. A percepção que eles tem deles mesmos é que acabou o tesão, acabou o amor. Nessa fala, fica evidente que uma relação boa é aquela que tanto o sexo como a convência no dia a dia devem estar em constante sintonia.

Assim, a formação discursiva historicamente sobre a sexualidade vem marcar profundamente a percepção sobre a questão do sexo na sociedade. Daí pergunta-se: porque desejar um amor eterno? Um relacionamento duradouro para a vida toda? Qual o significado disso? Quem foi que disse que os relacionamentos devem durar tanto?

O que é fato, a partir dessas indagações é que os relacionamentos estão fragilizados: sejam eles héteros, homo, amicais ou familiares. A própria mídia e outros estudos, têm demonstrado que há mudanças evidentes nos relacionamentos. Agora, visualiza-se a possibilidade de casamentos gays.

No entanto, é muito difícil acabar com um preconceito que já dura séculos quando se vê ainda que a própria família rejeita o parente gay, que ainda há muitos personagens estereotipados na mídia e o medo dos próprios gays em se assumirem (claro que esse medo se justifica pela provável crítica que sofrerão).

Na comunidade “Eu apoio o casamento gay”, apesar de falar sobre casamento, alguns tópicos revelam os mesmos medos, dificuldades e preocupações presentes na comunidade “Homens que amam homens” e, no que se refere à efemeridade dos relacionamentos e da falta de compromisso.

5.2.2 Talkshow: conhecer o outro

Os *Talkshows* não são tópicos para criar discussões. Caracteriza-se como um jogo de perguntas e respostas em que um participante é escolhido e os outros fazem a ele perguntas sobre sua vida pessoal e sobre questões gerais. Esse jogo de entrevistas tem algumas regras a

serem seguidas. Uma delas é evitar perguntas que revelem a verdadeira identidade do participante, pois, segundo os moderadores, há participantes que não assumiram sua homossexualidade fora da rede e, por isso, devem ter sua identidade preservada. No entanto, o entrevistado tem a liberdade de responder sobre questões pessoais.

Apesar de não serem tópicos criados com a finalidade de debates, a brincadeira do “Talkshow” pode revelar algumas questões relacionadas ao tema desse trabalho. Uma vez que as perguntas e respostas dos participantes dizem muito sobre suas identidades. Principalmente que são variáveis e em muitos pontos diferentes.

As perguntas são extremamente gerais. São muitas e de variados assuntos que, geralmente, eles fazem para todos os entrevistados. No entanto há assuntos que se destacam: relacionamento homoafetivo, “sair do armário”, fidelidade, amizade, família, religião, sexo e sexualidade. Além de outros assuntos como: problemas sociais, gostos culturais e mídia. Esses últimos não tanto como os primeiros.

Há nas respostas e perguntas sobre relacionamento homoafetivo, a preocupação de se relacionar com alguém de uma forma mais intensa (com amor) e sobre duração dos relacionamentos.

O que sempre aparece nas discussões é sobre filhos. Nessas questões, defendem a adoção por casais gays e criticam alguns pontos de vista que dizem que uma criança não pode ser criada por parceiros do mesmo sexo, por conta da influência e da dificuldade desta lidar com o preconceito contra seus dois pais ou duas mães. Nessa crítica, um participante indaga “então a influência melhor é aquela que a criança receberá na rua, caso não seja adotada?”. Essa indagação é reflexo de um contra-discurso à aqueles que são contra a adoção por casais gays. Nesse contra-discurso, o gay pretende questionar a sociedade se é melhor a criança ser adotada por casais gays ou viver sobre as influências que a falta de lar pode proporcionar.

Uma outra questão é “sair do armário”. Alguns revelam que a “saída do armário” trouxe pontos positivos para vida, pois não é mais preciso se esconder. Mas, uma parte revela que não se assume enquanto gay porque teme pela família, ou pelo que falarão dela ou porque tem medo da reação dos familiares. Esta parece ser o ponto chave entre a revelação e a não revelação da sexualidade dos gays.

Nas entrevistas, pergunta-se muito sobre a fidelidade. Grande parte assume que prefere relacionamentos monogâmicos, até mesmo porque se deseja relacionamentos sólidos e duradouros. E a fidelidade está ligada a esse tipo de relacionamento. Com relação à traição,

eles acreditam que em um relacionamento deve haver a sinceridade e a lealdade, ou seja, assumir e conversar com o parceiro sobre seus desejos de forma a tornar o relacionamento mais sólido.

Outro ponto que se toca sempre é sobre religião. Nem sempre falando diretamente em religião; mas, tocando na questão da crença e da espiritualidade. Uma grande parte acredita em Deus, mas não segue determinada religião, nota-se que há uma pequena preferência pela religião espírita. No entanto, no geral, eles ainda sentem o preconceito dentro das igrejas e não visualizam abertura delas em prol do respeito à comunidade gay.

A questão do sexo e da sexualidade, também, é colocada em questão. E essas questões revelam que o sexo não está em primeiro lugar nas relações. Grande parte dos gays revela que, para acontecer a transa, mesmo que casual, tem que ter sentimento. Ainda na questão do sexo há interesse dos entrevistadores em saber se o entrevistado é ativo ou passivo, se desejam mulheres e que tipo de homens eles desejam. Nessa última pergunta, eles sempre revelam que preferem pessoas inteligentes e que possuam uma beleza interior. Mas, acabam por, também, descrever tipos físicos que refletem os corpos projetados pela mídia.

Mas, além de tudo isso, eles ainda perguntam sobre problemas sociais, gostos culturais e um pouco de mídia. As questões sociais abrangem a questão da pobreza, meio ambiente e militância; com relação aos gostos culturais, querem saber sobre música, livros, filmes. E sobre mídia, falam de famosos gays, filmes e novelas que retratam a questão da homossexualidade. A seguir, apresenta-se algumas perguntas e respostas que exemplificam essas constatações. Outros exemplos encontram-se nos anexos dessa pesquisa:

PERGUNTA:
Edinho Santanna

Pierre meu lindo, vou começar com perguntas descentes, depois gradativamente vou te esculachando (brincadeira, bebê... não só conheço as regras do jogo, como tbm não faz meu gênero). Mas não durma tranquilo não pois, mais a frente vou meter bomba em vc... (rsrsrsrs)...

Gatu, vc fez um comentário na sua resposta ao Bruno onde diz: "...boa parte do sofrimento da mãe é "não terei netos"..."

Sim, minha pergunta é sobre isso: **filhos**.

Nunca pensou em te-los? Se algum dia pensou, desistiu? Se ainda pensa, como pretende? Qual sua opinião e conselhos a respeito (dentro do ambiente gay, lógico)?

Um big beijo, meu lindo...

RESPOSTA:**Anônimo**

Edinho,

Meter bomba? ui! Rsrtrs

Eu já pensei na questão filhos sim. E, definitivamente, não quero ter. Eu sou excessivamente exigente comigo mesmo e não me sinto capaz de educar adequadamente uma criança. Ficando de fora – orientando minha irmã, por exemplo – eu até tenho uma boa visão; mas, na minha própria pele? Sem chance!

Mas me sinto paizão! Fui assim com meus alunos; sou assim até com adultos. rsrtrs Apesar disso, eu me sinto capaz de ser convencido a adotar, se for algo importante para meu companheiro.

Também aceitaria que ele tivesse um filho por algum método mais.... natural! rsrtrs

Em termos gerais, tratando da questão da paternidade por parte de gays, eu acho simplesmente excelente! Acho que gays são tão capazes de criar seus filhos quanto heterossexuais, ou talvez até mais, se consideramos que muitos gays (não todos, claro! mas boa parte!) demonstram significativas inteligência e sensibilidade.

No que diz respeito aos 'efeitos' para a criança... tolice! Não nego que haja implicações. Ainda é complicado o garotinho dizer na escola que tem dois pais. Mas desafios, todas as crianças têm. E penso que o que gera distúrbios, perversões e neuroses é algo que não está na sexualidade dos pais, mas na atenção e amor destes aos seus filhos.. aliás, falta de atenção e amor. Uma criança pode sim (e deve) ver dois homens se beijando! De fato, quanto mais tabus, quanto mais proibições, aí sim há mais tentações!

E, no que diz respeito à adoção, é melhor uma criança adotada por dois gays ou jogada num orfanato?

PERGUNTA:**Rafael**

Você acredita em monogamia? Aquela história de lealdade e não fidelidade, você acha possível?

RESPOSTA:**Anônimo**

Rafael,

Eu acredito em monogamia e fidelidade sim!

Mas também acredito em lealdade e poligamia!

Eu respeito o ser humano enquanto ser social, respeito a necessidade do ser humano de viver em coletividade e, portanto, sob regras básicas de convivência. E respeito também a produção humana... a cultura, a tradição. Tem seu valor, além do meramente formal. Mas..... não posso deixar de considerar o bicho humano como um animal também. Logo, como um ser que tem suas diretrizes genéticas e evolutivas. Um ser que tem instintos. Assim sendo, não nego o instinto biológico da poligamia no ser humano.

A monogamia e, em conseqüência, a fidelidade são produtos da cultura. Uma cultura que não foi capaz de respeitar a natureza biológica. Mas, com isso, não pretendo desmerecer a cultura, a moral. Apenas gostaria que as pessoas respeitassem mais o

próximo e parassem de tentar impor tão agressivamente sua própria opinião. Ou seja, se você é monogâmico e fiel, não diga que o “infidel” é mau-caráter. Não se trata de caráter! Não se trata de força moral! Eu aceito a poligamia não porque tenha desvio de caráter, mas por não ser capaz de aceitar doutrinas, morais, ou mesmo regras, leis, sem questionar. E, nesse caso, meu respeito à natureza biológica e animal do ser humano não me permite aceitar a monogamia com verdade absoluta e imaculada! Mas eu creio na monogamia também. Creio que você possa assumi-la e vivenciá-la. Nem se trata de crença, mas de um fato. E viva a diversidade! Uns são capazes de assimilar a monogamia e a fidelidade, outros, não.

Ao falar de poligamia, o participante deixa claro que sua visão vai além do senso comum. Ao ir além do senso comum, ele também tenta quebrar tabus e normas que “monogamizam” os relacionamentos, obrigando as pessoas de diferentes posicionamentos sexuais a vivenciarem simplesmente a monogamia. Ele diz: a poligamia faz parte da natureza. O discurso dele, mesmo que indireto, denuncia sua poligamia e o mais importante: ele tem consciência do verdadeiro significado dessa condição.

5.2.3 Você namoraria um “cara” muito pobre?

Esse tópico, pelo que se pode observar, foi criado por um gay de classe média ou classe média alta. Não se pode confirmar porque o perfil do criador do tópico não está mais disponível. Essa discussão gira em torno de questões financeiras entre os parceiros do mesmo sexo. Com isso, suscita, também, questões sobre padrão cultural, educação entre outras coisas.

Anônimo

VOCÊ AMARIA UM CARA MUITO, MUITO POBRE?

Penso que todos nós procuramos um amor verdadeiro, certo? Mas, apesar de insistirmos em não reconhecê-las, todos temos nossas exigências e os nossos preconceitos. Nossos limites. Eu gostaria de conversar agora se você, por exemplo, namoraria um cara muito pobre. Vamos imaginar que ele seja muito legal, gostoso, mas vive na corda bamba financeira, sem grana para nada. É inteligente, leal e chamoso. Romântico e honesto. Mas mora em uma pensão fuleira, num bairro fuleiro, não se veste bem, prefere gastar o pouco que tem com livros do que com roupas. Você amaria alguém assim? Já pensou que ele não teria nunca grana para programas que você quer fazer? Para os restaurantes, boates ou mesmo macdonalds da vida? Já pensou? Apresentaria essa pessoa aos seus amigos sem medo de julgamentos? Até onde você iria nessa?? Vamos lá!
Beijos e obrigado.

Uma discussão como essa gerou muita polêmica entre alguns dos participantes. Sobretudo porque a questão do dinheiro diz respeito a coisas que este pode pagar e está muito

ligado à questão do capitalismo e da indústria cultural.

Quando se faz essa pergunta “você amaria um cara muito pobre”, está perguntando ao mesmo tempo: você abre mão do seu conforto do lar? Deixará de freqüentar as boates? Aceita não ter roupas de grifes? De freqüentar cinemas e bares? Restaurantes caros? Ir a mega shows? Ao mesmo tempo, pergunta-se, caso um dos companheiros tenha dinheiro, se ele está disposto a dividir o que tem com alguém que não tem.

A maioria dos participantes tem uma visão romântica referente ao assunto amor e dinheiro. Essa maioria acredita que o sentimento está acima de tudo. Mas existe uma outra parte, um pouco menor, porém bem expressiva, acreditando que não seja possível conciliar amor com padrões financeiros diferentes.

Dentro dessa última parcela que não acredita nos relacionamentos com pessoas de padrões sociais diferentes, ainda há aqueles que vêem a pobreza como sinônimo de falta de educação, de cultura e até de higiene. Veja algumas respostas sobre o tema. Demais exemplos podem ser encontrados nos anexos:

Exemplo 1: Eu, amaria sim (se tivesse q amar)

Pq o amor naum naum ker saber como a pessoa eh... eu **amaria** sim, pq ele ser pobre e nau ir em programas gays convencionais, boates etc, naum constroem **um** amor verdadeiro... o amor poderia se reduzir a duas pessoas juntas sem casa viajando pelo brasil pegando carona, etc.... tudo eh possivel..

E dependendo da situação eu ofereceria pra pagar as coisas com ele, pq eu o **amaria** e o dinheiro passaria a ter **um** valor nulo, assim como ele jah eh insignificante...

Exemplo 2: EUJA TENTEI E NAO DEU CERTO!

Tentei postar isso exatamente quando voce criou esse topico, mas nao consegui. agora vai!

EU HA NAO MUITO TEMPO, ME APAIXONEI POR **UM CARA** MUITO MUITO MUITO POBRE, DAQUELES TIPOS QUE NAO TINHA 0,10 CENTAVOS PRA COMPRAR **UM** CIGARRO VAGABUNDO NO CAMELÔ. É MUITO FACIL FALAR QUE O AMOR SUPERA TUDO, MAS AS COISAS NAO FLUEM BEM ASSIM.

AMAR NAO É SOMENTE TER **UM CARA** CARINHOSO,QUE GOSTE DE VC, QUE SEJA UMA BOA COMPANHIA OU ATE MESMO INTELIGENTE. AS DIFICULDADES FINANCEIRAS, A FALTA DE COSTUME COM “COISAS”, FALTA DE CULTURA BASICA, DENTRE OUTRAS COISAS. ERA **UM** SACO SABER QUE AONDE EU IA COM ELE, TINHA QUE PAGAR TUDO PRO **CARA**. QUANDO FUI CONHECER A CASA DELE E ME VI EM **UM** LUGAR TOTALMENTE PRECARIO NO SUBURBIO E O LOCAL QUE ME OFERECERAM PRA DORMIR FOI O SOFÁ DURO, COM MILHARES DE BARATAS ANDANDO PELA CASA. AFFFFFFFFFFFFFFFFF

Resumindo só eu sei o que passei, e sei como é ver o amor se extinguir por causa de

situação financeira e criação, se voce sabe o que é acordar e tomar **um** belo café da manha e tomar **um** belo banho quente antes de sair para o trabalho e se ve em uma situação junto ao seu "amor" que come pao velho com suco em po barato saberia bem o que estou falando. nao existe beleza ou carinho que supere isto.

Exemplo 3: Ildeu

Fala sério!

Nunca me relacionaria com alguém muito pobre. Até porque uma pessoa muito pobre não teria o mesmo nível cultural que o meu e não daria certo. Pessoas muito pobres geralmente não tem estudo, educação, cultura, porque não puderam ter e não porque não quiseram mas não tiveram acesso a isso.

Exemplo 4: Osmar

É ATE GOSTOSO PODER AJUDAR.

Meu atual namorado, esta passando por uma fase dificil, eu ajudo sempre que preciso e posso. isso me faz bem pois gosto dele. Ele me liga sai comigo, faz caminhadas pra me fazer feliz, oque tem demais? Quantos homens ricos ja se apaixonaram e casaram com mulher pobre? Esta cheio de casos assim, porque nos os gays nao podemos e nao devemos amar alguem por ter menos que nos?

Com relação aos que aceitariam namorar com pessoas mais pobres, grande parte deles aceitariam o relacionamento, desde que o sujeito tenha cultura, educação e perspectiva de vida. Isso inclui, nessa percepção, boas condições financeiras no futuro. Outros simplesmente afirmaram que amariam sem problema.

Compreende-se, a partir da análise desse tópico, que há uma segregação dentro do meio gay. Apesar de a maioria se mostrar sem preconceito com relação ao dinheiro, vê-se que uma grande parte manifesta sim importância para a questão financeira. E nesse caso, o dinheiro pesa muito no momento de se iniciar um romance.

Nesse tópico, percebeu-se muita divergência entre os membros com grupos de variadas opiniões. Evidencia-se nessa pesquisa, que as idéias e identidades são diferenciadas e há no próprio meio gay, a presença de muitos outros preconceitos.

5.2.4 O que você prefere na cama?

A questão sobre as preferências sexuais da cama, abarcaram 3 tópicos. Utilizou-se o título do tópico que teve mais postagem para nomear essa seção. O título dos outros tópicos são: "O que você mais detesta que um homem faça na cama" (escrito erroneamente como "o que vocês não detestam que um homem faça na cama"). Reescrevi da forma correta, pois as respostas convergiam para opção reescrita; e a última: "o que vale entre 4 paredes na sua opi-

nião”.

As preferências sexuais na cama, revelam tabus e, também, as normas ditadas do que é certo e errado na hora do sexo. Essa regulação de como e quando fazer o sexo, presente nos relacionamentos heterossexuais, está presente, também, nos relacionamentos homossexuais. Não no sentido de usar o sexo somente para procriação, até mesmo porque entre uma relação gay isso não é possível.

No entanto, os gays revelam (uma boa parte deles) alguns tabus e preferências que lembram o que a sociedade impõem para os relacionamentos heterossexuais. Um exemplo disso é a afirmação de que quando se faz sexo com um parceiro sem amor, o sexo pode ser “selvagem”. Mas, quando se há sentimento, este tem que ser mais carinhoso e doce.

Anônimo

PERGUNTA: O que você prefere na cama?

Sexo papai mãe ou um sexo selvagem? E como seria a definição da sua escolha?

Anônimo

depende de quem estiver comigo

quando estou transando com alguém **que** naum tenho sentimento nenhum prefiro sexo animal afinal naum quero que saia por aí falando que eu naum sei ser profissional.rsrs

+ quando estou com alguém que eu gosto gosto **que** role tudo da preliminares até o famoso frango assado, masi tudo com carinho e paciencia aproveitando o momento

+ mesmo assimas vezes me solto um pouco porque viver de papai e mãe ninguém merece!!!

RESPOSTA : Anônimo

Sugestões

Concordo com o nosso amigo das preliminares. Acho **que** antes de qualquer coisa, os gestos de carinho e as carícias realizadas antes do sexo são tudo, já tive prazer em só ser tocado e ouvir a voz do parceiro sussurando em meu ouvido e depois de tudo não ter a necessidade de penetração. Eu adoro encostar a cabeça no peito do parceiro e ficar horas ouvindo a respiração ofegante, sentindo o cheiro do perfume ou mesmo do corpo, da pele. Outra coisa **que** eu amo também é beijar, nossa quando encontro alguém **que** beija divinamente, fico horas beijando, parece um imã.

Abcs a todos!!!

Essas questões lembram, também, aquela velha história presente nos relacionamentos tradicionais heterossexuais de que “com a puta se podia tudo, mas com a esposa só papai e mamãe”. Mas, assim como nos outros tópicos, as opiniões são bem divergentes. É claro que sobressai a questão da presença do carinho, afeto, beijos antes e durante qualquer

transa. Assim como há os que revelam que preferem o sexo selvagem.

Segue algumas falas referente ao tópico sobre “O que você mais detesta que um homem faça na cama”. Nas falas, há exposições de gostos e de nojos durante a relação sexual. Deixando claro, que uma grande maioria, não aceita “tudo” numa relação.

PERGUNTA:

Leandro

O que vcs não detestam que uma homem faça na cama?

Olá pessoal!!!

Esse tópico é para discutirmos **o que** rola e **o que não** rola de jeito nenhum **na cama**.

RESPOSTAS

Leandro

Eu detesto **que** coloquem a língua nos meus ouvidos ou **que** lambam minhas axilas. Isso me faz perder **o** tesão, me dá nojo!!!

e=MR²

COM CERTEZA...COLOCAR A LINGUA DENTRO DA MINHA ORELHA ME DÁ UM NOJO TÃO GRANDE...AFFFFFF!!PIOR TBM É GOZAR E DORMIR...

Anônimo

REALMENTE LÍNGUA **NA** ORELHA É HORRÍVEL E SADOWASOQUISMO...EKA!

luis antonio

destesto tudo **que** foge ao carinho!

Anônimo

CLARO,ALGUMAS PESSOAS SÃO AGRESSIVAS E SENTEM PRAZER,MAS DEVERIAM RESOLVER FORA DA **CAMA,NÃO** EH MESMO?

Anônimo

Cada um tem um gosto diferente

Adoro q passem a língua **na** minha orelha, Fico doidinho...srrsrs..Só **não** gosto de brutalidade...perco **o** tesão **na** hora....

zahir

excesso de carícias e carinhos são sempre bem-vindos, agora aquela frieza típica de alguns metidos a machões (por exemplo, tem uns **que** saem com gays mas **não** se deixam beijar **na** boca de jeito nenhum), isso é detestável em qualquer **homem** e inaceitável em qualquer relação, mesmo **que** seja apenas de sexo....

As respostas sobre a questão da prática do sexo variam. Porque, ao mesmo tempo em que se lê opiniões cheias de pudores, temos outras opiniões mais abertas, declarando aceitar tudo que “rolar” no momento do sexo. O pudor parece perder sentido no tópico “O que você faria entre 4 paredes?”. No entanto, o desenvolvimento da pergunta como se vê em seguida, refere-se a “fantasia”. Assim, ter fantasia é uma coisa, aceitar e vivenciar é outra. A fantasia é uma vontade, uma possibilidade que pode ou não acontecer.

Esse tópico não teve muitas respostas. Foram apenas 41, sendo que 8 postagens foram feitas por uma mulher, ao que parece, heterossexual, expondo suas fantasias criando, assim, um diálogo com um gay. Eis a seguir alguns exemplos dessa explicitação das fantasias:

PERGUNTA

Anônimo

O que vale entre 4 paredes e qual a sua fantasia ?

Sei que somos todos criativos então conte aqui o que você faria entre 4 paredes e que fantasia você realizaria com seu namorado, companheiro, ficante ou amigo?

RESPOSTAS

carlos

Entre 4 paredes: tudo q envolva carinho e virilidade ao mesmo tempo.

Fantasia: sou tarado por lutas, tecnica e força sem machucar, claro... então gostaria de ver dois caras lutando pra ver quem ficaria comigo; o vencedor ainda teria de lutar comigo pra "me ganhar de vez"... o perdedor, se quisesse, poderia até assistir o rala e rola completo, ehehe...

Anônimo

Minha maior vontade seria participar de uma festa gay e poder transar com o meu amor na frente de todos os convidados e quem sabe rolar um namorinho com alguém que nos encante.

luis antonio

Vale tudo!O que for bom para os dois esquentam mais ainda o relacionamento. É como preparar o nosso aniversário, a cada ano uma festa diferente, convidados novos, música etc.

Anônimo

oi gostaria

minha fantasia ''e transar com dois ativos ao mesmo tempo.

Leo Mineiro

Tenho umas fantasias meio doidas.

Uma, por exemplo, é estar em uma guerra e pegar um soldado inimigo.

Anônimo**Entre 4 paredes**

Vale tudo desde q vc esteja a vontade...

Minha fantasia, é uma orgia total...

Anônimo

O que vale entre quatro paredes? TUDO.

Desde que tenha e seja um valor puro e carinho por outrem.

Fantasia? VÁRIOS.

Um deles; sadomasoquismo. Puro sadomasoquismo.

Por fim, no geral, esses tópicos sobre relação sexual; a maioria mostra que a confiança, o carinho e a lealdade devem ser presentes no relacionamento, mesmo em transas casuais. Mas, revela, também, que tabus e regulações que, da mesma forma, são presentes nas relações sexuais gays. Dessa forma, o sexo continua sendo um dos dispositivos do biopoder e do controle exercido ao corpo (FOUCAULT, 1987) e para ser praticado, dependendo com quem se faça: companheiro ou paquera, deve ser seguido regras que prezam pelo pudor (companheiro) ou despudor (paquera, puto).

5.2.5 Pegar homem feio é legal?

O autor do tópico, ao que parece, pretende, com esse questionamento, provocar uma discussão sobre a questão da beleza física. Parece uma pergunta sem sentido, mas se esta for avaliada no contexto em que se vive a atualidade: padrão de beleza imposto pela mídia, tecnologias plásticas para alteração do corpo, conceito de saudável e bonito entre outras coisas; entende-se que abrir um debate como esse demonstra uma preocupação pertinente, pois, o corpo ainda é visto por muitos como porta de acesso aos relacionamentos.

Outro fato que chama a atenção é o conceito de beleza corporal estabelecido pelos participantes: o tal corpo “sarado” foi exemplificado por eles com atores famosos do cinema e da televisão brasileira. Os exemplos citados são Brad Pitt, Reinaldo Gianechine e Bruno Galliasso. Esses atores, como modelos de beleza, reporta aos padrões do belo “criado na Grécia Clássica [...] os gregos nos transmitiram o gosto pela harmonia e proporção da forma [...] o Deus da mitologia Grega, Apolo, era símbolo da beleza harmoniosa” (KURY, 2000, p. 17).

Lembrando que em outros tópicos o assunto beleza física também entra em discussão. E os próprios gays reclamam da imposição de modelos de beleza propagados pela mídia. A princípio com um tom de brincadeira como se vê abaixo:

Alan Sodré

Pegar Homem Feio é Legal?

Respondam quem puder.....rs

RESPOSTAS

Anônimo

Alan,

o conceito de beleza é totalmente relativo. Eu por exemplo, gosto de caras bem magros, narigudos, com cara de coitados, sujos ou abandonados...rs...o importante não é pegar o homem feio, É ACHAR UM HOMEM LEGAL!

Beijos,

F.

Everton

concordo...

... com o Fabian pois o conceito d beleza cada um tem o seu... oq eh belo pra mim pode nao ser pra outras pessoas... oq vale eh conhecer alguem legal,me nos envolva, nos surpreende isso eh q vale a pena!

C@ssi@no

Tb não "entendi" muito bem a pergunta!

O conceito de beleza é relativo.

O que é feio pra mim pode ser lindo aos olhos dos outros.

Eu não sinto atração por negros, orientais ou gordinhos. Mas tem gente que ama!!

Da mesma forma como eu sou baixinho e tem gente que não gosta de jeito nenhum..fazer o quê!?

Alan Sodré

Xiiiiiiiiiiii!!!!!!!

Mas eu acho que ninguém gostaria de pegar uma pessoa banguela hein!!!!!!

Bjão!

Anônimo

Homem tem que ser bonito (Gianechinni, Galiasso, Pitt...) ... e cheiroso.

Homem feio e fedido... é para as rachas, porque elas não ligam pra isso. O negócio delas é dinheiro !

Na fala acima, a postagem revela um sujeito seletivo e ligado aos padrões de beleza imposto, claramente pela mídia; uma vez que ele cita os próprios atores de cinema e televi-

são como exemplo. Completa que homem feio e fedido são para as rachas (mulheres), demonstrando que ele, enquanto gay, pode ser mais criterioso na busca de seu parceiro amoroso do que as mulheres.

Anônimo

Ah eu meio que discordo.

Tipo o homem pode ser chato, mas sei lah na hora do vamos ver ja pensou vc ter um Brad Pitt em cima de vc falando "nem foi bom da ultima vez" ou um eu por exemplo falando "eu daria tudo por vc, fico feliz só de saber que vc existe e que vc esta aqui comigo"!!!?

Anônimo

ué...

kelson, a questão aqui não é o julgamento...Decida por vc mesmo, cd um tem o direito de julgar como lhe é conveniente e possível.

o tópico foi muito inteligente e bem capcioso, por isso, "provoquei bastante". Acho q. chegamos a um consenso geral:

1. beleza é relativa ("quem ama o feio bonito lhe parece...já ouviu esse ditado?").
2. se vc se limitar só à aparência física, suas possibilidades diminuem...Eu acho q. todos aqui estão procurando "possibilidades" afetivas.
3. Sim, é hipocrisia dizer q. ninguém liga para aparência, mas o significado "aparência" tem um significado para cada um.
4. É claro q. eu preferiria, num primeiro momento, ficar com um Brad Pitt a um banguela (mas isso é um caso extremo). O q. estamos tratando aqui é do geral.

Na verdade eu gostaria de dizer q. se nos limitarmos SÓ à aparência física, o modo de se vestir, ao carro, à condição socio-econômica do cara, nossas "possibilidades" se reduzem. Daí vem o pessoal dizendo, por que estou sozinho? O q. anda acontecendo com o mundo e com as pessoas? Acontece isso...

Mas há a vida que é para ser intensamente vivida, há o amor. Que tem que ser vivido até a última gota. Sem nenhum medo. Não mata. (Clarice Lispector)

Anônimo

tem coisa pior.....

já comentaram mas, pra mim, nada pior que um homem fedido e com bafo fedido, deus me livre, principalmente de cigarro.....o cara pode ser o principe encantado mas se for fumante e tiver aquele bafo....acabou o encanto....é broxante !!!!!

Mauro

Só homens bonitos

Nada de homem feio, tenho medo de chupa cabra.

Nesse tópico, os gays foram *quase* unânimes e a maioria afirma que o importante é a beleza interior, o carinho, afetividade e que a beleza é relativa. “O que é belo para mim pode ser feio para você e vice-versa”, disse um dos participantes. Dessa forma, grande parte

deles diz que namoraria (ou pegaria) pessoas que estivessem fora do padrão de beleza imposto pela mídia. E muitos que se dizem feios afirmam que mesmo feios têm tido muitos relacionamentos.

Esse assunto provoca um questionamento: no tópico “Muito difícil: namorar! Uma parcela expressiva culpa a mídia pela imposição do padrão de beleza o que dificulta, sobretudo, relacionamentos mais sérios, pois, nem todos estão dentro desse padrão.

No entanto, já nesse tópico, eles foram *quase* unânimes em afirmar que a beleza é relativa e não se olha muito para a questão da beleza nos relacionamentos. O que impera? Os gays realmente namoram sem restrições à beleza ou o apelo midiático ainda é muito forte?

Uma suposição, sentida até aqui, é a de que as identidades são muito relativas, flexíveis e circulares. O que afirmam em um momento, em outro, são contrário ao que disseram. Claro que tanto nessa análise quanto do tópico anterior “Difícil, muito difícil: namorar” existem aqueles que acreditam na beleza física e os que não acreditam. Nesse contexto, as identidades gays não são homogêneas e estão em constante mutação, como já foi afirmado pelos teóricos (HALL, 2001); (ROLNIK, 1997).

5.2.6 Homens casados podem amar outro “cara”?

Os relatos abaixo, em muitos casos, expõem experiências vividas para servirem de ajuda a outros que passam por momentos similares. Essa mesma troca de informações foi verificada nos trabalhos de Alonge (2006): são formas de desabafo e compartilhamento de experiências entre os sujeitos.

A cultura ocidental criou um modelo de família a ser seguida, constituindo-se de pai, mãe e filhos. É natural, quando os filhos vão se tornando adultos, a preocupação da maioria dos pais em que o filho ou filha comece a namorar. É claro que a primeira coisa a vir em mente é o namoro com outro do sexo oposto.

A maioria dos pais não vai perguntar para o menino “você já tem namorada ou namorado?” Assim, o sujeito se sente obrigado pelo casamento com o sexo oposto e em muitos casos, como se pode ver nos discursos sobre homens casados, os rapazes se atraem afetivamente por outro homem, mantendo uma vida dupla. Segundo os próprios gays, usa-se o casamento para “manter as aparências” e extravasa seus outros desejos sexuais com o amante.

Ricardo

[i]HOMENS CASADOS PODEM AMAR OUTRO CARA?

Aí galera, será que um **cara** casado pode **amar** um **outro cara**, ou será isso impossível? Será que só pode rolar curticao mesmo?

Victor

Existem casos...

Mas como disse, ver ou conhecer algo assim, não sei se vi. Tenho uma amigo que era casado já tinha seus trinta anos, tem uma filha e se envolveu com um colega de trabalho que assediou ele pra valer durante um tempao, e fez todo aquele jogo de sedução que fez ele enxergar coisas que não enxergava antes e como ele mesmo me diz, não pensava em **homens** pois apenas tinha tido relações assim na infância com coleguinhas e depois mais nada. Mas a relação era sexual, não afeitva. O que aconteceu foi que depois que esse **cara** foi embora, ele passou um ano sem ninguém e começou a procurar caras e a partir de então ele se apaixonou por um, mas continuou casado e foi assim durante os anos, tendo casinhos com caras que sabiam que ele era casado. Por fim, não aguentou mais viver com a esposa, e hoje é separado. Ele diz que hoje em dia o negócio dele é homem mesmo, porém, não quer um casamento, gosta de aproveitar momentos com caras, ele é um excelente amigo, tem visões abertas sobre relacionamento e é a única referencia que tenho de homem casado. espero que o relato ajude alguém, pois eu sinceramente penso que alguns rapazes não deveriam perder tempo com **homens casados**, não por preconceito ou puritanismo, mas por acreditar que é desgastante insistir em relacionamentos baseado em sexo, geralmente pelo casado e o pior é de ter esperanças de que um dia esse **cara** possa te dar valor, pois não vai, porque ao mesmo tempo que vc dá prazer a ele, pode oferecer uma ameaça a paz que ele construiu ou pensa que construiu tendo família e sendo "Hetero" para a sociedade, acho que é constrangedor para quem ama alguém assim esperar por algo. é isso aí.

Ao acreditar que homens casados podem amar outro homem, alguns gays afirmam, ao mesmo tempo, que o amante usa o casamento para fugir do preconceito e manter o modelo de família imposto pela sociedade. Apesar de acreditarem que uma relação como essa tem amor, na maioria, eles não concordam com esse tipo de relacionamento, pois deseja algo a mais na relação, além do encontro para o sexo. Acreditam e desejam criar vínculos afetivos e monogâmicos.

Essa obrigação histórica da família heterossexual, em muitos casos, cria sujeitos confusos, os quais, arriscam o que não são (héteros) e vivenciam experiências familiares que podem não dar certo. É necessário que se discuta e até que se coloque e que seja questionado esse modelo de família atual, pois seja em relacionamentos entre gays ou héteros, vivencia-se a era dos divórcios. Será que as pessoas nasceram para casar? Será que a humanidade deve ser monogâmica?

Cria-se, também, em relacionamentos como este, um sujeito cuja identidade de

gênero e sexual exterior está ligada ao modo de vestir, gestos e práticas. E, ao mesmo tempo no seu interior, uma identidade de gênero e sexual indefinida e confusa e descentrada (HALL, 2001).

5.2.7 Namoros sérios

PERGUNTA

© \$* Jonathan

Namoro Sério

Infelizmente a grande maioria dos homens naum respeitam o sentimento, pois a grande maioria so quer ficar ou fazer sexo sem compromisso. Por causa disso acho q está cada vez mais dificil encontrar um cara com intenções sérias, que queira namorar e ate se casar. E vc? De a sua opinião a respeito desse assunto

RESPOSTA

Anderson

Busco um amor

Busco um amor, que me queira não apenas para sexo, mas, tb, para um passeio pelo calçadão de uma praia, um cinema, admirar o por do sol, para ver um filme pela TV bem abraçadinho, para um bom bate papo, ouvir música juntos, para um colo num momento triste ou refúgio qdo nos estressamos no trabalho. Um amor com quem dividir os bons e os maus momentos da vida, com seus altos e baixos. Um amor que faça carinho e seja atencioso e romântico. Sou fiel, romântico, dedicado qdo estou namorando e prezo sempre um namoro sério. Ficar não me interessa. Não me preenche. Tive alguns namorados. Um não queria compromisso sério. Outro era muito dependente emocionalmente. Outro, queria ser viver às minhas custas. Acredito ainda no amor entre dois homens. Acredito em sentimentos, pois eu os tenho.

Esse tópico teve como ponto de discussão as possibilidades de namoro sério no meio gay. Da mesma forma que o tópico mais comentado “Difícil, muito difícil: namorar”, os gays continuaram com as mesmas afirmações, ou seja, que é difícil um relacionamento sério nos dias de hoje; que os homens só querem sexo e curtição, mas que eles, os postantes, ainda desejam relacionamentos mais duradouros.

Alguns diferenciais foram que eles, além de comentarem sobre essa dificuldade, incluíram seus contatos e se apresentaram a procura de namoro. Chamou a atenção o fato de alguns não terem interesse de namorar homens afeminados. Pelo que se pôde perceber, essa aversão por afeminados pode ter como razão o fato de muitos não se assumirem. E se a família e amigos os verem com um amigo cheio de trejeitos, isso poderá denunciá-los.

Essa aversão aos afeminados pode estar relacionada, também, à questão da domi-

nação do masculino e do machismo. O feminino, como se viu em Bourdieu (2007) está ligado a fragilidade. E pelo percebido nos tópicos das comunidades, os gays querem demonstrar uma virilidade maior. Não querem ser comparados ou vistos como seres frágeis. A todo momento, afirmam sua masculinidade. E não só nas comunidades estudadas, mas em dezenas de outras, pré-avaliadas há afirmações do tipo: “gay é homem”, “sou gay e detesto afeminados”, “sou gay mais sou macho” etc.

5.2.8 Estudo comprova que gays tem cérebro feminino¹⁷

Estudos científicos como esses, instigam vários questionamentos no meio gay. Uns concordam com os estudos e outros, pelo que se pôde notar, vê nesses estudos, abertura para a exposição de preconceitos e novas formas de se taxar o gay como invertido¹⁸. A busca pela “causa” da homossexualidade passa a impressão de que a ciência parece perguntar: “o que há de diferente, biologicamente, no ser para que ele nasça gay?”. A crítica feita a essas pesquisas por muitos gays tem bastante fundamento. Uma vez que ninguém questiona e pesquisa porque uma pessoa é hétero.

PONTO DE DISCUSSÃO:

Pedro Henrique

Estudo comprova que gays têm cérebro feminino

Da mesma maneira, cérebro de lésbica parece o de um homem heterossexual. Estudo dá as provas mais sólidas de que a orientação sexual é característica biológica.

O cérebro de um homem gay é mais parecido com o de uma mulher do que com o de um homem heterossexual. É o que mostra um estudo feito na Suécia e divulgado nesta segunda-feira (16), que revelou as provas mais sólidas até hoje de que a sexualidade não é uma opção, mas uma característica biológica.

Segue o link com as imagens e com a matéria completa.

Estive lendo os comentários recebidos por essa reportagem, e sinceramente, comprovei que o ser humano é hipócrita e imundo.

OPINIÕES

Vinizinho.

num sei se acredito nessas parada naum...

eu soh gosto cara tmb... mas so super masculinoh

¹⁷ Essa pesquisa foi veiculada nos principais jornais, revistas e televisão em 2008 e estimulou a discussão do assunto na comunidade pesquisada.

¹⁸ Desejo de ser mulher.

ton

eu tbm não acredito não....

e outra: qual a utilidade dessa pesquisa?
a vida de alguém muda com esse resultado?

aff...

tantas coisas a serem pesquisadas e os caras gastando verbas do país deles pra simplesmente me fazerem rir

Rafael

E o cérebro dos bissexuais é como?

Sempre tenho um pé atrás com essas pesquisas, qual a finalidade delas? Quem publicou isso? Quem está patrocinando ela? Os cientistas são confiáveis?

Marcão72

A PESQUISA NÃO DIZ QUE O HOMOSSEXUAL "TEM UM CÉREBRO FEMININO", MAS SIM QUE SEU CÉREBRO É MAIS PARECIDO COM O CÉREBRO FEMININO. OLHA A INTERPRETAÇÃO DE TEXTO, GENTE. E ACHO ESSA PESQUISA UMA BABOSEIRA. MESMO SE FOSSE VERDADE, E DAÍ???

Caiam na real

Parem com essa hipocrisia d q tem coisas importantes pra resolver...a fome no mundo naum é só isso q é importante naum!! Essa pesquisa é importante sim...é importante pra mostrar ao mundo q nenhum gay é assim pq quer e sim por algo natural ou genético como comprova a pesquisa. E pq tb tenta a ajudar a trazer a respostas q tantos querem saber....D ond vem essa atração d uma pessoa por outra do mesmo sexo....eu por exemplo gostaria d saber o pq de eu ser gay!!!

Já para alguns gays, a pesquisa se torna interessante pois, se a ciência diz que a homossexualidade é biológica e não escolha, alguns preconceitos podem acabar. Porém, deve-se ter o cuidado, de que pesquisas como esta, acabem instigando, nas pessoas, um outro tipo de preconceito: o de enxergar o biológico como uma anomalia da formação do indivíduo e portanto, patológico. Ao mesmo tempo, a pesquisa também provoca angústias e conflitos entre os gays e instiga mais ainda a dúvida sobre suas identidades.

Ion

Gente, desarmem-se ao julgar a pesquisa.

- 1 - é só uma pesquisa, como tal, até virar verdade absoluta depende de um longo caminho para consagração e comprovação de infabilidade.
- 2- é importante saber **que** homossexualidade é algo biológico, porque pode ajudar a destruir mtos preconceitos pautados no mito da "escolha".
- 3 - ter **cérebro** de mulher não significa ser igual a mulher. A pesquisa não quer dizer

que homem gay é **feminino**...isso ae já é uma discussão completamente diferente. 4 - o **cérebro** do bissexual? Bom, isso é uma discussão mais distante ainda. Ela não propõe **que** não exista **cérebro** de bissexual, tanto **que** ela fez testes com pessoas **que** se diziam HETEROS E HOMOS. A informática não nasceu com o melhor dos computadores, as coisas são descobertas aos poucos.

Mas sem dúvida, essa pesquisa é um caminho pra ajudar a descobrir se a Bissexualidade existe mesmo, ou se é apenas uma forma de comportamento encontrada em alguns homossexuais por vários motivos **que** influenciam a vida de cada um deles: medo, rejeição, preconceito, aceitação, frustração...mas não instinto sexual.

No fim das contas...É MTO IMPORTANTE SIM.

Ficou muito na brincadeira, apesar deles fazerem questionamentos sérios com relação à pesquisa. No entanto, informações que propõem explicações sejam elas biológicas, culturais e/ou psicológicas relacionadas aos gays, chamam a atenção deles para uma reflexão sobre suas identidades; uma vez que está claro, que elas estão, pelo visto até aqui, ainda muito confusas.

Esta confusão está relacionada a dois grandes fatores: tanto o descentramento do sujeito ocasionado pela Pós-Modernidade (HALL, 2001) quanto da construção mal resolvida da homossexualidade desde o século XVIII (FOUCAULT, 1988). A única certeza bem clara em todos os tópicos estudados é a afirmação da masculinidade do gay deixada bem clara por eles: “sou gay e sou homem”.

5.2.9 “Confuso” Bíblia: viver em pecado

A temática sobre religião, mesmo que sutil, está presente em grande parte das comunidades gays. A comunidade “Homens que amam Homens”, traz alguns comentários relacionados à questão da igreja e das religiões. É importante que se entenda que a religião ainda tem um papel muito forte na construção das identidades das pessoas. Por isso que, ora ou outra, há questionamento sobre a natureza pecaminosa da homossexualidade. A dúvida sempre vem e as respostas são várias.

Apesar de muitos religiosos entenderem que existe um erro na condenação a homossexualidade, na sua essência, as religiões ainda a vêem como pecado e não toleram e muito menos aceitam essa condição. Ainda é pecado ser gay.

Confuso ≈ Biblia

Bom gente, quem me conhece, sabe que eu odeio esses tópicos de relatos pessoais.
≈~

Mas atualmente, o fato de homossexualismo ser, ou não pecado, tem acabado com a minha cabeça.

Eu temo à Deus, mas sinto com se ti vesse que escolher entre a minha vida espiritual e a minha vida pessoal. Seria justo termos que nos condenar à uma vida de frustração e infelicidade, para provar a nossa fidelidade à Deus?

Existem três passagens da Bíblia que fazem referência explícita a atos homossexuais. As duas primeiras no Velho Testamento, no contexto da purificação preconizada pela Lei Mosaica, a Torá. A terceira passagem se situa no Novo Testamento quando o apóstolo Paulo descreve os rituais orgiásticos idólatras dos gentios romanos:

"Não te deitarás com um homem, como se fosse mulher: isso é toevah (também no grego bdelygma, ambos significam "impureza" ou "ofensa ritual")." (Levítico 18:22)

"Se um homem dormir com outro homem, como se fosse mulher, ambos cometerão "toevah"." (Levítico 20:13)

"...visto que, conhecendo a Deus, não lhe renderam nem a glória... pelo contrário... tornaram-se estultos... trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens que representam o Deus corruptível, pássaros, quadrúpedes, répteis... por este motivo, Deus os entregou a paixões infames: as suas mulheres mudaram o uso physiken (natural, usual comum) em outro uso que é para physin (não natural, fora do comum, inusitado). Do mesmo modo também os homens, deixando o uso physiken da mulher, abrasaram-se em desejos, praticando uns com os outros o que é indecoroso e recebendo em si mesmos a paga que era devida ao seu desregramento" (Apóstolo São Paulo Carta aos Romanos 1:18-32)

Caraca, meu. Isso tá acabando com a minha cabeça...

Na fala acima, uma palavra chama a atenção: “homossexualismo” proferida por alguém que se diz gay. O uso desse termo, tem sido rejeitado nos dias de hoje, pois é sinônimo de doença; aparece ora ou outra no discurso dos próprios gays. Outros termos como “homossexual”, criticados por autores como Costa (1992) também aparecem muito. Essa atitude sugere uma distração ou pode expressar que os conhecimentos e estudos avançados sobre a temática homoafetiva, não estão bem enraizadas fora do meio acadêmico.

Todavia, agora analisando a questão sobre religião, muitos gays, confusos com os discursos sobre o pecado, vão em busca de outros argumentos na tentativa de provar que muito do que está na bíblia depende do ponto de vista e interpretação de cada um. E questionam também a veracidade das informações contidas no livro sagrado.

No entanto, a maioria se mostra espiritualizada, ou seja, não segue uma religião específica mas acredita em uma força suprema, em um Deus, reforçando a afirmação identitária de que o gay pode ser “religioso” e ser aceito por Deus. Alguns vêem que o que importa é o amor e que Deus é amor. E usam algumas passagens bíblicas para oporem as passagens que condenam a homossexualidade.

Julian

Bom meu caro....

Eu tenho a resposta.

Tudo isso são questões dos Judeus como vc viu lá no caso do deputado israelense.

Para os israelitas vc se tornaria impuro se comece carne de porco ou de qualquer outro animal q não fosse de pasto.

Um homem jamais poderia transar com uma mulher grávida, depois q ela tivesse recentemente um filho ou se estivesse menstruada e por ai afora.

Jesus disse q a impureza dos homens não está nas mãos não lavadas (lembre q os israelitas tinham uma obsessao por limpeza a ponto de abrir piscinas públicas (os banhos públicos) para q os "impuros" todos os que não eram fariseus, ou tivessem qualquer tipo de doença, inclusive paralíticos tomassem banho).

Jesus lembra q a impureza está no coração. "Túmulos caiados (branquinhos) por fora mas cheios de podridão por dentro". Assim, eram os fariseus. Cultuavam o exterior mas por dentro continuavam orgulhosos e desprezando os pobres e inválidos.

O velho testamento e mesmo Paulo estão carregados dessas tradições israelenses em q os terremotos são culpa dos gays.

Eles condenavam o relacionamento homossexual pq não geria frutos - filhos. Só q existem diversos casais q não produzem filhos. Pros judeus são casais heterossexuais "impuros" como pra própria igreja católica q está carregada da tradição judaica.

Jesus deu o exemplo do amor incondicional e é isso q devemos buscar. Temos q lembrar q seria errado nos relacionarmos com alguém apenas de foram egoista. Agora se há afeição a coisa muda.

Pedro seria errado vc não amar e se vc acha q estou errado procure no meu perfil q há um pastor lá q também pode te ajudar. Mas, eu sei bem do q to falando.

Abção

Nick Erastai

bem, vou tentar resumir....passava um pastor por uma rua aqui do Rio, após um sequestro relâmpago os caras deram muita porrada e ele ficou caído assim entre a calçada e o matagal....vieram ums cristãos e disseram....é a bebida faz dessas coisas "Jesus tem misericórdia desse homem...e seguiram orando", veio um outro grupo atrás e disse olha só , bebeu muito, agora aguenta.....e seguiram cada um o seu caminho....veio a madrugada e passou um grupo de gays vindo da boíte, "olha lá o que houve com o bofe..../" perai....o cara tá todo machucado....segura aqui , pega pelas pernas , meu Deus apanhou pra ca...., gente faz vaquinha aí e vamos chamar um taxi....pois bem, levaram o dito homem(o pastor) pro hospital e assim socorreram aquele dque talvez os expulsasse da igreja por serem viados....."agora pergunte a Jesus, quem foi o próximo daquele homem...." os religiosos de plantão?, osque vieram atrás (membros da honrada família brasileira?) ou os gaysresumo da história (veja no evangelho de onde parodiei "o bom samaritano") e entenderá que só o AMOR conta pra Deus....espero ter te ajudado....

Discursos como esses, deixam claro a importância que religião, sobretudo o cristianismo, exerce sobre as pessoas de um modo geral. A homossexualidade como pecado é muito forte. E o que a caracteriza como pecado é o fato de as pessoas acharem que a união entre pessoas do mesmo sexo, esteja fora da natureza, ou seja, entre dois homens ou entre duas

mulheres não há possibilidade de geração de filhos.

Entretanto, as pessoas se esquecem que mesmo em casamentos heterossexuais, há casos em que, mesmo sendo da vontade dos cônjuges, o homem ou a mulher ou ambos tem algum problema físico ou psicológico, que pode impossibilitar uma gravidez. Então, da mesma forma que casais homossexuais estes também são estéreis.

Na comunidade “Eu apoio o casamento gay” falas ligadas à religião são, também, destaque. Da mesma forma que a política; assuntos ligados a religião revelam grandes diferenças entre os gays.

Um assunto nessa última comunidade que gerou polêmica, foi a discussão da possível exclusão da comunidade “Jesus era gay”. Para muitos gays, a comunidade parecia “brincar” com o nome de Deus. Então, para os próprios gays, chamar Jesus de gay é uma ofensa ao nome do “Senhor” Deus, como diziam alguns participantes.

Essa discussão levou a outros questionamentos como, por exemplo: passagens na bíblia que poderiam condenar a homossexualidade e chama, também, a atenção o tabu de não considerar a possibilidade de Jesus ser gay; pois ele é símbolo de perfeição enquanto que o gay é símbolo de imperfeição (o ser a receber a salvação e não o ser salvo por sua própria natureza).

O assunto relacionado à crença e religião sempre ganha espaço de discussão nas comunidades estudadas. Entretanto, percebe-se que a maioria possui uma fé independente de religião. Deus é muito importante para pessoas, independente da orientação/condição sexual.

Como a questão religiosa – leia-se Deus – é muito forte para a grande maioria das pessoas; há tópicos, que sempre voltam ao assunto. Muitas justificativas contra relacionamentos homossexuais partem da interpretação que se tem das palavras escritas na bíblia. Alguns estudos como do padre (HELMINIAK, 1998) dirão que o problema é interpretação, ou seja, que algumas passagens são interpretadas erroneamente. Outros a seguirão ao pé da letra e a usarão contra os outros. E também pode-se “escolher” deixar algumas idéias de lado e usar somente aquelas palavras da bíblia que satisfarão os desejos de controle que, tanto a igreja como estado, podem utilizar para domesticar as pessoas.

Assim, alguns estudam a bíblia para que se possa encontrar nela subsídios para a produção de contra-discurso a favor das práticas homoafetivas. Um participante da comunidade “Eu apoio o casamento gay” coloca algumas questões bíblicas que poderiam ser interpretadas de forma a criar outros preconceitos que, no entanto, não são sentidos pela socie-

dade:

Marcio

VAMOS SEGUIR A BIBLIA?

DEPOIS QUE LI O COMENTARIO DE UM TAL MARCELO NO TOPICO CONTRA CASAMENTO NO RELIGIOSO FIQUEI COMO SEMPRE TAO IDIGNADO COM ESSE POVO QUE VEM QUERER ESFREGAR A BIBLIA NA NOSSA CARA. POIS BEM,VAMOS SEGUIR A BIBLIA!

EM EXODO 35,2

DIZ-SE QUE O SABADO E PARA DESCANSAR E QUEM TRABALHAR NESSE DIA DEVE SER MORTO. EU TENHO UM VIZINHO QUE INSISTE EM TRABALHAR AOS SABADOS. QUE DEVO FAZER MARCELO,DEVO MATA-LO EU MESMO OU POSSO ENCONTRAR ALGUEM P FAZER O SERVICO?

EM LEVITICO 21,20

AFIRMA-SE QUE NINGUEM PODE SE APROXIMAR DO ALTAR DE DEUS SE TIVER ALGUMA DOENCA OU DEFEITO,NOS OLHOS E ATE MESMO NOS TESTICULOS. BOM MARCELO,USO OCULOS, SERA QUE SE EU TIRASSE DAVA PRA DAR UM JEITINHO?

EM LEVITICO 24,10-16

ORDENA QUE TODA CIDADE APEDREJE QUEM XINGAR E BLASFEMAR. MEU PAI VIVE FAZENDO ISSO. CHAMO OU NAO A CIDADE INTEIRA P APREDEJAR MEU PAI?

EM LEVITICO 20,10

MANDA MATAR OS ADULTEROS. AI AMIGO MARCELO,VOU TER QUE MATAR MEU IRMAO QUE SE SEPAROU E VIVE COM OUTRA MULHER TMB SEPARADA E ALGUNS AMIGOS ADULTEROS? POIS SE A PALAVRA DE DEUS E IMUTAVEL,SERA QUE MATO MEU PAI,MEUS AMIGOS E MEU VIZINHO, OU DESOBEDECO A LEI DE DEUS? AAAHHHHHH AMIGO MARCELO SE FORMOS LEVAR EM CONTA E SEGUIR AO PE DA LETRA O QUE DIZ A BIBLIA SERIAMOS DEMONIOS DE DEUS! VAI ESTUDAR MELHOR TUDO ISSO VAI!

Em geral, as igrejas não se mostram muito propensas em aceitar posições como esta. Se for tomado como exemplo a Igreja católica, principalmente ao que se refere a “Campanha da fraternidade”¹⁹, pode-se constatar que nunca foi proposto a discussão de temas relacionadas às diferenças sexuais. Simplesmente debates sobre a questão homossexual não são ditas naqueles espaços. Apenas se conhece que a posição da igreja e do papa é contrária.

5.3 “EU APOIO O CASAMENTO GAY”: A SOLIDIFICAÇÃO DO AMOR

A sociedade vitoriana criou um mundo feito para heterossexuais. A base da educação dos meninos e das meninas, independente das condições financeiras e educacionais dos pais, os leva a crer que relacionamentos amorosos “normais” são entre pessoas de sexos

¹⁹ Todos os anos a campanha da fraternidade leva a discussão temas que variam todos os anos, geralmente relacionados a questões sociais, culturais e ambientais.

diferentes. Quando o jovem, por exemplo do sexo masculino, demora em apresentar a família a namorada; logo os pais ou familiares sempre questionam: “quando é que você vai nos apresentar sua namorada?” e nunca o questionam: “quando é que você vai nos apresentar sua namorada ou namorado?”. E, muitas vezes, a pergunta vem porque já há uma desconfiança, por parte da família, de que o jovem não goste de mulher.

E a pergunta muitas vezes é feita de modo a “lembrar”, ao jovem, que ele deve namorar uma menina e não um menino; pois, ao mesmo tempo que se faz uma pergunta “quando é que você vai arranjar uma namorada?” já há afirmativa de que o questionamento se refere a um relacionamento heterossexual.

As idéias acima são reflexões tiradas, de uma forma geral, dos discursos proferidos pelos participantes das comunidades *online* estudadas e também de outras, que foram consultadas para possível seleção.

O casamento entre pessoas do mesmo sexo, pode significar para o público gay, a necessidade e a obrigação de assumir sua sexualidade para a família e para a sociedade. Existem duas situações difíceis a serem enfrentadas por aqueles que almejam o casamento: a possível desaprovação da família e da sociedade e a própria responsabilidade do casamento que impõem um relacionamento monogâmico como pode ser verificado em uma das discussões sobre medo do casamento na comunidade em estudo:

Pedro

Olha, a questão é que uma cultura marginalizada ainda não está acostumada a vivenciar um relacionamento completo. Só o gueto. E, no gueto, o que rola mais é sexo. Tem muito gay fútil e promíscuo, mas acho que a tendência será mudar isso quando pudermos vivenciar todas as fases públicas e legais de um relacionamento, por isso apoio o casamento gay. Casar está muito difícil, mas não impossível. Não desista.

Ser gay, nessa fala, é sinônimo de uma cultura marginalizada. O gueto acolhe o marginalizado e o sujeito que tem algo a esconder. O Gueto acolhe o que não é legal. O gueto aqui, como se percebe, é visto de forma negativa. Essa cultura marginalizada, segundo a postagem acima é a responsável pela promiscuidade. O casamento, nesse contexto, seria o porto seguro e o caminho para se vivenciar os relacionamentos gays de outra forma.

Vale lembrar que discutir sobre casamento em relacionamentos homossexuais é, também, questionar sobre o modelo de família imposto desde a sociedade vitoriana. Mas, também, ao que parece, há uma necessidade, por parte do público gay, em normalizar a práti-

ca do sexo levando-a para dentro de casa. Ao mesmo tempo, compreende-se que a própria legislação brasileira, calcada nas relações heterossexuais, obriga casais homossexuais a sentirem a necessidade do casamento por diversos motivos: herança, imposto de renda, previdência social, plano de saúde entre outros. Todavia, a idéia e todo romantismo em torno da questão do casamento vão além da necessidade colocada por uma legislação burocrata: está em acreditar e almejar por alguém que lhes complete e lhes ofereçam um porto seguro.

Nessa comunidade, são discutidas algumas questões relacionadas à legislação e conseqüentemente terminam “tocando” em política. E quando se chega no assunto política, as diferenças são ainda mais evidentes. Eles não têm clareza, de uma maneira geral, quais políticos apóiam e quais não apóiam suas causas. Sempre esbarram nas antigas concepções políticas ligadas aos ideais partidários; sem rever e aprofundar nas questões que verdadeiramente fazem parte das bases e projetos do seu partido, fechando-se a outras opiniões e isso acaba por gerar discussões desgastantes.

Vários tópicos dessa comunidade tentam acompanhar e discutir ações e reações relacionadas às leis contra homofobia e casamento gay. Apesar da pouca participação, pequena para o número de membros da comunidade, as discussões são embasadas e tentam esclarecer diversos pontos de vista dos participantes.

5.3.1 O casamento em questão

Apesar da pouca participação efetiva da maioria dos membros da comunidade “Eu apoio o casamento gay” só o fato de se filiar a essa comunidade já diz muita coisa, ou seja, essa afirmação está carregada de um arquivo de enunciados anteriores e coexistentes que levam os sujeitos a manifestarem tal opinião (FOUCAULT, 2007).

O casamento possui diversos significados diferentes para cada sujeito. Alguns os vêem como forma de se integrar a legislação vigente que estabelece direitos aos cônjuges. De uma maneira geral o casamento é um “contrato celebrado entre duas pessoas que por livre iniciativa buscam o reconhecimento do Estado para a sua união” (LOREA, 2006, 127). Outros buscam simplesmente consolidarem relacionamentos e se comprometerem a fidelidade e a solidificação dos laços afetivos.

Berger e Kellner citados por FERES-CARNEIRO (1998), ao discutirem a relevância institucional do casamento, ressaltam que, desde Durkheim, é um lugar-comum da

sociologia familiar que o casamento serve como proteção contra a anomia²⁰ do indivíduo. Sendo um instrumento de construção nômica, o casamento tem como função social criar para o indivíduo uma determinada ordem, para que ele possa experimentar a vida com um certo sentido.

Se integram ao casamento os conceitos ligados a fidelidade, companheirismo e cuidados. Tendo por base o estudo acima de Feres-Carneiro (1998) e a partir da análise das falas dos gays, compreende-se que a fidelidade, companheirismo e cuidados possuem diferentes concepções por parte dos sujeitos pesquisados. Espera-se do casamento, principalmente, que o cônjuge seja companheiro e que seja um esteio de cuidado com o outro. Já a questão da fidelidade, apesar de muitos gays afirmarem da necessidade desta nos seus relacionamentos, outros gays já sinalizam que mais importante que a fidelidade é a lealdade.

A comunidade “Eu apoio o casamento gay” por estabelecer como temática central o casamento, recebe algumas postagens relacionadas à legislação sobre o assunto. Conseqüentemente, também, coloca em debate e divulga os políticos que são contra ou a favor da união estável para pessoas do mesmo sexo. E suas lutas em prol da aprovação de leis a favor do casamento os gays se mostram envolvidos na política e com candidatos que se dizem a favor. Trata-se de uma comunidade mais politizada com discussões que não se restrinjam aos tópicos, mas que sejam realmente colocados em prática.

Um dos pontos fortes de discussão foram as eleições presidencialistas de 2006 em que os grupos gays se mobilizavam para escolher candidatos favoráveis a leis contra homofobia e a favor do casamento gay. Estava em evidência dois candidatos: o atual Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin. No entanto, as discussões não geraram consenso, pois o tema política sempre é muito polêmico.

Daniel

Rodrigo

O Geraldo Alckmin não é a favor do casamento gay. Ele disse que para haver co-habitação, deve existir contrato entre as partes e que algum tipo de contrato deve existir. Não espere dele direitos que os héteros adquirem no casamento. Não é isso que ele defende. Ele é o mais reacionário dos três principais candidatos no assunto Casamento Gay. Isso é inegável. Ele não consegue nem falar as palavras Casamento e Gay quando finge que apoia a causa!!! Acorda!!!

²⁰ Ausência de lei ou regra; anarquia. **2** Estado da sociedade no qual os padrões normativos de conduta e crença têm enfraquecido ou desaparecido. **3** Condição semelhante em um indivíduo, comumente caracterizada por desorientação pessoal, ansiedade e isolamento social.

Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?palavra=anomia>

SARTHRE...

ai e q tahn!! se o LULA e homofobico problema dele...ele q venha falar da minha opcao q eu avanço... agora essa do ALCKMIN foi boa...sera q da pra confiar nele so pq DISSERAM q ele apoia... afinal qm faz as leis sao os deputados senadores e vereadores enton se eles sao homofobicos FORA ELES...meu voto e do LULA...agora e bom pensar em quem e ou nao HOMOFOBICO na hora de votar nos ja citados "deputados senadores e vereadores"

Rodrigo**quanto a votar no Geraldo Alckmin**

Quanto a votar no Alckmin, estou votando nele não apenas por ele ser a favor da união civil entre pessoas do mesmo sexo e pela lei criada em seu governo contra a discriminação contra homossexuais. Estou votando nele por toda sua história e por todo o trabalho sério e correto que ele tem feito durante sua carreira política tanto como prefeito, deputado estadual e deputado federal, vice-governador e governador do Estado de São Paulo.

Outro aspecto colocado, além daqueles relacionados à política e aos políticos que manifestam suas opiniões sobre a homofobia e o casamento gay, é a questão de se sentirem legitimados a partir da união estável. O casamento é visto no meio gay como a coisa certa a se fazer. Como se o casamento fosse chave para aceitação da relação homoafetiva. É como se estivessem querendo provar, para a sociedade, que os relacionamentos gays não se resumem ao sexo e a promiscuidade:

Guilherme**Que seja feliz**

O casamento é uma comunhão que nos traz muitos frutos, inclusive o de cumplicidade e de maior conforto na sociedade. Acredito que o amor homossexual deve realmente ter este direito, uma vez que casado todos os valores e frutos da comunhão surgem como um revigoramento na vida do casal. Com a benção da união as forças e os valores morais assumem toda a frente da promiscuidade e da busca desnecessária de ter alguém para cuidar, dividir, sofrer e envelhecer. Fazer uma família é purificar nossas forças e avançarmos num novo patamar que somente os que estiverem nele podem sentir e saber a diferença das coisas importantes da vida. Isto mesmo, case-se e seja feliz.

Em uma discussão sobre relacionamentos estáveis, surpreendeu a declaração de muitos casais gays em revelarem o tempo de duração dos seus relacionamentos. Há casais que informaram que a união deles já dura 14 anos, outros 4, outros 3 ou dois anos. E outros que ainda não possuem relacionamentos estáveis, estão em busca. Essa característica de relacionamentos mais duradouros, também, é fato na comunidade avaliada anteriormente “Homens que

amam homens”. Mesmo vivenciando a “fragilidade dos laços afetivos” conforme idéias de Bauman (2004), grande parte busca e tem esperança de tornar mais sólidas suas relações:

B'to »

Qnt a mim...

Respondendo a minha própria pergunta, vivo um relacionamento estável há 14 anos. Eu e meu companheiro formamos uma família (sem filhos) em volta da qual nossas famílias originais (pais e irmãos dele e meus) se agregaram, o q constitui motivo d orgulho para nós. Em nosso círculo social conhecemos outras famílias homoafetivas, tantos d homens qnd d mulheres; algumas com filhos d casamentos (heterossexuais) anteriores ou adotados, outras ainda, sem filhos como nós.

Quando se apóia o casamento gay, aprova, com ele, as experiências de fidelidade e monogamia dos relacionamentos. Sendo assim, quando há tópicos como “o que vocês entendem por relacionamento aberto” grande parte se mostra contra.

Leo

Eu acho uma pouca vergonha....

Vivi por quase 2 anos uma baixaria destas. O 1º ano foram flores, depois começou c esta história. Fui obrigado por várias vezes ser cúmplice desta nojeira que me causava tanto mal. Aceitei por amor, caí em depressão e por amor próprio me vi livre, graças à Deus. Quem quer ter um lance deste tem que dizer logo no início do relacionamento, não esperar que ele crie raízes pra depois expor este desejo, porque dói em quem é um (talvez) ignorante como eu, ou conservador, ou que acredita no amor entre 2 (eu disse duas) pessoas. Quero um lance como este da foto da comunidade. Filha já tenho, o que falta mesmo é o cara, mas tem que ser "O Cara", falou.

Assim, as vontades e desejos de casais gays se revelam semelhantes aos desejos de casais heterossexuais. Mas, na prática, como muitos deles afirmam, tanto no meio gay quanto hétero, a realidade é diferente. Há traições, descompromisso e laços frágeis que fazem as relações se desmancharem com frequência.

Para os gays, o fato de uma celebridade se assumir enquanto homossexual é muito importante, pois sentem que a causa deles ganha mais destaque. Percebeu-se isso tanto nessa pesquisa quanto outras pesquisas já realizadas, como por exemplo na comunidade E-Jovens, citada anteriormente. No caso dessa comunidade “Eu apoio o casamento gay”, um cantor do grupo RDB comunicou oficialmente que é gay e casado com um homem. Para os gays, como o grupo RDB é famoso, principalmente entre público jovem; isso contribuirá para maior aceitação das relações homoafetivas.

Como se viu, levantam-se muitas razões para se lutar em prol da união estável

(casamento) entre pessoas do mesmo sexo. Além do casamento solidificar uma relação, mostrando que o relacionamento ultrapassa os limites do sexo, tem-se, ainda, os desdobramentos que podem beneficiar os casais homossexuais, assim como beneficiam os heterossexuais.

Os laços humanos contemporâneos estão frágeis segundo Bauman (2004). Parece até contraditório, pois, em uma época em que os casais heterossexuais conquistaram o direito ao divórcio (principalmente a mulher), temos a luta dos gays em busca do direito ao casamento. Claro que assim como em heterossexuais existem homossexuais que não têm interesse algum em viver matrimonialmente com alguém.

Ainda não há como prever, caso a lei que possibilita o casamento gay seja aprovada, se haverá mais divórcios gays ou héteros. Talvez, supõem-se, que serão relacionamentos semelhantes dentro das suas diferenças, que terão suas crises, separações, implicações, traições e tudo aquilo que causa transtorno em um relacionamento a dois. O casamento gay parece ser mais que um desejo. É uma necessidade, principalmente porque a sociedade foi construída tendo como base da educação e dela própria o casamento.

Mas, já há exemplos de casamentos gays (contratos) que assim como casamentos héteros têm durado bastante tempo:

LEKINHO

Meus tios vão fazer 25 anos de casados no mes que vem. Nunca ficaram 1 semana separados

Exemplos como esses são muito importantes para o público gay e fazem com que tenham esperança de poder vivenciar relações tão duradouras e seguras.

Mas, muitas vezes, é inevitável as decepções. Aliás, em qualquer relacionamento pode-se sofrer decepções. Há casos em que se mostram muito empolgados com o início de um relacionamento e, depois, percebem que não era exatamente aquilo que se procurava.

☞ Caio

ME DESEJEM SORTE!!!!

CONHECI UM CARA QUE É EXATAMENTE AKILO QUE SEMPRE PROCUREI, PASSAMOS MAIS DE UM ANO NOS COMUNICANDO POR NET DE VEZ EM QUANDO. MARCAMOS DE NOS VER E NAO ROLOU, E HOJE NOS ENONTRAMOS.ELE ESTA ENCANTADO, EU MAIS AINDA...ME DESEJEM SORTE...PRECISO QUE DESSA VEZ DÊ CERTO...NAO AGUENTO MAIS DAR COM AS FUÇAS NO CHAO!!! GENTE ELE É PERFEITO...INTELIGEN-

TE, EDUCADO, CULTO, CARINHOSO, MEIO MANDAO (ADORO), E LINDO DE MORRER..SABE GRISALHO, OLHOS VERDES, CABELO CURTINHO TIPO DE MILITAR...CONSEGUIU ADOTAR UM FILHO SOZINHO, NAO É DE BALADA...PERFEITO...ME DESEJEM SORTE AMIGOS...POR FAVOR...

Essa fala foi postada em 2006. Percebe-se muito bem a empolgação pelo relacionamento e, visitando o perfil desse rapaz esse ano, notou-se que o relacionamento já havia acabado, pois o seu perfil indicava que ele estava novamente a procura.

Em algumas postagens, os gays falam de algumas circunstâncias dentro da homossexualidade, como se só acontecesse determinadas coisas com gays. Em um tópico sobre velhice gay, um participante questionou sobre o que fazer se na velhice estiverem sozinhos. Pagaria um “michê”? Pergunta um deles. Outros participantes chamam a atenção de que não só em relacionamentos gays, mas também nos héteros, há essa possibilidade de ficar sozinho e da mesma forma pagar garoto/garota de programa.

São questões realmente intrigantes, ao mesmo tempo, que parece uma falta de auto-aceitação; eles são preocupados com algo que realmente eles não conhecem de perto, ou seja, muitos se perguntam: “quantos casais gays idosos vocês conhecem?”. Revela, também, um medo comum a qualquer ser humano: o de envelhecer e ficar sozinho.

ROGERIO

estamos falando a mesma lingua?

pessoal a pergunta do nosso amigo é pra se pensar , nao acredito que seja preconceituosa nao... é verdade que a velhice faz parte da vida assim como a morte, e nao tem como escapar... vcs ja se pegaram pensando como sera a vida de vcs daqui 10 anos? sozinhos ou acompanhados? quem tem certeza de que vai estar acompanhado com o AMOR da sua VIDA? ja ouvi muitos relatos inclusive na ASSOCIACAO GAY de gays da terceira idade que vivem sozinhos por vários motivos: 1° pq sao "velhos" 2° pq sao "mariconas" e ninguem que namorar um "velho" 3° pq tem problemas de saude (pressao alta, problema de coracao entre outras doencas...) e obvio que isso noa é doenca ou problemas apenas de nos gays...

mas e muito mais comum vc ver um casal de heteros idosos juntos do que um casal de gays idosos juntos.. quantos vcs conhecem? ao inves de criticar , vamos usar um pouco a cabeça e analisar com calma as postagens bjs a tds e espero que tds possam a partir de hj começar a pensar no futuro namorado para a velhice, hehehe bjs

Essa postagem, relacionada à velhice gay, revela algumas preocupações que vão além da questão sexual. O casamento gay, legitimado pelo governo, dará direitos ao casal no recebimento de herança e, também, pensão. Mas essa última postagem, assim como em outras, coloca a união/casamento em xeque. Será que casamentos gays podem durar até a velhice?

Atualmente, fica difícil responder a essa pergunta, pois os possíveis casais gays idosos hoje são mais “escondidos”, do que os jovens. Nesse contexto, fica evidente não só o preconceito relacionado a homoafetividade mas, também, um preconceito dos próprios gay contra a velhice.

O debate relacionado à velhice fechou com uma colocação interessante de um dos participantes. Primeiro ele, concordando com outro participante, apóia a criação de um lar para idosos gays. Ele completa afirmando que, se ficar velho, sem lar e sem ninguém irá frequentar a igreja, seja ela qual for, pois segundo ele, este parece um bom programa para velho. Porém ele revela:

fernando
gostei da msg do ricardo
 [...]bom, mas ainda falta muito para eu ficar velho e eu vivo o presente, sem pensar como será o amanhã e pq temos que viver o hoje? viram o exemplo do bussunda? do nada ele teve um ataque do coração e faleceu, eu não estou desejando a minha morte e nem de ninguém da comunidade mas a vida é pra ser vivida[...]

O presenteísmo e o hedonismo novamente se fazem presente nessa fala. Apesar de haver uma preocupação clara quanto ao futuro, as práticas de muitos refletem o contrário. Interessa o hoje, vivenciar o momento deixando para pensar no amanhã quanto este fizer parte do presente.

5.3.2 Filhos: fruto do amor

A questão de se ter filhos em um relacionamento é uma decisão do casal. Em muitos casos, casais héteros não podem ter filhos por questões biológicas e, muitas vezes, por não sentirem vontade. Muitos héteros que não podem ter filhos optam pela adoção para realizarem o sonho de serem pais. Não é diferente para casais homossexuais. Biologicamente, não é possível serem pais de uma criança, a não ser que um deles já traga uma prole de outros relacionamentos héteros.

No entanto, desejam que a família seja completa e optam por adotar uma criança. Entra em discussão tópicos da comunidade “Eu apoio o casamento gay” sobre projetos de leis favoráveis à adoção e o próprio questionamento se eles estão preparados para serem pais.

O debate sobre o assunto na comunidade, apesar de a maioria concordar com a adoção, caminha sempre demonstrando as diferenças de cada sujeito. E, também, em alguns

casos; revelam uma regulação que o próprio gay carrega da sociedade. Ou seja, de talvez acreditar que um filho para ser educado de uma forma completa, precisa automaticamente da presença feminina e masculina nos pais.

Rodrigo

Concordo com a Lili, para uma família ser família, não precisa necessariamente haver filhos!

MAS NÃO SEI SE APÓIO A ADOÇÃO PARA CASAIS HOMOSSEXUAIS

Sei lá, eu sempre penso na criança. Eu perdi a minha mãe qdo eu era criança, e eu sei como uma figura feminina faz MUITA falta. E eu não to falando só da minha mãe. Depois de um tempo eu gostaria que meu pai arrumasse uma namorada ou esposa pra ter uma mulher dentro de casa. Na minha casa morava meu pai, três filhos e nenhuma filha. Assim como muitos amigos meus cresceram sem o pai, e eu sei que é uma situação tão dolorosa quanto. Acho que antes de pensarmos em NOSSA vontade de ter filhos (nossa eu digo entre homossexuais) temos que pensar na criança que adotaremos. Não estou dizendo que sou contra, só ainda não consigo formular uma opinião a respeito. Acho que sou mais a favor do que contra mesmo assim.

Esse modelo de família tem sido questionado por muitos pesquisadores homo ou heterossexuais. Muitas mulheres, principalmente as feministas, já levantaram a bandeira de que não serão menos mulher por não terem filhos. E muitos gays, da mesma forma, dizem que para se sentirem completos, enquanto casal, não necessariamente precisam de filhos. Mas, o que prevalece é a vontade de tê-los, de acreditar que são eticamente e moralmente capazes de criar uma criança. Essa motivação em adotar uma criança, apesar de se acreditar que há a necessidade de questionar o(s) modelo(s) de família, pode estar demonstrando uma maturidade dos gays e uma sensibilidade com respeito as crianças.

5.3.3 Parada gay: festa ou mobilização

A parada gay é uma manifestação criada por grupos LGBTTs que tem como objetivo dar mais visibilidade aos grupos gays, lésbicos. A cada dia, as paradas recebem milhares e até milhões de pessoas. Se, em dias comuns, não é possível ver casais gays se beijando nas ruas, isso é bem comum durante as paradas gays. Lá, as manifestações de afeto e amor são possíveis: pelo menos naquele dia! Além dos grupos gays e lésbicos, a parada recebe também heterossexuais que ali vão ou por curiosidade ou por acreditarem e apoiarem a causa gay.

A parada, apesar de um evento estabelecido por grupos militantes, tem se tornado,

segundo alguns participantes das comunidades gays do ORKUT, palco de festividades e local propício de se conhecer pessoas para romances e transas. Percebe-se uma intensa preocupação por parte do grupo gay em relação às paradas gays. Eles têm se perguntado se a parada é apenas um monte de sujeitos estereotipados ou se realmente ela faz alguma diferença em prol da questão gay. Para uns, ela é só festa, comparada ao carnaval. Outros se surpreendem com os números, porém questionam a validade do evento.

FABIO

Entendo qdo criticam a TV, pois poucos brasileiros leem jornais. A tv é o circo que muitos necessitam. Acho a Parada Gay uma ótima idéia, acho legal ter todos os tipos de gays por lá, esse é um ato político para buscar a visibilidade social...super válida! Acho bobagem critica-la. Se não gosta não vai...somos livres. Porém, também compreendo as reclamações. Eu gostaria de algo mais politizado na Parada Gay...todo ano é a mesma coisa nessa comunidade, depois da parada gay, várias pessoas reclamam do "oba oba". Gostaria que houvesse manifestações paralelas, em outras datas...nada com dança e corpos nus, coisa mais séria...mas ninguém parece ter vontade de fazer isso!

Outra preocupação é que a parada gay, assim como diversas outras manifestações culturais e políticas, acaba sendo apropriada pelo capitalismo que cria marcas e produtos para serem consumidos em ambientes como esses. Tal fato, infelizmente, pode tirar o foco de muitos participantes e fazer com que as pessoas se confundam e não saibam o que verdadeiramente significa estar em uma parada LGBTTT.

Outro fator importante é o papel da mídia ao cobrir eventos como esse. Como ela tem mostrado e caracterizado as paradas? Qual imagem que ela capta dessas manifestações? E como a sociedade interpreta o que recebe da mídia?

5.3.4 Família: aceitação

Família. Esta é também, como se viu, uma criação cultural. Uma criação cultural que, apesar de muitos acharem falida, ainda tem um papel importantíssimo para a educação dos indivíduos de uma maneira geral. Pelo que se pôde perceber, uma das primeiras coisas que pesam na hora de se assumir ou não a condição gay é a família e sua aceitação.

Há casos em que os pais aceitam a homossexualidade do filho de uma forma amigável e compreensível e, em outros, a recebem como uma afronta, pecado, crime, doença e maldição. Há pais, que dizem preferir filhos drogados do que gays.

Posturas negativas da família fazem com que o gay, não assumido ou assumido, se sinta inseguro e sem apoio. A família, nesse contexto, é vislumbrada como núcleo de segurança, apoio e aceitação. Essa insegurança pode o levar a outros caminhos como as drogas, bebidas e suicídio.

Nemo

Meu pai ainda não sabe - tem a mente muito fechada pra eu me aproximar e falar. Minha mãe não aceita de jeito nenhum. Estou indo a uma psicóloga por causa disso (ela me obriga). Disse que se não funcionasse eu iria parar na igreja pra tirarem esse demônio de dentro de mim. Quando assumi, me chamou de tudo: doente, demônio, espírito maligno, doido, pirado, ridículo, escroto, bicha, viado e por aí vai... Horas de briga. Senti repulsa quanto a mim mesmo por duas semanas depois disso. Hoje ela não olha pra mim. Não fala comigo. É só uma mulher estranha morando na casa do meu pai. Não a reconheço. É tão desesperador ficar perto dela, a sós... A expressão de nojo dela entrega que ela vai falar algo a respeito a qualquer momento. Como eu queria que a minha mãe fosse ou pensasse como você. Seria a vida perfeita! =D

Nessa fala, pelo que se pôde notar, essa mãe é uma pessoa religiosa, que fechou-se a história e aos fatos e não compreende a homossexualidade como uma possibilidade humana de se viver a sexualidade. A atitude dessa mãe faz com que o próprio sujeito se pergunte se ele realmente é normal; pois, vindo da mãe, o discurso tem muita força.

Apesar dessa fala denunciar uma mãe dominada pelas questões morais ligadas à religião, a maioria delas, pelo que se observou, demonstram mais compreensão e apoio aos filhos gays. A maioria confia à mãe o seu segredo por sentir e acreditar no seu apoio. Às vezes, ela pode até não concordar com a decisão do filho, mas o apóia e defende mesmo assim.

Pedro

Sim. Não se comenta muito o assunto em casa, mas às vezes eles até me dão conselhos amorosos. Minha mãe já até tentou me empurrar para um cara de boa família, mas ele era de muito longe. :D

Meus namorados frequentam aqui em casa. Claro, foi tudo um processo de anos e a minha mãe foi uma barra por dois anos.

"Mas tudo passa, tudo passará..."

Assumir a homoafetividade para família se torna uma necessidade para muitos. Mas, o medo da reação, muitas vezes, leva a grandes aflições. Como na maioria das famílias não se toca em assuntos sobre a homossexualidade, muitos gays não conseguem medir a reação dos pais.

Ao mesmo tempo, tem aqueles que acreditam não ter a obrigação de revelar sua opção/orientação sexual para a família, pois, segundo eles, a homossexualidade tem que ser tratada com naturalidade, assim como a heterossexualidade é tratada, ou seja, para eles, nenhum hétero reúne sua família para dizer que o é.

5.3.5 O que mais me irrita: homossexualidade comparada a pedofilia

Ainda hoje há diversas acusações sem fundamento que revoltam os gays. Há tópicos que boa parte dos gays manifestam as comparações que os deixam mais chateados. Uma das coisas é dizer que os homossexuais são pedófilos.

Apesar de ter sido descaracterizada como crime, há muitos discursos preconceituosos que comparam a homossexualidade a pedofilia. Um dos tópicos abertos na comunidade foi colocado por um gay revoltado com um artigo de jornal em que o jornalista comparou a homossexualidade com pedofilia.

E não é muito difícil perceber a existência de preconceitos como esses. Várias pessoas ou organismos contra a lei da homofobia como crime, justificam erroneamente que ao se aceitar a homossexualidade pode-se abrir brechas para a aceitação da pedofilia. Abaixo o trecho de um texto do jornal “Gazeta do Paraná” postado por um dos membros da comunidade “Eu apoio o casamento gay”:

Agora é o homossexualismo, mas após conseguirem convencer a sociedade a tolerá-lo e ajustá-lo aos hábitos e costumes da população como uma nova cultura a ser admitida, irão tentar domesticar essa mesma sociedade em torno do incesto - pai com filha- irmã com irmão, lesbianismos entre irmãs e homossexualismo entre irmãos, a pedofilia não deixará de também ser uma meta a alcançar e, irão propagar a necessidade de se tolerar mãe com filho para, como terapêutica, eliminar-se o complexo de Édipo." Quem viver, verá.

Discursos como desse jornalista não são únicos. Não é difícil encontrar pessoas que tenham a mesma posição que ele. Discursos desta natureza contribuem para aumentar ainda mais o preconceito e torna seu fim mais difícil e longe.

A reação dos gays foi o envio de muitas mensagens para o jornalista, demonstrando indignação. Pensaram em denunciar; mas, viram que o jornalista estava exercendo sua liberdade de imprensa.

Todos discursos preconceituosos que ainda fortalecem a opressão contra gays ten-

dem a afetar de maneira significativa esses sujeitos. Confusos, eles questionam sua própria condição e a naturalidade de seus atos. O discurso da antinaturalização da homossexualidade reforça o caráter biologizante dos atos sexuais.

O preconceito revela-se nos discursos na forma de não concordar com a naturalização dos relacionamentos homossexuais pois destes, não nascem filhos. Mais uma vez, percebe-se o sexo ainda como algo a ser normatizado e usado para procriação. Será que as pessoas que têm esse tipo de discurso ainda vêm o sexo e fazem sexo somente para ter filhos? E quanto aos casais héteros que são estéreis, não podem também fazer sexo?

5.4 “HOMENS QUE AMAM HOMENS” E “EU APOIO O CASAMENTO GAY”: APONTAMENTOS GERAIS

Existem, nas comunidades pesquisadas, a presença de três importantes conceitos que foram essenciais para as análises feitas. São eles: tribalismo, teoria queer e o amor.

É importante voltar a algumas características sobre o tribalismo, as quais encontram-se bastante presentes e foram fundamentais para o entendimento do processo de sociabilidade, nas comunidades *online* pesquisadas.

Outro importante fator que merece análise são as contribuições da Teoria Queer para o estabelecimento dos estudos gays. Uma vez que esta teoria ofereceu elementos importantes para a análise dos resultados.

Por fim, “O banquete de Platão”, em especial o debate dos filósofos sobre o amor, traz contribuições importantes sobre esse sentimento tanto explorado e declarado pelos participantes das comunidades do ORKUT.

Apresenta-se aqui apontamentos gerais sobre esses conceitos e a ligação destes com as comunidades gays pesquisadas.

5.4.1 Tempo das tribos: tribalismo nas comunidades do ORKUT

Michel Maffesoli (2006) demonstra em sua obra “O tempo das tribos: declínio do individualismo nas sociedades de massa” que vivencia-se nessa era pós-moderna o retorno das tribos arcaicas, porém, com algumas características peculiares do tempo atual. Se antes as sociedades tribais prezavam pelo afeto, ética da convivência, compromisso com os integrantes

da tribo, proximidade física e duradoura; hoje, as tribos pós-modernas (neotribalismo) prezam pela vontade de estar junto, do gozo, da eterna sensação de bem-estar; pela interação, pelo compartilhamento, *porém* uma vida instantânea, relações efêmeras, falta de compromisso com os outros, uma ética da estética que preza mais pelo momento do gozo que da duração das relações. Sendo que a estética refere-se ao sentir em comum e a ética uma espécie de laço coletivo (MAFFESOLI, 2006, p. 54).

Essas tribos pós-modernas são formadas, segundo Maffesoli (2006, p. 14) por indivíduos com características, gostos semelhantes. As comunidades gays do ORKUT formam essas tribos em busca de um pertencimento, ou do que o autor chama de “comunidades emocionais” (MAFFESOLI, 2006, p. 40). Nessas comunidades, eles partilham de sentimentos comuns em busca de respostas e compartilhamento de idéias.

Entretanto, é percebido na análise das falas dos participantes das comunidades, que eles assumem diferentes “máscaras” na sua convivência *off line*. Sendo que essas “máscaras” servem de esconderijo e escudo em prol da necessidade de sobrevivência; pois, a sociedade ainda não vê como comum ou normal suas práticas homoafetivas.

Maffesoli (2006, p. 70), tomando por base o mito de Dionísio²¹ da filosofia grega, fala sobre as diversas máscaras assumidas pelos indivíduos. Nesse sentido, segundo ele, o “vitalismo” é a força que impulsiona as variadas transformações, variações, máscaras assumidas pelo sujeito para alimentar a vida. Não existe perfeição pois ela significa morte, existe, sim, um eterna imperfeição como sinal de vida (MAFFESOLI, 2006, p. 78).

Assim, ao assumir diferentes papéis a partir dessas máscaras, o gay se vê inserido em uma socialidade e se torna uma *persona* que necessita mudar de figurino para assumir seu lugar em seus diferentes ambientes (MAFFESOLI, 2006, p. 133). O caráter aparentemente negativo assumido pela socialidade apenas revela uma (quase) obrigação do sujeito em assumir suas diferentes identidades na sua vida social. Principalmente, porque as mídias existentes potencializam o descobrimento de novos mundos, jeitos e expõem uma gama de identidades *pret-à-porter* (ROLNIK, 1997).

Ao mesmo tempo, essa socialidade pode, também, potencializar que diferentes identidades se confrontem e, a partir daí, novas identidades surjam. A socialidade se torna superficial porque ela é, por si própria, saturada: de sujeitos, culturas, mundos, idéias, identida-

²¹Dionísio por ser filho de uma relação ilegítima entre Zeus e Sêmele é perseguido por Hera esposa legítima de Zeus. Para proteger o filho Zeus confere-lhe diversas aparências, metamorfoseando em diversos animais. Dionísio então, usa essa máscara para sobreviver a fúria de Hera.

des.... A saturação vem ao encontro do vitalismo, entendido como desejo da descoberta do novo, da construção e reconstrução. Por isso, a necessidade de descobrir novas pessoas, novos mundos, culturas, idéias e novas tribos.

5.4.2 As comunidades do ORKUT e a Teoria Queer

Foucault (1988) em “História da sexualidade I: a vontade de saber” contribuiu para o estabelecimento da Teoria Queer a partir do questionamento sobre as formas normalizadas de se lidar com o sexo no século XVIII. Apesar de o intuito da obra não pretender erguer uma bandeira em defesa da homossexualidade, mas, sim, refletir sobre a sexualidade de uma maneira geral, seja na heterossexualidade ou na homossexualidade, os estudiosos Queer valeu-se dessa base para questionar os dispositivos que acabam por anormalizar a homoafetividade.

Nesse contexto, a Teoria *Queer* se fez sentir nos discursos dos participantes em diversos pontos. A contribuição mais efetiva dessa teoria para o presente trabalho pode ser destacada, tendo por base os estudos de Silva apud Louro (2004, p. 48): “Pensar Queer significa questionar, problematizar, contestar todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade”.

Assim, as comunidades estudadas pretendem, também, questionar o que foi e está imposto para a sociedade como normal. Isso corrobora muito bem com os estudos de Derrida apud Louro (2004, p. 42) sobre a operação de desconstrução de certos binarismo que impõem a superioridade de um objeto em relação a outro. Em outras palavras, impõem-se uma certa hierarquia/superioridade na oposição criada entre heterossexualidade/homossexualidade, contribuindo, da mesma forma, para o estabelecimento da Teoria Queer.

Agora, existem alguns pontos dentro da Teoria Queer que parecem não “combinar” com os ideais buscados pelos sujeitos gays. Na definição de Louro (2004, p. 07) “Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante. É o excêntrico, que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Isso porque na análise das falas, ao que parece, a maioria quer, sim, ser aceita, quer sim ter o seu direito reconhecido e não quer ser visto como esquisito na sociedade.

Corroborando, igualmente, com a teoria *Queer*, existem alguns aspectos que fazem com que essa teoria se aproxime do desejo deles: subversão contra a

heteronormatividade – a partir da luta em prol do casamento; eles dizem que as uniões estáveis não podem ser exclusivas a heterossexualidade (apesar que, como se verá mais a frente, questiona-se o desejo, aceitação e adequação dos gays ao casamento); o questionamento do que é ser humano – dentro desses aspectos questionam as pesquisas e questionam até mesmo os relacionamentos héteros; oposição a uma concepção binária de sexualidade – apesar de demonstrarem um pouco de confusão eles entendem que a homossexualidade é “fato” e propõem a desconstrução e re(construção) de discursos contra-hegemônicos relacionados à normatividade sexual e dual dos gêneros.

A única questão relacionada à Teoria Queer que não foi posta em discussão foi com relação a raça. Aliás, pela análise das variáveis a grande maioria dos participantes das comunidades são brancos. Imagina-se que, questões como, essa deve ser mais abordada na academia e os participantes das comunidades gays; na sua maioria, pelo que se pôde perceber nos perfís, não eram pesquisadores interessados temáticas como essa.

5.4.3 O banquete e o discurso sobre o amor

O amor é enaltecido a todo momento nas falas dos participantes das comunidades. O que é esse amor? O que é amar? A resposta pode estar no “O banquete de platão”. Os filósofos que fazem parte desse banquete procuram cada um exaltar Eros (Deus do amor) e, nessa exaltação, definem, cada um a seu modo, o que é o amor.

Fedro fecha seu discurso dizendo que o “amor é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte”. Na fala dos participantes as palavras virtude e felicidade realmente são sinônimas do que eles imaginam o que é o amor.

Após a fala de Fedro é a vez de Pausâmias discursar sobre o amor. Para esse filósofo o amor não é composto de uma única coisa. O amor é bem e o mal, belo e vulgar. O primeiro está ligado ao zelo para com o outro e, o segundo, está ligado aos desejos unicamente carnis. Essa dualidade do amor também é encontrada nos discursos dos gays. Eles querem essa completude do amor: unir o desejo sexual a uma cumplicidade mútua.

É a vez de Erixímaco conferir palavras ao amor. O amor para o filósofo é inserido num plano mais ligado a natureza:

ele [o amor] não está apenas nas almas dos homens, e para com os belos jovens, mas

também nas outras partes, e para com muitos outros objetos, nos corpos de todos os outros animais, nas plantas da terra e por assim dizer em todos os seres é o que creio ter constatado pela prática da medicina, a nossa arte.

Porém, ele também acredita que o amor tem duas faces: o bem e o mal ou em suas palavras “o sadio e o mórbido”. O amor em Erixímaco é, nesse contexto, mais racional e revela que as duas faces do amor formam a harmonia que o corpo necessita. Quando os gays confiam ao amor a plenitude do relacionamento eles buscam esse equilíbrio: a sensualidade do corpo e sublimidade da alma.

Aristófanes, por sua vez, toma o amor como a eterna busca, como um anseio que vai além do corporal. A eterna busca, segundo Aristófanes é o resultado da separação dos corpos antes naturalmente andróginos²². “É, portanto, ao desejo e procura do todo que se dá o nome de amor”. Embora se proclame a fragilidade dos laços humanos, esse sentimento de eterna procura fica bem evidente nas falas dos gays, os quais, mesmo desanimados com relacionamentos efêmeros, sempre comungam com a esperança de encontrar sua alma gêmea.

O amor para Agatão vai muito além das relações físicas e emocionais entre as pessoas. O amor move o mundo; é compassível; é símbolo de amizade e cumplicidade. Essa pode ser a explicação da relação de respeito e confiança a que muitos gays têm de suas mães. Elas são citadas como um das primeiras pessoas a serem informadas da homoafetividade dos filhos. E eles esperam delas o amor caracterizado por Agatão. “É ele que nos tira o sentimento de estranheza e nos enche de familiaridade, promovendo todas as reuniões deste tipo, para mutuamente nos encontrarmos, tornando-se nosso guia nas festas, nos coros, nos sacrifícios; inculcando brandura e excluindo rudeza; pródigo de bem-querer e incapaz de mal-querer [...]”

Sócrates, último a exaltar Eros, fala que o amor é aquilo que se deseja. E o que se deseja é aquilo de que se é carente. Mesmo tendo um amado e desejar que esse amado continue seu, deseja-se algo que está no futuro e, portanto, ainda não lhe pertence. Os gays possuem esse tal desejo. Desejo de manter o amor do presente e que a intensidade desse amor dure para o futuro. Quando eles refletem sobre questões relacionadas a velhice gay eles se questionam e é claro desejam que o amor também esteja com eles no futuro. Claro que o amor e o desejo em Sócrates, não se refere somente aos relacionamentos amorosos. Mas, todo o tipo de desejo: de riqueza, trabalho, sucesso, amizade, os quais são também almeçados por qualquer

²²Antes haviam três gêneros duplos em si mesmo, ou seja, homem homem, mulher mulher e homem mulher. Zeus então separou os corpos e a partir daí as metades passaram a se procurarem. O andrógino homem mulher explica a existência da heterossexualidade e os outros: homem homem, mulher mulher caracterizam a homossexualidade (O banquete).

um.

Enfim, o amor é esse banquete de beleza, esse conjunto de sentimentos e de coisas que vitaliza o sujeito. E não tem diferença se o amor é gay ou hétero. A diferença está na intensidade de cada um em amar independente de opção sexual. É isso que os filósofos tentaram, no seu conjunto, estabelecer o que é o amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre a construção de identidades gays, no contexto atual, não é um exercício fácil. Além de se deparar com todos os instrumentos e situações que alteram constantemente a construção de identidades, ainda tem-se que lidar com o preconceito. Este, mesmo em tempos Pós-Modernos, existe e torna mais confusa o entendimento que o gay tem do seu “eu”.

Entretanto, atualmente, é possível desbravar territórios e buscar além muros, outros conhecimentos que podem, de certa maneira, contribuir para o entendimento de “si”. Para a compreender tais transformações, esta dissertação de mestrado, permeou por diversos caminhos teóricos e metodológicos.

A fundamentação teórica teve um papel muito importante para o entendimento de muitos aspectos encontrados na pesquisa. Os estudos sobre Pós-Modernidade contribuíram para o entendimento do atual processo de globalização e mundialização da cultura, propiciando novos modelos de socialidade que, conseqüentemente, ampliaram as formas de comunicação; contribuindo, assim para que os gays criassem suas comunidades *online* e refletissem sobre suas identidades.

Nas análises das falas dos participantes das comunidades online gays estudadas, ficou claro o conceito de identidade ligado à interação e aos processos de identificação (HALL, 2001). Viu-se que o gay procura sempre na participação com o outro se auto-conhecer e se auto-construir. Nesse sentido, verificou-se que tais comunidades têm um papel social importante por promoverem encontros e confrontos de idéias que aumentam a carga informacional dos sujeitos ampliando seus conceitos ligados a questão da homoafetividade.

Os estudos sobre gênero foram importantes na compreensão dos fatores relacionados a construção de identidades sexuais. Essas reflexões favoreceram e indicaram a existência da Teoria *Queer* para o aprofundamento das questões relacionadas com a homossexualidade/homoafetividade.

Já a fundamentação teórica sobre cibercultura e as comunidades *online* foram fundamentais; pois, para entender a construção das identidades gays, era preciso compreender o funcionamento e a relação dos indivíduos com essa nova rede social.

Esse conjunto teórico foi o que permitiu a construção e interpretação das análises às comunidades estudadas para se chegar às conclusões aqui apresentadas.

Em relação às análises feitas às comunidades *online* hospedadas pelo ORKUT: “Homens que amam homens” e “Eu apoio o casamento gay”, verificou-se que os discursos presentes nas falas dos sujeitos gays, são reflexos de um preconceito crônico da sociedade em relação aos relacionamentos homoafetivos. Essa constatação se deve ao fato de que as falas são carregadas das manifestações de preconceitos que fazem parte da vida da grande maioria dos gays participantes dessas comunidades.

Também, é declarado que a família tem um papel muito importante na decisão do gay em se 'assumir' ou não e parte dessa decisão, quando contrária a revelação de 'si' enquanto gay, vem do medo de ser vítima do preconceito da própria família ou essa mesma família ser vítima do preconceito da sociedade.

Nesse contexto, podem ser destacados outros fatores interessantes encontrados nas análises feitas às comunidades estudadas como por exemplo: participação efêmera, uma vez que há uma grande circularidade de pessoas se credenciando e descredenciando da comunidade; por mais que exista muita informação contra o preconceito à homoafetividade, ainda é muito forte, nas falas dos participantes das comunidades *online*, discursos que reafirmam os velhos preconceitos, fazendo crer que todos os esforços contra o preconceito existente, ainda são insuficientes para sensibilizar a sociedade; fala-se de religião, no entanto, não há entre os gays uma religião predominante, a não ser uma pequena demonstração de interesse pelo espiritismo, motivado certamente pela abertura dessa religião a esse público.

Viu-se que os resultados aqui apresentados corroboraram, em alguns aspectos, com os estudos anteriores sobre a construção das identidades homossexuais em comunidades *online*, apresentados na revisão de literatura dessa dissertação. Da mesma forma que em Nussbaumer (2004), os gays querem reconhecimento e respeito; alguns querem se identificar com figuras famosas e sentem, no espaço *online*, uma certa segurança para expressarem sua homossexualidade.

Com relação aos estudos de Alonge (2006), ao que parece, uma grande parte dos gays não podem se expressar no ambiente *off line* como se expressam nos ambientes *online* e há uma falta de confiança na família; no entanto é um espaço de auto-afirmação (mesmo que isso seja possível somente naquele ambiente). E, finalmente, em Fernandes (2007), acrescenta-se que os resultados têm em comum a utilização das comunidades *online* como trincheiras contra o preconceito e contribuem para reafirmação e construção da homossexualidade.

Algumas questões foram enunciadas na problematização desse estudo em busca do entendimento sobre a construção das identidades gays na atualidade. Assim, chegou-se a uma constatação geral de análise, propondo respostas a essas indagações que, inclusive, comungam com outros estudos relacionados a mesma temática como se poderá perceber. As perguntas feitas foram: As comunidades gays do ORKUT são espaços de emancipação das identidades? Quais são as problemáticas mais discutidas? Há um discurso comum? Há um conceito do que é ser gay presente nos discursos? Há construção e reconstrução de identidades? Há um contra-discurso?

Os discursos, realizados pelos gays nas comunidades *online*, são ou não tentativas de superação de uma falsa “anormalidade” conferida àqueles que se declaram gays? Sim, mas há algumas considerações. Eles desejam o casamento semelhante ao modelo heterossexual. Nas falas, grande parte, acredita que o casamento hétero é um exemplo a ser seguido. Querem um relacionamento monogâmico e uma parcela pretende ter filhos. Há um certo medo da solidão. E esta solidão é associada ao não casamento. Portanto, a maioria pensa sim em casar-se. Mas, apesar do desejo de serem inseridos nesse modelo, ao mesmo tempo, dizem que o casamento não pode ser exclusividade dos relacionamentos heterossexuais como queria a sociedade vitoriana.

Poderia-se concluir que o que os leva a desejarem casamentos no mesmo molde dos casamentos héteros é a garantia de direitos civis. Porém, fica claro que o desejo é da vontade de, acima de tudo, poder ter um parceiro fixo a vida toda ou o máximo de tempo possível, ou seja, uma crença de amor eterno. E, no entanto, Bauman (2004) mostra que laços assim estão cada vez mais frágeis.

Eles constatarem que os relacionamentos (especificamente) gays não duram muito. Nesse contexto, eles próprios entendem que o motivo está na homossexualidade deles. Muitos, também, não se assumem para a família por medo de magoá-la. Se eles têm medo de magoar as famílias e até mesmo desacreditam nos próprios relacionamentos é porque assim como a sociedade em geral, eles acreditam ou associam (mesmo não conscientes disso) que ser gay não é normal.

Alguns discursos proferidos por uma parcela dos gays demonstram indícios negativos relacionados a sua homoafetividade. Indícios como estes foram verificados, também, a partir de estudos como de Sá (2006, p. 01) . Segundo a pesquisa os próprios homossexuais têm indícios homofóbicos em “si” próprios influenciados pela família e pelo

meio social.

As comunidades *online*, ao que parece, pretendem ser espaços de emancipação, apesar de existirem ainda os guetos no ambiente *offline*, onde se refugiam para namorar e/ou conviver com os seus. Assim, a proposta das comunidades gays do ORKUT é a filiação e discussão de temas relacionados à busca, manutenção e entendimento das suas identidades. Nessa busca os grupos se fortalecem até mesmo na convivência em ambientes *off line*. Esse processo de emancipação faz parte do projeto reflexivo do “ser” (GIDDENS, 2002) e esse projeto é intensificado pelos próprios sujeitos a partir da busca por identificação (HALL, 2001).

Mas, ao mesmo tempo, as comunidades também parecem assumir papel de gueto, pois, há discursos que, ainda, só podem ser proferidos naquele espaço. Ou seja, pelos discursos, percebe-se que grande parte não se assume enquanto gay para a família e para a sociedade e suas angústias só podem ser divididas dentro dos espaços das comunidades *online* do ORKUT “onde as pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social” (MACRAE, 2005, p. 299).

Em relação à segregação, principalmente pensando nas comunidades que visam a discussão das problemáticas relacionadas à relações homoafetivas, tal como a comunidade “Eu apoio o casamento gay”, verificou-se que elas são abertas a heterossexuais. Isto é, não são fechadas somente ao público gay.

No entanto, a participação maciça ainda é de gays por conta do próprio preconceito existente de héteros que se dizem contra o preconceito sexual porém não se filiam a essas comunidades por medo de que outras pessoas possam duvidar da sua heterossexualidade.

No geral, as comunidades gays são manifestações de variados desejos. Entretanto, nos mil resultados disponibilizados pelo ORKUT quando se buscou pela categoria “Gays, Lésbicas e Bi”, as comunidades que possuem mais membros são as que se propõem a discutir preconceitos e mitos (principalmente que o gay deseja ser mulher); tentam desconstruir estereótipos; buscam relacionamentos duradouros (leia-se que a relação tenha amor). Fica evidente que existem centenas de outras que são ponto de encontro para troca de vídeos pornográficos, encontros e outros tipos de desejos sexuais e outras práticas (fetiche) que tanto a sociedade, como parcela dos gays, chamariam de promiscuidade. Mas, são menores em quantidade de participantes.

O discurso, que é comum nas comunidades, de um modo geral, é a afirmação que

ser gay não significa ser promíscuo (curtir só sexo, não ter compromissos) e que há a busca, pelo menos pela maioria, de uniões estáveis, duradouras, fieis e afetivas. Este é o *discurso comum*; porém, os debates revelam identidades diferenciadas a cada sujeito. Ninguém pensa completamente igual ao outro. Podem concordar em alguns pontos, porém, discordam em outros. São identidades em transformação e o debate com o outro; cada um expondo suas diferenças, contribuem para a eterna construção do “Eu”.

Qual é o conceito de gay mais evidente nas comunidades? Sujeito que, assim como qualquer outro, deseja amar e ser amado. Deseja respeito. Deseja que sua identidade seja reconhecida de forma positiva e não negativa (mesmo que, em alguns casos, inconscientemente eles, de certa forma, deixam transparecer em seus discursos, dúvidas sobre sua condição enquanto gay, como normal ou anormal); tentam construir modelos de existência próprios, pois ainda se observa que é presente, nas suas falas, dúvidas imensas sobre “si”; passam a impressão de uma identidade ainda mal resolvida. Se confundem muito nesse mundo que ainda não oferece lugar a eles; são reprimidos na maioria das vezes e não possuem ou não sentem na família apoio para se aceitarem.

Com relação ao contra-discurso, a comunidade “Homens que amam Homens” e seus integrantes ao denominar a comunidade dessa forma, tentam construir um contra-discurso do senso comum que afirma que gays são afeminados e/ou querem ocupar uma posição feminina e/ou adotar uma identidade de gênero feminina. A comunidade e seus participantes afirmam que são homens; com todas as características culturais que denotam masculinidade (roupas, ações, corpos), mas que, no entanto, sentem atração afetiva e sexual por sujeitos do mesmo sexo.

No tópico “Difícil... Muito difícil: namorar!” eles fazem críticas ao sexo pelo sexo e a promiscuidade. Esse questionamento e crítica feito por eles ao sexo casual, reflete um contra-discurso a sociedade, também presente muitas vezes na mídia, de que gays são promíscuos e só pensam em sexo.

Outro ponto que denota uma tentativa contracultural é o fato deles afirmarem sempre sua masculinidade, por meio dos discursos, ou mesmo, nas fotografias que revelam corpos viris, bem característico do imaginário que se tem do universo masculino. Existem os afeminados e os não afeminados; no entanto, ser gay, para eles, não significa a presença da identidade de gênero feminina em suas identidades. E, na maioria das vezes, esses trejeitos, que lembram gestos femininos, não significam um desejo de ser mulher.

Fica bem evidente qual identidade sexual e de gênero adotada pelos gays nessas comunidades. A identidade sexual revela uma atração por parceiros do mesmo sexo biológico. Enquanto que a identidade de gênero dos participantes está mais ligada a masculinidade pois, eles querem deixar claro sua virilidade e a negação e negam traços de feminilidade em seus corpos e suas subjetividades.

As relações de poder, presentes nas discussões, estão mais ligadas a um discurso dominante, exterior a comunidade *online*, do que uma relação de poder entre os participantes dos fóruns. Com isso, não se nega, aqui, que não haja relações de poder dentro da comunidade.

Porém, dentro dela, essas relações estão mais ligadas a uma guerra de discursos, no qual cada um, procura da melhor forma possível, compreender o significado da homossexualidade/homoafetividade em suas vidas.

Já as relações externas à comunidade; revelam uma política de resistência (FOUCAULT, 1979, 1982), dos gays que questiona a heterossexualidade como norma e coloca em discurso outras possibilidades de relacionamentos sexuais/afetivos. Nesse contexto, cria-se uma política da identidade das comunidades, a qual pretende combater a manifestação do discurso dominante, preconceituoso, vitoriano e histórico que tem interferido; em muitos casos, nas discussões dos membros das comunidades, a partir dos dispositivos normativos de poder presente na vida em sociedade.

Entretanto, essa política da identidade, conforme pontua Foucault (1982) não tem que partir de uma necessidade de criação de uma cultura própria para os gays. Nas palavras do autor: “eu não estou seguro de que nós devemos criar nossa própria cultura. Nós devemos criar uma cultura. Devemos realizar criações culturais”. Os movimentos sociais, dessa forma, completa Foucault, têm um papel muito importante para que as conquistas dos direitos, sejam eles quais forem, continuem aumentando.

No geral, a pesquisa foi muito produtiva e contribuiu para a reflexão sobre a temática no espaço da universidade para o amadurecimento teórico da mestranda. Mostrou também que o único instrumento capaz de vencer o preconceito é o conhecimento adquirido por meio da educação. Dessa forma, espera-se que essa pesquisa contribua para o combate ao preconceito e também mostre que os espaços *online* são ambientes que da mesma forma, ou até melhor que os espaços *off line*, podem produzir debates que geram informações e se transformam em conhecimento.

Por fim, acredita-se que participar de espaços online como esses contribuem para a reflexão dos sujeitos de diferentes movimentos sociais e aproximam pessoas de pensamentos e idéias semelhantes ou propiciam debates dos contrários. Acima de tudo, contribui para que as diferentes idéias sejam colocadas em discussão para que novos horizontes e novas formas de ver o mundo surjam a partir desses encontros, confrontos possibilitando a (re)construção de identidades.

REFERÊNCIAS

ALONGE, Wagner. “A rede e o ser: auto-afirmação identitária nos espaços de homocultura virtual”. Artigo apresentado no IX Folkcom. In: MARTINS, Isildinha e GOBBI, Maria Cristina. (org.) **Anais do UNESCOM**. Documento eletrônico. São Bernardo do Campo: UMESP, 2006.

ANJOS, Gabriele dos. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 02, n. 04, jul./dez. 2000, p. 274-305.

BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: _____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979, cap. 06, p. 96-122.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BAUDRILLARD, Jean. **A sombra das maiorias silenciosas : o fim do social e o surgimento das massas**. 3.ed. Sao Paulo: Brasiliense, 1993. 86 p.

_____. **Simulacros e simulação** . Lisboa: Relogio d'Agua, c1991.

BAUER, Martin W; GASKELL, George; GUARESCHI, Pedrinho. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAUMAN, Zygmund. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

_____. **Modernidade líquida** . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRAIDOTTI, Rosi. **A ética da diferença sexual: o caso Foucault**. Disponível em www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art08.html (O presente texto é a tradução da parte inicial do capítulo 4 de *Sujetos nômades* de Rosi Braidotti, publicado em Barcelona pela Editora Paidós em 2000. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento)

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151-174.

_____. El marxismo y lo meramente cultural. **A New Left Review**, n. 02, mai./junh. 2000, p.

109-121. Disponível em <http://www.portalcomunicacion.com/cat/aab_txt_det.asp?id_tl_temes=7>. Acesso em: 27 de novembro de 2008.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: _____. **O poder da identidade**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Cap. 1, p. 21-92.

_____. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In: _____. **O poder da identidade**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Cap. 4, p. 169-285.

CECCIM, Ricardo Burg. Réplica. **Interface** (Botucatu) vol.9 no.16 Botucatu Sept./Feb. 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DELEUZE, G. **Conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. Michel Foucault e a análise de discurso. In: _____. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001. Cap. 2, p. 61-88.

FAIRCLOUGH, Norman. Teoria social do discurso. In: _____. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001. Cap. 3, p. 89-131.

FARAH, Marta Ferreira Santos. Gênero e políticas públicas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 01, jan./abr. 2004, p. 47-71.

FERES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 mar. 2009.

FERNANDES, Guilherme Moreira. Folkcomunicação e Mídia Digital: a luta simbólica pela cidadania nos espaços de homocultura virtual. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste** – Juiz de Fora – MG. 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **A ordem do discurso**. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007b.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 15 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade 2: uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **Microfísica do poder**. 17.ed. Organização e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. Os corpos dóceis. In: _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1987. Cap. 1, Parte 3, p. 125-129.

_____. **Michel Foucault uma entrevista: sexo, poder e política da Identidade**. Entrevistadores: B. Gallagher e A. Wilson. Toronto, 1982. [Traduzida]. Disponível em: <[http://www.unb.-br/fe/tef/filoesco/foucault/sexpodident.html](http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/sexpodident.html)>. Acesso em Janeiro de 2009.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: _____. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. Cap. 04, cap. 87-115.

GOIS, João Bôsko Horta. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 11, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 26 Dec 2007.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Cultura: um conceito reacionário? In: _____. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1996. Cap. 1, p. 15-24.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Subjetividade e história. In: _____. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1996. Cap. 2, p. 25-126.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.

HALL, Stuart. Nascimento e morte do sujeito moderno. In: _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. Cap. 2, p. 23-46.

HARRAWAY, Donna; et al. **O Feminismo como crítica da cultura**. In: _____. **Feminismo em Tempos Pós-Modernos**. Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda., 1994, pp. 7-19. Disponível em <http://www.pacc.ufrj.br/heloisa/Introfem2.php>.

HELMINIAK, Daniel A. **O que a bíblia realmente diz sobre a homossexualidade**. São Paulo: Summus, 1998.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e Pós-Moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KURY, Lorelai. Os ideais de beleza. In: _____. **Ritos do corpo**. São Paulo: Senac São Paulo, 2000. Cap. 02, p. 15-26.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. **Cibersocialidade**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Disponível em: < http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/txt_and3.htm > . Acesso: 22 maio 2008.

_____. Arte da vida: diários pessoais e webcams na Internet. In: NTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/handle/1904/18835>> . Acesso em 18 de junho de 2008.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção TRANS).

LOREA, Roberto Arriada. Acesso ao casamento no Brasil: uma questão de cidadania sexual. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 14, n. 2, set. 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 mar. 2009.

LOUIS, Marie-Victoire. Diga-me: o que significa gênero. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 03, p. 711-724, set./dez. 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Rev. Estud. Fem.**, 2001, vol.9, no.2, p.541-553. ISSN 0104-026X.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. Cap. 04, p. 291-337.

MAFFESOLI, Michel. A terra fértil do cotidiano. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 36, ago. 2008.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ensaio & Teoria)

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Cia das letras, 1997

MANSO, Almudena García; FÉLEZ, José Luiz Anta. A identidade de gênero no ciberespaço e a Teoria Queer: uma visão das múltiplas identidades de gênero no cenário no virtual/real. In:

CONGRESSO ONLINE – OBSERVATÓRIO PARA A CIBERSOCIEDADE, 2006. Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?id=804&llengua=es>>. Acesso em janeiro de 2008.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia sabedoria**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 2.ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

NUSSBAUMER, G.M.. E-jovens: potencialidades da escrita de si. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Tipologia de discurso e regras conversacionais. In: _____. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 1996, p. 149-175.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PARISOTTO, Luciana et al. Diferenças de gênero no desenvolvimento sexual: Integração dos paradigmas biológico, psicanalítico e evolucionista. **R. Psiquiatr.** RS, v. 25, suplemento 01, abr. 2003. p. 75-87.

PÊCHEUX, Michel. A análise do discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas, SP: Unicamp, 1993, cap. 07, p. 311-319.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PERFIL dos internautas. **Diário da Manhã**, Goiânia, dez 2006. Disponível em: <<http://www.dm.com.br>>. Acesso em 24 dez. 2006.

PINO, Nádía Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. **Cad. Pagu**, Jan./June 2007, no.28, p.149-174. ISSN 0104-8333.

PLATÃO. **O banquete**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em Dezembro de 2008.

PRIMO, Alex. Perspectivas interacionais de comunicação: alguns antecedentes. In: PRIMO, Alex (Org.) et al. **Comunicação e interações**. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 9-15.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1978.

ROLNIK, Suely. **Toxicômanos de identidade**. [1997]. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Toxicoidentid.pdf>>. Acesso em 20 de março de 2008.

SÁ, Dênia Dória de. Uma visão homossexual da homossexualidade. **Científico**, v. 02, n. 06,

2006.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

SANTOS, Maria Inês Detsi de Andrade. Gênero como categoria analítica e social. In: _____. **Gênero e comunicação: o masculino e o feminino em programas populares de rádio**. São Paulo: Annablume, 2004. Cap. 0, p. 85-106.

SANTOS, Milton. A transição em marcha. In: _____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. Cap. 06, p. 141-174.

SILVA, Mozart Linhares da. Educação intercultural e pós-modernidade. **Revista Mal Estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 03, n. 01, p. 151-163, mar. 2003.

SILVA, Sérgio Gomes da. O Conflito identitário: sexo e gênero na constituição das identidades. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 10, n. 01, p. 70-85, jan./jun. 1999.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução Christine R. Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1991.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 5.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VAZ, Paulo. Consumo e risco: mídia e experiência do corpo na atualidade. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 03, n. 06, mar. 2006.

VIANA, Nildo (org.). Gênero e ideologia. In: _____. **A questão da mulher: opressão, trabalho e violência**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006. p. 41-56.

VIDAL, Marciano et al. **Homossexualidade: ciência e consciência**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, [1998]

ANEXO A – COMUNIDADES GAY DO ORKUT

orkut - Homens que amam Homens - Windows Internet Explorer

http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=103645

orkut - Homens que amam Homens

Homens que amam Homens

Início > Comunidades > Gays, Lésbicas e Bi > Homens que amam Homens

descrição: *Amor... que sentimento é esse que inspira as mais belas poesias, as mais belas pinturas, as mais nobres atitudes? que sentimento é esse que, mesmo ausente, tem tão grande poder? para os amantes, é força que os une... e os inebria. para outros, é força que os motiva numa busca incessante. há ainda aqueles para quem o amor é dor, a dor da perda... ou a dor de ser incompleto. mas é força! sempre é força!*

idioma: **Português**

categoria: **Gays, Lésbicas e Bi**

dono: Moderador HQAH

moderadores: Who's that boy!?, Pedro Henrique, "Poeta"*****

tipo: pública

privacidade do conteúdo: aberta para não-membros

membros (24080)

Alpha, Giancarlo!!!, Ricardo Hiroaki, Fábio, Síndri, Mister Devon, júH, Toninho, Amigo

comunidades relacionadas

Mulheres que amam mulheres, Homofobia é... Gays e homens

Concluido

Internet | Modo Protegido: Ativado

orkut - Eu apoio o Casamento Gay - Windows Internet Explorer

http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=509428

orkut - Eu apoio o Casamento Gay

Eu apoio o Casamento Gay

Início > Comunidades > Gays, Lésbicas e Bi > Eu apoio o Casamento Gay

descrição: *"Há coisas que vão contra a natureza, muito mais do que a homossexualidade, e que, no entanto, os humanos podem fazer, como ter uma religião ou dormir de pijamas" Magnus Enquist - Etnólogo da Universidade de Oslo*

Você concorda com a união entre pessoas do mesmo sexo?

Você é gay, lesbica, bissexual ou heterossexual convicto de sua sexualidade e quer lutar pelos direitos de uma minoria que cumpre seus deveres e exige ser respeitada?

Quer igualdade entre as pessoas???

Junte-se a nós nessa luta...

OBS: O casamento do título não remete a religiosidade, mas ao caráter civil do termo.

Mais uma coisa. Esta comunidade é para debates sobre o assunto, e não para propagandas que não tenham a ver com o tema, nem uma comunidade de paquera. Se seu objetivo é esse, procure outra comunidade.

Pergunta de Márcio Zanon em um dos tópicos:
Por que a nossa sociedade acha mais normal dois homens

membros (63965)

Amanda, Mariana, Fase Nova, Ju, Fabiano, Nani, Dorivan, ITALO, Simy

comunidades relacionadas

Políticos, Dinnidade lá, Héteros Sem

Concluido

Internet | Modo Protegido: Ativado

ANEXO B – LISTA DE TÓPICOS ANALISADOS

HOMENS QUE AMAM HOMENS				
Nº	TÓPICO	AUTOR	POST.	ÚLTIMA POST.
1	Tópico Bate Papo	Vinny	5708	31/07/08
2	Abaixa ou aumenta o som???	Gabriel	1456	31/07/08
3	FOTO DO ÁLBUM + LEGAL!!!	MARLON RUBENS	888	30/07/08
4	Non Sense	Rafael	612	30/07/08
5	O melhor do Perfil€ acima €h...	Colega	400	31/07/08
6	Erro:510	Pedro Henrique	254	23/05/08
7	DIFÍCIL...muito difícil: NAMORAR !	Fábio	173	08/04/08
8	Livre Associação	anônimo	168	24/04/08
9	talkshow na hqah (janeiro)	Who's that boy!?	158	01/02/08
10	Você já passou por isso? (Jogo)	anônimo	156	31/07/08
11	VOCE AMARIA UM CARA MUITO, MUITO POBRE?	anônimo	141	17/02/08
12	Frase!	Sérgio	127	29/07/08
13	o que o AMOR tem provocado em você atualmente?	anônimo	117	22/12/07
14	Quem ta aberto a novas amizades??	""O Tato O.o°	105	30/07/08
15	talkshow na hqah (1ª quinz./fevereiro/8)	anônimo	87	16/02/08
16	Erro:509	Pedro Henrique	76	18/06/08
17	Algum de vocês já amou?	anônimo	74	10/12/07
18	quem ousa beijar na rua ?	anônimo	72	24/07/08
19	O que você prefere na cama?	Johnny	71	21/07/08
20	Vocês acham que existe fidelidade entre homens???	anônimo	66	14/12/07
21	VIM AQUI PARA DIZER QUE.....	anônimo	66	05/03/08
22	Erro:510	Pedro Henrique	66	31/12/07
23	Erro:510	Rafael	59	15/04/08
24	O que vcs não detestam que uma homem faça na cama?	Leandro	58	20/02/08
25	Voce tem algum ídolo gay	Hoje é dia de se	54	30/07/08
26	Pegar Homem Feio é Legal?	Alan Sodré	51	31/07/08
27	Erro:510	anônimo	50	29/02/08
28	[i]HOMENS CASADOS PODEM AMAR OUTRO CARA?	Ricardo	48	12/01/07
29	O que fazer quando um gostosão dá em cima de vc?	anônimo	45	26/09/07
30	Namoro Sério	?\$* Jonathan	45	19/07/08
31	CARACTERÍSTICAS DO SIGNO ZODIACAL	anônimo	43	10/01/08
32	QUEM APROVA ESTA TEORIA??"... "DEDOS DE GAY", VLVGRANDE	GRANDE	42	11/02/08
33	O que vale entre 4 paredes e qual a sua fantasia ?	Johnny	41	27/11/07
34	Onde foi seu 1º beijo?	Fábio	40	19/06/08
35	Conselhos e música	anônimo	35	31/03/08
36	Estudo comprova que gays têm cérebro feminino	Pedro Henrique	34	03/07/08
37	TRÊS COISAS QUE ESPERO DE UM CARA.	anônimo	32	17/02/08
38	Confuso =~ Bíblia	Pedro Henrique	32	13/03/08
39	Homofobia está ganhando enquete em Rondônia	Thonny	31	31/07/08
40	Erro:510	Pedro Henrique	29	01/04/08
41	Erro:510	Pedro Henrique	29	04/05/08
42	Por favor....expliquem para nós...	?i? P???????	29	18/01/05
43	Opção sexual no perfil	Adriano Layevsko	28	17/03/08
44	COMO REAGIU SUA FAMÍLIA QUANDO SOUBE.	somosassim	28	31/07/08
45	Fidelidade existe no mundo Gay?	Alfredo	26	12/02/08
46	GOSTARIA MUITO D TER ALGUEM SERIO	Felipe	26	15/07/08
47	TER HIV ATRAPALHA?	anônimo	25	22/10/05
48	Nesta comunidade existe espaço para namoro?	anônimo	24	26/09/07
49	porque e tão difícil amar?	anônimo	24	11/05/05
50	Heteros são mais promíscuos?	anônimo	21	24/04/07
51	Alguem afim d conhecer outro...	Lucas	21	26/06/08
52	Dissertando sobre minha Opinião	[P²] De?LeY	20	22/05/08

EU APOIO O CASAMENTO GAY				
	TÓPICO	AUTOR	POST.	ÚLTIMA POST.
1	Medo de casamento	Alysson	222	28/03/07
2	vc tambem apoia a adoção gay?	Dinho	209	07/02/07
3	PETIÇÃO DO PROJETO DE LEI	Roger	150	21/05/06
4	Seus pais lhe apoiam?	Esse orkut	120	18/01/07
5	Geraldo Alckmin é a favor da união entre gays	Rodrigo	115	03/10/06
6	Vc é a favor da adoção de crianças por gays?	.lp.	77	29/04/07
7	Quero abrir uma POLEMICA... participem!	Faslala	59	07/06/06
8	mais de 90% dos gays não tem namorado!	femando	59	22/06/06
10	BRILHA ,BRILHA ESTRELINHA!!!	RICARDO	51	26/11/06
11	Gay, eu?!??	Alysson	50	31/01/07
12	Se vc pudesse escolher o que vc escolheria?	Faslala	48	31/07/06
13	quero casar.	Carlos	45	02/06/06
14	3 milhoes e nenhum direito	byzza	42	17/10/07
15	A Foto da comunidade.	Conrado	40	07/07/07
16	Casamento ou União Civil?	FABIO	39	18/04/08
17	Vamos discutir sobre os números da parada?	Hertúlio	38	22/06/06
18	Um choro que está preso no peito...	Udyson	36	14/10/06
19	Relacionamento homo, duração	Mairex	33	17/11/07
20	ME DESEJEM SORTE!!!!	? Caio	32	11/07/06
21	Alguém aqui vive uma relação estável?	B'to ?	31	22/09/05
22	Texto preconceituoso no jornal	flávio	31	16/09/07
23	programa do jo - Marcelo Crivela (homossexualidade)	Dinho	31	15/05/07
24	e a velhice gay?	femando	30	19/06/06
25	Filme perfeito	Udyson	30	10/11/06
26	Podem os Gays ter o Direito de Adotar Crianças?	????? ??????	29	06/06/08
27	Uma vergonha o número de assinaturas da petição	Léo	27	21/05/06
28	EU NASCI ASSIM, POR ALGUM MOTIVO!	-	26	10/10/07
29	O que mais irrita!	FABIO	26	30/04/07
30	Não quero filho gay, diz Isabeli Fontana	Victor Renazzi	25	11/07/08
31	GAYS SÃO MAIS FELIZES MORANDO FORA DO BRASIL?	JOÃO	25	06/07/08
32	O que vocês entendem por Relacionamento aberto???	Edson	24	25/05/08
33	Existe namoro gay	JOÃO	23	12/11/07
34	condenados a viver sozinhos	ednardo	23	19/07/08
35	tenho medo ...	Helinho	23	18/02/06
36	Parceria Civil pode ser votada em agosto	Guto	23	29/07/05
37	O amor gay é estéril?	Felipe	22	06/03/06
38	TEM VERGONHA NA CARA? ENTÃO LEIA! (importante)	Victor	22	23/03/07
39	pesquisa sobre casais gays?	femando	22	21/06/06
40	Alguem acredita no amor G?	Juliano	21	25/04/08
41	Volta	Alysson	21	05/12/06
42	Que Casamento Queremos?	Pedro	21	14/01/07
43	Lula, vergonha do Brasil! Abaixo a homofobia!	Séltton	20	10/04/06
44	Cantor do Grupo RBD casado com um homem.	Pedro	20	09/03/07
45	Eu Casei!!!	Jorge	20	08/08/06
46	vamos perguntar pra todos?	femando	19	04/07/06
47	Blog de um homossexual não assumido	Eduardo	19	19/05/08
48	VAMOS SEGUIR A BIBLIA?	Marcio	18	27/12/07
49	SEM PRECONCEITOS....	? Srtº Hartur	18	16/07/07
50	To decepcionado com essa comunidade!!!	Faslala	18	06/07/06
51	BRASIL!! ATRASADO COMO SEMPRE	Leonardo	18	23/01/07
52	Homofobia na Escola!	Bruno	17	04/08/06
53	É mto triste....	Alexandre	17	22/02/07
54	PRECISO DA OPNIÃO DE VOCES URGENTE!!!!	JOÃO	17	25/05/08
55	Caso Richarlyson	FABIO	17	16/08/07
56	Nova foto	Léo	16	19/08/05
57	Gays X Criação e educação de "seus" filhos	Allan	15	01/10/06
58	O totalitarismo gay (mais um absurdo)	flávio	15	03/05/07
59	é possível ?	Rodrigo	15	21/05/06
60	Heloisa Helena e o preconceito	Kaiser	15	30/09/06
61	por favor me respondam	R?y	15	20/01/07
62	Sou casado com homem	Rafa	15	30/07/08
63	pra que casamento gay?	Rodrigo	14	02/02/07
64	Preconceito desgraçado.	Esse orkut	14	12/03/07
65	Esse é um ano eleitoral	Johnny™	14	17/03/06
66	Retirada...	Jonathan	14	26/02/07
67	Ajuda ????	Pedro	14	05/01/07
68	Repolitizar a Parada JÁ!!!	Charlie	13	26/06/06
69	Absurdo mesmo ;/	Luis	13	24/10/07
70	Vc já manifestou tua opinião, e qual foi a reação?	Master	13	22/12/06
71	Gays amam, e você ama gays?	K@k@	13	29/10/06
72	Comunidade aberta	Pedro	13	21/01/07